



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KECYA NAYANE LUCENA BRASIL

**IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO: CONHECENDO AS NARRATIVAS DA
HISTÓRIA DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ICÓ-
CEARÁ**

FORTALEZA

2015

KECYA NAYANE LUCENA BRASIL

IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO: CONHECENDO AS NARRATIVAS DA HISTÓRIA
DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ICÓ-CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- T23i Tavares, Kecya Nayane Lucena Brasil.
Identities in construction : knowing the narratives of the life history of scrap collectors of materials recyclable in Icó-Ceará / Kecya Nayane Lucena Brasil Tavares. – 2015.
108 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Psicologia.
Orientação: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima.
- 1.Catadores de lixo – Icó(CE) – Atitudes. 2.Catadores de lixo – Icó(CE) – Condições sociais.
3.Reaproveitamento (Sobras,refugos,etc.) – Aspectos sociais – Icó(CE). 4.Trabalho – Aspectos sociais – Icó(CE). 5.Identidade social – Icó(CE). 6.Narrativas pessoais. I. Título.

CDD 305.93637282098131

KECYA NAYANE LUCENA BRASIL

IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO: CONHECENDO AS NARRATIVAS DA HISTÓRIA
DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ICÓ-CEARÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Renato Ferreira de Souza
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Profa. Dr. Zulmira áurea Cruz Bonfim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico aos catadores de materiais recicláveis que contribuíram com a construção desse trabalho, compartilhando suas histórias de vida, todas permeadas por muita luta e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Sinto uma imensa alegria e gratidão...

Agradeço primeiramente a Deus, que foi o principal responsável por essa conquista, que me orientou e me deu sabedoria para aprender e repassar os conhecimentos adquiridos. Além disso, fortaleceu minha fé para continuar e conquistar. Sei que todo o aprendizado fez e fará parte de minha história de vida, sendo percebido como indispensável na construção de minha identidade.

Ao meu esposo Francisco, meu companheiro, que me apoiou, me deu força e ânimo para concluir todo esse processo que foi instigante e ao mesmo tempo desafiador.

À minha mãe, minha amiga e companheira, que em todos os momentos esteve ao meu lado, me incentivando e me motivando. Ao meu pai, que sempre esteve disponível para me auxiliar no transporte quase que diário (roteiro Icó-Fortaleza), estando sempre comigo em tudo o que eu precisei.

Aos meus tios, Abimael e Zenilda, que me receberam em suas casas nesse período do curso e me trataram como uma filha com muito carinho e amor. Foi inesquecível os maravilhosos momentos que passamos juntos todo esse tempo. Vou sentir muita saudade dessa convivência diária.

À minha amiga e colega de curso Vânia, que se tornou muito especial, pois com ela conversei, brinquei e troquei muito conhecimento. À minha amiga e prima Bruna que sempre esteve ao meu lado apoiando e incentivando.

Ao professor Aluísio que, mesmo sem me conhecer, acreditou em mim, no meu potencial e me deu uma oportunidade. Agradeço por ser o melhor orientador que eu poderia ter, competente, responsável, compreensível e ético.

Ao meu professor de graduação Raul, que me incentivou a cursar o mestrado, sua participação nessa conquista foi significativa, pois seus ensinamentos me motivaram a não desistir.

Aos catadores que entrevistei e que se disponibilizaram a narrar suas histórias pessoais. Aos demais entrevistados, como o dono da empresa de limpeza pública da cidade de Icó e o dono do terreno em que o lixão fica depositado.

Meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram com mais essa conquista!

CANTO DE LUTA DO MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

PASSANDO A RASTEIRA NOS ÔME

Tamo cansado dessa vida de amargura
Ferro-velho e prefeitura querendo nos dominar
Levando fardo de cem quilo nas paleta
E o doutor com as suas canetas com mais leis pra
nos ferrar
O catador sabe que tem um movimento
Que prepara o enfrentamento para o poder
popular
Auto-gestão da cadeia produtiva
Ação direta todo dia pro socialismo alcançar
Vem catador
Pro movimento organizado
Pois unidos ficamos fortes
E não seremos mais explorados
Vem catador recuperar a dignidade
Lutando pra construir
o socialismo com liberdade!
Sou catador e sempre vivo num sufoco
Quando chove como pouco
E no verão só passo mal
Mas eu me ligo prefeitura e ferro-velho
Nos querem ver num cemitério
Ou numa cama de hospital
Separo tudo que encontro na minha mesa
Eu reciclo a natureza sem padrão pra nos mandar
Organizado eu tempero a rebeldia
E quando eu vejo a burguesia sei que é hora de
Lutar.

RESUMO

A identidade é o processo que leva à diferenciação do indivíduo de todos os outros, assim como o influencia na representação de diferentes papéis sociais, tornando-o único e semelhante ao mesmo tempo. Esse processo pode se construir através de formas de reconhecimento. O sujeito pode ser reconhecido pelo outro em seu valor, respeitado e admirado, mas também pode ser um reconhecimento perverso, quando há um processo de exclusão mascarado por uma falsa inclusão. A identidade do catador de material reciclável tem se destacado por um reconhecimento marcado por características de estigma e exclusão, isso devido às opiniões negativas que diminuem a atividade com o lixo. Esse reconhecimento parece estar se modificando. O catador tem alcançado um destaque nacional como importante agente ambiental. E isso porque a problemática do meio ambiente se tornou o centro das discussões mundiais, busca-se preservá-lo, a fim de garantir a sobrevivência do planeta. Uma das estratégias utilizadas no cuidado ambiental é a reciclagem (atividade exercida pelos catadores), processo que permite a reutilização do material descartado, diminuindo, assim, seu volume no meio. A presente pesquisa tem como objetivo compreender como está ocorrendo o processo de construção identitária dos catadores de materiais recicláveis que realizam suas atividades no lixão da cidade de Icó-CE, buscando, para isso, conhecer suas histórias de vida, o processo de reconhecimento nas relações sociais e suas experiências com o trabalho. A pesquisa tem uma perspectiva qualitativa. O método utilizado foi o de Narrativas de História de Vida, que surge como possibilidade para os indivíduos apresentarem suas identidades, vistas como metamorfoses em busca de reconhecimento. Três catadores participaram da pesquisa, Pedro, Marta e José. As histórias apresentadas destacam a presença de alguns personagens como: o trabalhador, o catador, o responsável pela família e o sonhador. Os catadores tiveram uma infância permeada pela escassez de alimento, falta de educação adequada, e trabalho infantil. A catação surge como alternativa ao desemprego e possibilidade de manter a sobrevivência da família. Verbalizam acerca de sua importância ambiental, mas, ao mesmo tempo, não percebem esse reconhecimento na sociedade. Na verdade, percebem um não reconhecimento, pois são desvalorizados e, por vezes, humilhados.

Palavras-chave: Identidade. Reconhecimento. Narrativas de História de Vida. Catadores de Material Reciclável. Meio Ambiente.

ABSTRACT

Identity is the process that leads to the differentiation of the individual to all others, as well as the influence on the representation of different social roles, making it similar to the one and same time. This process can be constructed by means of form recognition. The subject can be recognized by another in its value, respected and admired, but can also be a perverse recognition when there is a process of exclusion masked by a false inclusion. The identity of recyclable material collector has been highlighted by a recognition marked by stigma and exclusion characteristics, that because of the negative reviews that decrease the activity with the trash. This recognition seems to be changing. The collector has achieved national prominence as major environmental agent. This is because the issue of the environment has become the center of global discussions, we seek to preserve it in order to ensure the survival of the planet. One of the strategies used in environmental care is recycling (activity carried out by collectors), a process which allows the reuse of waste material, reducing its volume in the middle. This research aims to understand how is going the identity construction process of waste pickers who perform their activities in the city dump Icó-CE, seeking to know that their life stories, the recognition process in social relations and their experiences with work. The research has a qualitative perspective. The method used was the narratives of History of Life, which arises as a possibility for individuals to present their identities, seen as transformations in search of recognition. Three collectors participated in the survey, Pedro, Marta and José. The stories highlight the presence of some characters such as: the worker, the collector, the head of the family and the dreamer. The collectors had a childhood permeated by food shortages, lack of proper education, and child labor. The grooming is an alternative to unemployment and the possibility of keeping the family's survival. Verbalize about their environmental importance, but at the same time, do not realize this recognition in society. In fact, perceive a lack of recognition, they are devalued and sometimes humiliated.

Keywords: Identity. Recognition. Narratives of Life History. Recyclable Material Collectors. Environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Início da estrada que leva até o lixão.....	42
Figura 02- Lixão de Icó: disposição do lixo a céu aberto	42
Figura 03- Barracas construídas para descanso e alimentação	43
Figura 04- Catadores separando o material reciclável	43

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CAAE	- Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CMMAD	- Comissão Das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento-
CEP	- Comitê de Ética em Pesquisa
EPI	- Equipamentos De Proteção Individual
ITEPS	- Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPECE	- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
UFC	- Universidade Federal do Ceará
MNCR	- Movimento Nacional dos Catadores (As) de Materiais Recicláveis
OAF	- Organização de Auxílio Fraternal
ONGS	- Organizações Não Governamentais
ONU	- Organização das Nações Unidas
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, A Ciência e a Cultura
PNRS	- Política Nacional de Resíduos Sólidos
PNUMA	- Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente
PNS	- Pesquisa Nacional de Saneamento Básico
SDLR	- Secretaria do Desenvolvimento Local e Regional, Plano Diretor do Desenvolvimento Humano
SISNEP	- Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RECONHECENDO A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL	18
3 DA RESIGNIFICAÇÃO DO CATADOR DE LIXO AO RECONHECIMENTO DO CATADOR DE MATERIAIS RECICLÁVEIS	27
3.1 Conhecendo o catador	27
3.2 Luta por Reconhecimento: Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável	29
3.3 Uma questão de Identidade e Reconhecimento Social	31
3.4 Os catadores e as políticas de identidade	38
3.5 Quem é o Catador de Material Reciclável?	40
4 METODOLOGIA	42
4.1 Sobre a Narrativa de História de Vida	42
4.2 O passo a passo da pesquisa	44
5 O PERFIL DO CATADOR ICOENSE	52
6 CONTANDO HISTÓRIAS DE VIDA	54
6.1 Pedro e sua história de resignificação	54
6.2 Marta: uma mulher de sonhos	69
6.3 José, o menino e o homem de responsabilidades	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE	105

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa surgiu devido a uma prática de estágio extracurricular realizado na Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários (ITEPS). A ITEPS é um programa de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), cujo objetivo principal é apoiar e acompanhar empreendimentos de Economia Solidária na região do Cariri.

A ITEPS é constituída por membros docentes e discentes da UFC, assim como de outras instituições (federais, estaduais e particulares) de ensino superior da região. O programa tem o comprometimento de apoiar diferentes projetos sociais locais. Um desses projetos acompanhados foi a Associação Engenho do Lixo, esta localizada na cidade de Juazeiro do Norte, onde os catadores de material reciclável realizam um trabalho de catação e separação de materiais. O processo de aproximação da ITEPS com esta Associação foi feita através de visitas, reuniões, aplicação de questionários aos associados a fim de conhecer o perfil desse catador. Aqui ocorreu a primeira aproximação da pesquisadora com o tema da atual pesquisa.

Graças às ações da incubadora surgiu a oportunidade de conhecer a realidade de catadores que exerciam suas atividades nos lixões da cidade de Fortaleza-CE. Foram vários encontros e reuniões com catadores da capital. Perceberam-se algumas diferenças entre catadores que exercem a atividade em associações e cooperativas e os que a exercem nos lixões das cidades.

Com o ingresso da pesquisadora no mestrado, o tema catador de material reciclável não desapareceu, mas se intensificou, pois surgiram algumas inquietações sobre a história desses catadores, sobre quem eles são. Tudo isso levou à construção da presente pesquisa realizada com catadores de materiais recicláveis da cidade de Icó-Ce. O interesse agora era sobre a atividade realizada por catadores no lixão da cidade.

Icó foi escolhida como local de pesquisa, primeiramente, por ser uma cidade do interior cearense com poucas informações sobre a realidade de seus catadores. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui uma área de 1.871,995 km², estando localizada a 375 km da capital Fortaleza. O censo 2010 mostrou que sua população total é de 65.453 habitantes.

Em 2011, o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publicou os resultados de uma pesquisa sobre o perfil básico municipal de Icó. As informações afirmam que a palavra Icó tem origem no Tupi e significa água ou rio da roça. A

cidade foi criada em 1735 e se encontra localizada na região sudeste do estado do Ceará.

O seu território está dividido em 06 (seis) distritos, sendo Icó, Cruzeirinho, Icozinho, Lima Campos, Pedrinhas e São Vicente. Sobre a regionalização, a Macrorregião de planejamento é Cariri Centro-Sul, a Mesorregião é Centro-Sul Cearense e a Microrregião é Iguatu. Sobre a demografia, sabe-se que 46,54% residem na zona urbana, enquanto 53,46% vivem na zona rural. Quanto ao sexo: 48,71% são homens e 51,29% são mulheres.

A renda domiciliar per capita, com base no salário mínimo de R\$ 510,00 mostra que: 29,88% da população da cidade vive com até 1/4 desse salário; 28,81% recebe mais de 1/4 a 1/2 ; 26,31% tem renda maior que 1/2 até 1 do salário. Assim percebe-se que a maioria da população, aproximadamente 85% tem renda de até um salário mínimo. Observou-se ainda que 27,9% da população se caracteriza como extremamente pobre, ou seja, com renda domiciliar per capita mensal de até R\$ 70,00. A população residente no município com faixa etária de 15 anos ou mais é 6.264.131, destes, 18,78% são analfabetos funcionais. Uma elevada taxa ainda prevalece na cidade.

As características da cidade relatadas acima mostram as condições em que a população icoense se encontra com suas potencialidades e fragilidades todas necessárias para o conhecimento de sua identidade.

A cidade de Icó também foi escolhida por se caracterizar como polo do projeto Aterro Sanitário. Segundo a Secretaria do Desenvolvimento Local e Regional, Plano Diretor do Desenvolvimento Humano (SDLR), a cidade seria a cidade na região que receberia o aterro sanitário e onde todas as outras cidades próximas depositariam os resíduos de maneira adequada, buscando uma melhoria na qualidade de vida da população. Este fato diminuiria doenças, odores, gás metano e geraria emprego e renda através da coleta seletiva, reciclagem e composto orgânico.

Sobre o projeto supracitado, algumas informações foram levantadas com alguns moradores e trabalhadores da cidade. Estes afirmaram que tal projeto nunca chegou a ser implementado devido aos altos custos necessários para seu funcionamento. Assim, o que permanece é um lixão com grande concentração de resíduos. A cidade foi escolhida também por haver uma considerável concentração de catadores exercendo a atividade de catação no lixão.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como está ocorrendo o processo de construção identitária dos catadores de materiais recicláveis que realizam suas atividades no lixão da cidade de Icó-CE. Para isso, busca-se conhecer suas histórias de vida, o processo de reconhecimento nas relações sociais e suas experiências com o trabalho.

A identidade é o processo que leva à diferenciação do indivíduo de todos os outros, assim como o influencia na representação de diferentes papéis sociais, tornando-o único e semelhante ao mesmo tempo. Torna-se único ao possuir uma subjetividade e características que os diferem de todos os outros, e semelhante ao se identificar com o outro, a partir de seu olhar e reconhecimento.

A identidade pode-se formar através de formas de reconhecimento. O sujeito pode ser reconhecido pelo outro em seu valor, respeitado e admirado, mas também pode ser um reconhecimento perverso quando há um processo de exclusão mascarado por uma falsa inclusão.

De acordo com alguns autores, como Cunha (2009), Moraes (2009) e Carmo (2009), o catador de lixo tem construído identidades com características de estigma e exclusão, isso devido às opiniões negativas que diminuem a atividade com o lixo, uma vez que este está associado à sujeira e inutilidade.

Esse catador que por muito tempo teve sua identidade com características permeadas pelo estigma do lixo, parece estar adquirindo novas formas de reconhecimento. Lança-se sobre ele um olhar de importância ambiental, já que a problemática dos cuidados com a degradação da natureza vem ganhando espaço nas discussões mundiais.

O catador exerce uma enorme importância de utilidade pública ao retirar os materiais das ruas, lixões e aterros sanitários das cidades. (IPEA, 2013) Segundo Benvindo (2010), hoje, o catador pode ser reconhecido enquanto trabalhador e cidadão, já que ele passa a ser um importante ator econômico da reciclagem. Pereira (2013) relata que o Brasil é um país com deficiência de administração da coleta seletiva. Assim, o catador é extremamente necessário na atualidade e esta realidade tem levado a uma valorização e a um sentimento de orgulho dessa profissão.

Surge um catador inserido em uma nova categoria, reconhecida inclusive legalmente como Catador de Materiais Recicláveis. Esta é uma nova ocupação profissional, classificada como tal no Brasil, em 2002, pelo Ministério do Trabalho. Esse reconhecimento veio com o aumento das discussões nacionais e internacionais sobre os cuidados com o meio ambiente, destacando uma preocupação com os destinos do lixo, estes responsáveis por oferecer ou não uma maior qualidade de vida aos indivíduos. Dessa forma, o catador como profissional responsável por coletar o lixo que será reciclado e posteriormente reutilizado tem ganhado sua importância no cenário econômico e ambiental.

A identidade do catador apresenta-se com características negativas, mas também é uma atividade reconhecida legalmente e valorizada em sua importância ambiental. O catador

se encontra incluído no mercado de trabalho, mas excluído pelas próprias características da atividade, que é realizada sem as condições adequadas e sem o reconhecimento enquanto valor social. O catador tem vivenciado problemas de reconhecimento pessoal e de direitos enquanto cidadão brasileiro.

Faz-se necessário compreender mais especificamente o processo identitário dos catadores na cidade de Icó, a fim de ter clareza da real situação em que ele se encontra, pois só assim é possível criar estratégias de mudança dessa realidade, trabalhar a tomada de consciência por parte deles, de autonomia e autogestão e se for o caso construir uma luta por emancipação.

Velloso (2005) realizou um estudo sobre a exclusão de catadores (segmento social marginalizado) e sobre suas formas de inserção na sociedade. Percebeu que a inserção vai depender das alternativas de produção e organização que forem estabelecidas. Discute a necessidade de desenvolver a criatividade, a autonomia, autoestima e sentimento de pertencimento, possíveis dentro de associações ou cooperativas. Relata que os catadores, quando organizados em grupo, conseguem mudar a imagem negativa (vistos como marginais) que foi construída na sociedade.

O “lixo” e a “rua” aparecem como pano de fundo para a construção da política de identidade¹ desses indivíduos (OLIVEIRA et al., 2007; MEIRELLES; GOMES, 2008). Segundo Cunha (2009), a visão depreciativa que a sociedade possui do catador - de humilhação e vergonha - via de regra produz exclusão cultural, subjetiva, econômica e política, além da manutenção da marginalidade, segundo Meirelles e Gomes (2008, p. 11).

Contraditoriamente, essa política de identidade também sofreu transformações consideráveis ao longo dos últimos anos. O catador é um agente ambiental de extrema importância para o meio ambiente e para a economia. Nesse último caso, é possível pensar que a necessidade social da atividade do catador pode ser um elemento de modificação e servir de impulso para a superação da política de identidade (segregadora) negativa e limitadora.

Mesmo diante de uma política de identidade desvalorizada, vários catadores estão procurando se reunir em associações para tentar modificar a forma como são reconhecidos, buscando, assim, conquistar uma maior legitimidade social. Segundo Chanial e Laville (2009), a cada ano são criadas milhares de associações que funcionam a partir do princípio de

¹ Lembrando que “as políticas de identidade obedecem a razões político-estratégicas de determinados atores sociais, direcionando os relacionamentos entre os indivíduos e entre os diferentes grupos que integram uma dada sociedade” (LIMA, 2010, p. 186).

solidariedade e cooperação, influenciando na conquista de novos espaços e no exercício da cidadania. Além disso, para Leonello (2010), o Associativismo tem como desafio contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas e gerar seu desenvolvimento, utilizando para isso a convivência e a troca de experiência compartilhada por um grupo de iguais, em que há uma influência recíproca entre seus membros.

A cada dia, os catadores têm buscado mais alternativas para melhorar suas condições de trabalho, organizando-se em empreendimentos econômicos e solidários, aumentando assim suas possibilidades de acesso às Políticas Públicas. Percebe-se que as associações e cooperativas são utilizadas como alternativas à exclusão social. No caso dos catadores de Icó, esse movimento político e social ainda não está ocorrendo, mas sabe-se que pode ser pensado como estratégia utilizada na organização e inserção social dessa categoria.

Enquanto grupo, os catadores tem a possibilidade de lutar pela modificação dessa política de identidade estigmatizada, em busca de uma política de identidade diferenciada, capaz de produzir uma identidade com fortes fragmentos emancipatórios (com melhores condições socioeconômicas e com a construção de significado para sua existência) na qual eles possam ser reconhecidos como agentes de mudança ambiental.

Mesmo com esse crescente destaque dos catadores no Brasil e no mundo, eles ainda aparecem nas muitas pesquisas como plano de fundo, onde a figura é a vulnerabilidade, condições socioeconômicas e desigualdades sociais, e o sujeito catador com todas suas singularidades, desejos, valores... frequentemente desaparece. O estudo de identidade e da narrativa da história de vida permite conhecer essa outra perspectiva, que vai além das necessidades básicas, alcançando a história de ser humano representada pelo papel do catador.

Diante de todo o exposto, cumpre fazer o seguinte questionamento: Como tem ocorrido o processo de construção de identidades do catador de materiais recicláveis do Icó-CE?

Um pressuposto levantado nessa pesquisa foi que a identidade do catador icoense ainda é marcada pela exclusão e o não reconhecimento, porém, ela tem se transformado gradativamente ao longo dos anos, e isso devido à organização política e social da categoria, que vem trabalhando um reconhecimento de valor e de distribuição justa de riqueza.

Os principais conceitos discutidos foram: identidade, reconhecimento, reconhecimento perverso, política de identidade, narrativas de história de vida, meio ambiente e catadores de materiais recicláveis. Foram contemplados autores como Ciampa (1994), Honneth (2003), Lima (2010), Taylor (2005), Fraser (2007) e Portelli (1997).

2 RECONHECENDO A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

A ação do homem sobre o meio ambiente tem despertado a atenção mundial, já que o acelerado ritmo de destruição da natureza tem produzido resultados negativos. Estudiosos e pesquisadores buscam encontrar soluções reais para os problemas naturais como terremotos, tsunamis, vulcões, derretimento das geleiras, aumento do nível do mar, além de problemas sociais e econômicos, como a fome e as desigualdades, todos causados pelas inconseqüências do homem, que tem utilizado os recursos naturais de maneira irresponsável.

[...] a depredação deliberada do meio ambiente pode gerar efeitos catastróficos não apenas em termos ecológicos, mas também sobre as populações humanas. Ações estrategicamente planejadas para destruir uma parte importante do meio ambiente representam uma infração aos direitos humanos básicos das pessoas afetadas. A relação entre a segurança humana e um ambiente seguro e habitável é fundamental, em particular no que tange ao acesso aos recursos naturais. Se esse intrincado inter-relacionamento for perturbado de forma significativa pela ação deliberada de terceiros, as vidas ou as condições de vida daqueles que dependem do ambiente natural podem ser postas em risco, ou mesmo destruídas (FREELAND, 2005, p.119-120).

O homem mantém um relacionamento íntimo com meio ambiente e é parte integrante dele. Uma ação sobre o meio é uma ação sobre o homem. Proteger a natureza da destruição é proteger o próprio homem, dando-lhe segurança e qualidade de vida. Quando o ser humano entrou em contato com essa realidade e a percebeu enquanto fenômeno de investigação e atenção global, surgiu a possibilidade de retardar ou até mesmo reverter os efeitos negativos da degradação ambiental (SEIFFERT, 2014).

Os primeiros registros que mostram algum tipo de atenção significativa voltada a questões ambientais datam de algumas décadas atrás. No âmbito internacional, foi em 1968, que um grupo de pesquisadores de diferentes especialidades se reuniu em Roma, a fim de discutir questões políticas, econômicas e ambientais. O consumo desenfreado de recursos naturais no mundo era um dos temas favoritos de pesquisa do grupo. Os participantes da reunião, que já possuíam uma visão inovadora em relação aos prejuízos que a utilização em longo prazo desses recursos poderia causar, se comprometeram em conscientizar os líderes do mundo sobre as questões ambientais. Assim surgiu o Clube de Roma, a fim de desenvolver trabalhos sobre o meio ambiente, divulgando informações, discutindo sustentabilidade e publicando relatórios.²

Na década de 1970, as discussões sobre os cuidados com o meio ambiente se

² Disponível no site oficial do clube: < <http://www.clubofrome.org/?p=4771>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

intensificaram. Foi um período de crescimento tecnológico que trouxe avanços na medicina, informação e comunicação, mas também apontou prejuízos e perdas nas áreas sociais e ambientais.

Nesse período, o tema Meio Ambiente permeava o meio acadêmico. Cientistas integrantes do Clube de Roma - Dennis e Donella Meadows – publicaram, em 1972, o relatório que ficou mundialmente conhecido como Limites do Crescimento. Este estudo afirmava que se os níveis de crescimento populacional e de industrialização, assim como o consumo ilimitado de recursos naturais, fossem mantidos nos níveis que estavam na época da pesquisa, pois, em menos de 100 (cem) anos, os recursos chegariam ao limite de crescimento (ALMEIDA, 2002).

A pesquisa acima chamou a atenção do mundo e o meio ambiente passou a ser o foco de pesquisas e discussões não só da academia, mas também dos governos mundiais. Diante dessa nova realidade, a Organização das Nações Unidas (ONU) começou a atentar para os problemas ambientais que já se apresentavam como realidade principalmente nos países desenvolvidos que sofriam com os problemas do pós-guerra e da acelerada industrialização. Diante deste cenário, a ONU convocou, em 1972, em Estocolmo, a conferência das Nações Unidas, que resultou na Declaração de Estocolmo sobre o ambiente humano. A partir desse encontro, as questões ambientais ganham visibilidade pública (JACOBI, 1999).

A Declaração de Estocolmo apresenta o homem como criador e criatura do meio ambiente, responsável pela transformação acelerada da natureza, gerando poluição na água, ar, terra e seres vivos em geral, desequilíbrio ecológico, utilização sem limites de recursos naturais, além de danos à saúde psicossocial do homem. Alerta ainda para a necessidade de conscientização dos povos sobre as ações que podem gerar prejuízos sobre o ambiente. Afirma que todos devem lutar contra a poluição, atentando para o descarte de substâncias tóxicas e outros materiais para que não prejudiquem a saúde do homem.³

Foi na conferência supracitada que a temática obteve repercussão internacional e, pela primeira vez na história, os países componentes da ONU se reuniram para discutir e encontrar alternativas para a questão ambiental. Foi um momento em que se pôde identificar e perceber as diferenças entre países ricos e pobres, ou melhor, aqueles que usufruíam dos recursos e os que não tinham acesso pleno a eles (CAPOBIANCO, 1992).

³ ONU. Declaração da Conferência de ONU no Ambiente Humano. Estocolmo, 1972. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc>. Acesso em: 25 fev. 2015.

Durante todo o período do encontro, as diferenças entre os países e a busca por espaço e poder foi intensa:

Grosso modo, os países pobres responsabilizavam os países ricos pela maior parte da degradação global, promovida por um modelo predatório de crescimento, e transferia para eles as iniciativas e os investimentos necessários à sustentabilidade. Os países ricos, por sua vez, viam o crescimento populacional e a poluição gerada pela pobreza como os motivos principais do problema e resistiam a todas as sugestões que pudessem representar limites à sua expansão (LIMA, 2003, p.104).

Na reunião de Estocolmo, de um lado apresentavam-se os países industrializados, que já sofrendo os efeitos da poluição ambiental, sugeriam o controle em relação à utilização de recursos naturais; do outro, os países não industrializados que não aceitavam essa imposição de limite de crescimento, pois queriam experimentar esse desenvolvimento tão esperado e desejado. Os representantes do Brasil mantiveram uma posição de desconfiança em relação aos acordos internacionais sobre o meio ambiente e não aceitaram o projeto dos países desenvolvidos que parecia querer barrar o desenvolvimento dos países não industrializados ou em processo de industrialização (CAPOBIANCO, 1992).

O referido autor afirma que a conferência de Estocolmo contribuiu para que os países industrializados saíssem da reunião com o objetivo de implantar sistemas de controle ambiental. Além disso, resultou em uma declaração de princípios e na criação do Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (PNUMA). Já no Brasil foi criada a Secretaria Especial de Meio Ambiente, pensada apenas a fim de responder as pressões internacionais surgidas depois das declarações do governo em prol do crescimento e desenvolvimento industrial do país.

Segundo Lago (2006, p. 48):

A maioria dos autores considera que as principais conquistas da Conferência de Estocolmo – independentemente dos êxitos ou derrotas de países específicos ou de grupos negociadores – teriam sido as seguintes: a entrada definitiva do tema ambiental na agenda multilateral e a determinação das prioridades das futuras negociações sobre meio ambiente; a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA (UNEP, pelas iniciais em inglês); o estímulo à criação de órgãos nacionais dedicados à questão de meio ambiente em dezenas de países que ainda não os tinham; o fortalecimento das organizações não-governamentais e a maior participação da sociedade civil nas questões ambientais.

Depois de realizada a Conferência de Estocolmo, segundo Capobianco (1992), a rigidez das leis ambientais que começou a entrar em rigor nos países industrializados levou grandes empresas poluidoras a migrarem para países que não estavam dispostos a se

preocupar com as questões da preservação ambiental. O Brasil é um exemplo de país que se disponibilizou a receber tais empresas e, junto com elas, lixo tóxico e perigoso.

A poluição passou a ser presente em quase toda parte do planeta. Os países ricos já haviam poluído intensamente e agora havia chegado a vez dos países pobres, que se empenhavam em desempenhar bem o papel de poluidor. Nesse período “Começam a surgir os primeiros problemas globais. Poluição transfronteiriça, buraco na camada de ozônio, destruição em massa das florestas tropicais e poluição dos oceanos” (CAPOBIANCO, 1992, p.14).

A reunião de Estocolmo colocou em pauta ainda o papel da educação nesse processo, capaz de informar e trabalhar a conscientização da humanidade sobre os problemas ambientais, contribuindo para a responsabilização das pessoas e dos governos mundiais sobre o tema.

Os inúmeros efeitos da poluição no mundo começam a chamar a atenção de diferentes perspectivas, da economia, da política, e também da educação. Assim, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura (UNESCO) promoveu, no ano de 1975, em Belgrado (Iugoslávia), o Seminário Internacional de Educação Ambiental. O encontro teve como objetivo discutir a necessidade de incentivar e trabalhar a educação ambiental no mundo, buscando um crescimento econômico sem prejuízos sociais e ambientais. Do encontro resultou a Carta de Belgrado, que enfatizou a ética global, responsável por atentar para o lugar do homem na natureza, respeitando-a e diminuindo o máximo possível a sua degradação. A Carta definiu a Educação Ambiental como um tema multidisciplinar. (FERREIRA, 2010)

Dois anos depois, em 1977, em Tbilisi, Georgia, ocorreu a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, que declarou a importância fundamental da educação na estimulação de comportamentos positivos em relação à preservação do meio ambiente, valorizando os aspectos éticos. Destacou, ainda, a responsabilidade dos meios de comunicação no esclarecimento sobre os principais problemas que a humanidade tem enfrentado a fim de melhorar as condições de vida e ambiental.⁴

Observa-se que a questão da educação ambiental aparece como chave capaz de abrir a compreensão do homem para o cuidado e a proteção do meio ambiente, tornando-se, na perspectiva desses encontros nacionais e internacionais, no melhor caminho para trazer de volta o equilíbrio homem-natureza.

⁴ UNESCO- Conferência de Tbilisi, 1975. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/deds/pdfs/decltibilisi.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

Com as discussões crescentes sobre o tema, além do surgimento de pesquisas apresentando a destruição e a poluição, assim como os efeitos negativos do desenvolvimento, começou-se a entender que a questão ambiental é uma realidade séria e verdadeira. Diante disso, em 1983, a ONU criou a Comissão das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que encarregou o presidente Gro Harlem Brundland de construir “uma agenda global para mudança”. Uma agenda capaz de, em longo prazo, propor mudanças relacionadas aos cuidados ambientais, e para ser colocada em prática nos anos seguintes. Eis outros objetivos a serem alcançados: construir estratégias, pensadas em longo prazo, para obter um desenvolvimento sustentável e trabalhar a cooperação dos países desenvolvidos e em desenvolvimento acerca de objetivos comuns em relação aos cuidados ambientais (CMMAD, 1991).

Ao escrever o relatório o “Nosso Futuro Comum”, em 1987, a presidente da Comissão de Brundland afirmou que, para construí-lo, percorreu diversos países do mundo, conheceu opiniões, valores e crenças diferenciadas, participou encontros, reuniões e debates a fim de ter um conhecimento amplo da situação ambiental no mundo e observou que:

No tocante ao desenvolvimento, há, em termos absolutos, mais famintos no mundo do que nunca, e seu número vem aumentando. O mesmo ocorre com o número de analfabetos, com o número dos que não dispõem de água e moradia de boa qualidade, e nem de lenha e carvão para cozinhar e se aquecer. Amplia-se em vez de diminuir- o fosso entre nações ricas e pobres, e, dadas as circunstâncias atuais e as disposições institucionais, há poucas perspectivas de que essa tendência se inverta (CMMAD, 1991, p. 2).

O relatório veio propor outro tipo de desenvolvimento econômico, interligado ao desenvolvimento ambiental, um desenvolvimento sustentável, ou seja, capaz de garantir “as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também as suas.” Assim define-se como “um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, a orientação dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão de acordo com as necessidades atuais e futuras” (CMMAD, 1991, p. 9-10).

A CMMAD (1991) afirma que, para existir um desenvolvimento sustentável, faz-se necessário que todos tenham atendidas suas necessidades básicas, mas sem pôr em risco os recursos naturais que geram a vida como água, atmosfera e seres vivos. O desenvolvimento sustentável apresenta uma questão complexa a ser atingida, já que, atualmente, ao utilizar todos os recursos naturais disponíveis o desenvolvimento ainda não alcançou a todos os

países do mundo, e muito menos a todas as pessoas nele presentes, pelo contrário, tem produzido desigualdade e exclusão social.

Com a conclusão das pesquisas da CMMAD houve a convocação da conferência ambiental conhecida como Rio-92 ou ECO-92, realizada em junho 1992 no Rio de Janeiro. A Rio-92 permitiu uma avaliação da situação mundial em que o meio ambiente se encontrava 20 anos após a Conferência de Estocolmo.

A Rio-92 foi um evento de notoriedade global, que contou com a participação de 178 países e 114 chefes de governo. O evento ocorreu em dois espaços diferenciados, no Riocentro, ocorreu a reunião da Cúpula da Terra, onde os representantes oficiais dos países se reuniram para discutir e tomar decisões. Estes tinham poder de tomada de decisões diplomáticas e firmar acordos internacionais. No Aterro do Flamengo ocorreu o Fórum Global, reunindo ONGs e movimentos sociais, a fim de debater o tema e comemorar o evento do desenvolvimento sustentável. Como resultado das reuniões, foram elaborados três principais documentos: Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; Declaração de Princípios sobre Florestas; Agenda 21 (OLIVEIRA, 2012).

A Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento estabeleceu 27 princípios que tratavam da questão da proteção ambiental e da participação dos Estados, a fim de garantir o desenvolvimento sustentável, destacando o equilíbrio homem-natureza.⁵

O documento Declaração de Princípios sobre Florestas colocou em questão o manejo, conservação e desenvolvimento sustentável de todos os tipos de florestas e em todas as regiões geográficas e zonas climáticas.⁶

A Agenda 21⁷ é um documento contendo 40 capítulos, cada um com uma temática ambiental diferente, mas ao mesmo tempo integradas. Eis algumas das questões apresentadas: desenvolvimento sustentável, pobreza, consumo, proteção e promoção da saúde, desflorestamento, desertificação e seca, conservação da natureza e da diversidade biológica, manejo de resíduos, ação mundial da mulher, infância e juventude, reconhecimento dos índios, organizações não governamentais, comércio e indústria, trabalhador, educação.

O capítulo 21 da Agenda 21 apresenta uma discussão interessante a ser tratada por todos os presentes na reunião e, posteriormente, por todo o mundo. Trata-se do manejo

⁵ Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/documentos/convs/decl_rio92.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015.

⁶ Declaração de Princípios sobre Florestas. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/agenda21/Declaracao_de_Principios_sobre_Florestas.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015.

⁷ Conferência das Nações Unidas. Agenda 21 Global. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

ambientalmente saudável dos resíduos sólidos, uma das estratégias encontradas para deter e inverter a degradação ambiental, assunto que, até então, não havia obtido o cuidado merecido e que a cada dia só crescia e se tornava mais problemático.

O documento acima compreende os resíduos sólidos como “todos os restos domésticos e resíduos não perigosos, tais como os resíduos comerciais e institucionais, o lixo da rua e os entulhos de construção”. O texto apresenta quatro estratégias necessárias para o manejo dos resíduos: sua redução ao mínimo possível, diminuindo o consumo; seu depósito e tratamento ambientalmente saudável; ampliação dos serviços de coleta e depósito; sua reutilização e reciclagem.

Percebe-se que a Rio-92 foi um encontro amplo que tratou de diferentes temas ambientais e, pela primeira vez, a reciclagem de resíduos ganhou destaque internacional, graças a sua relevância na preservação da natureza.

Mas o que é a reciclagem? Segundo Pinhel (2013, p. 23-24) a reciclagem “é um conjunto de operações interligadas cuja finalidade é a reintrodução dos materiais recicláveis nos processos produtivos. Uma vez submetidos a elas, passam a ser insumos para a produção de novos produtos”. A questão dos resíduos sólidos começou a ser notada e analisada por diferentes países que se comprometeram com a Agenda 21, sendo que todos deveriam se responsabilizar pela produção e depósito adequado desses resíduos a fim de cuidar do meio ambiente.

Diante desta realidade, em 02 de agosto de 2010, foi criada, no Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei 12.305/2010. A lei dispõe sobre a gestão integrada e sobre o gerenciamento de resíduos sólidos, além de apresentar as responsabilidades dos atores envolvidos na sua produção, consumo e descarte. Através da referida lei, percebe-se a importância do desenvolvimento sustentável, que é apontado como um princípio a ser trabalhado, assim como o reconhecimento dos resíduos que devem ser reutilizáveis e recicláveis, contribuindo, assim, para a qualidade de vida e a geração de trabalho e renda.

Quando se trata de objetivos, a PNRS busca proteger a saúde pública e a qualidade ambiental, assim como a não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento e disposição final adequada dos resíduos sólidos. Além de tudo isso é garantida a importância do catador de materiais recicláveis como responsável pelo ciclo de vida dos produtos.

O tema dos Catadores de Materiais Recicláveis, assim como o da sustentabilidade, foi foco de discussão em diferentes conferências ambientais em todo o mundo. Os debates sobre os temas acima passaram a ser cada vez mais frequentes entre pesquisadores, governantes, empresas, que se comprometeram em buscar uma sociedade sustentável:

Houve, sem dúvidas, um enriquecimento do debate sobre meio ambiente em diferentes esferas, como a governamental, não-governamental, empresarial, acadêmica e científica, porém não se alterou a forma de apropriação e de produção do espaço e não se efetivou, pelo menos até o momento, a utopia da sociedade sustentável (OLIVEIRA, 2012, p. 35).

Mesmo com todo o histórico de discussão sobre o meio ambiente e as necessidades de preservá-lo, uma sociedade sustentável ainda parecia distante da realidade que se apresentava nos diferentes países do mundo, principalmente em países não desenvolvidos e em desenvolvimento.

A fim de buscar a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável no mundo, a partir de uma avaliação dos avanços, dificuldades e problemas que impediram o seu desenvolvimento, assim como da discussão de temas novos e de alternativas adotadas e implantadas, foi que a ONU agendou para junho de 2012, a Conferência Rio +20, que seria realizada no Rio de Janeiro (Brasil). (GUIMARÃES; FONTOURA, 2012).

A Rio +20 foi um evento internacional que contou com a presença 193 países, mais de 100 chefes de Estado e 12.000 delegados oficiais. Os encontros foram realizados em dois espaços paralelos: na Cúpula das Delegações, que reuniu representantes do governo, palestrantes, além de chefes de Estado e de Governo; e na Cúpula dos Povos, que reuniu membros da sociedade civil e coletivos em geral. A Rio+20 “é o resultado de décadas de evolução da questão ambiental, com a paulatina consagração do desenvolvimento sustentável e consolidação do binômio economia-ecologia sob o manto da chamada ‘Economia Verde’” (OLIVEIRA, 2014, p. 03).

O referido evento apresenta o meio ambiente como alvo de discussões e projetos internacionais pensados através de pesquisas e levantamento de alternativas para manter um ambiente saudável e reverter os danos já provocados. Como parte dessas intervenções ambientais está o cuidado com a disposição final adequado dos resíduos produzidos no mundo. No Brasil, atualmente, existem três⁸ maneiras mais comuns de disposição de resíduos: lixão, em que os resíduos ficam a céu aberto, sem qualquer planejamento para diminuir os impactos ambientais; aterro sanitário, onde o solo é preparado para receber os resíduos, o chorume liberado pelo material e os gases gerados pela decomposição, que são tratados adequadamente e; aterros controlados, que se caracterizam por serem intermediários entre o lixão e o aterro sanitário, já que buscam aterrar os resíduos, a fim de evitar a proliferação de doenças e de animais no local.

⁸ Disponível em: < http://www.aipan.org.br/conteudo/biblioteca/horah_07_09_12.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Percebe-se que os lixões ainda são o principal depósito de resíduos no Brasil, isso devido ao alto custo exigido para implementação dos aterros sanitários, investimento ainda não disponibilizado pelos municípios brasileiros. Segundo Mucelin e Bellini (2008, p. 113), a disposição inadequada dos resíduos é capaz de provocar “contaminação de corpos d’água, assoreamento, enchentes, proliferação de vetores transmissores de doenças, tais como cães, gatos, ratos, baratas, moscas, vermes, entre outros. Some-se a isso a poluição visual, mau cheiro e contaminação do ambiente”.

O lixão caracteriza-se como um espaço de descarte de resíduos sólidos, orgânicos, perigosos, assim como os tóxicos das diferentes cidades. Todo esse material tem se transformado em principal fonte de renda de uma parcela considerável da população brasileira: os catadores de materiais recicláveis. Estes têm contribuído com a retirada de muitos resíduos sólidos do meio ambiente que levariam anos para se decompor.

Os catadores apresentam-se como uma categoria profissional no Brasil que a cada dia ganha destaque com a elaboração de documentos governamentais que afirmam sua importância e a necessidade de sua inclusão política, econômica e social. Mas quem são os catadores de materiais recicláveis, como eles surgiram e por quê?

3 DA RESIGNIFICAÇÃO DO CATADOR DE LIXO AO RECONHECIMENTO DO CATADOR DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

3.1 Conhecendo o catador

A história da catação no Brasil data da década de 1950, segundo Silva (2006), surgiu em um período em que as condições econômicas do país eram precárias e havia um crescente número de desempregados e miseráveis. A mão de obra excedia a demanda do mercado. As pessoas catavam a fim de garantir o seu próprio sustento e o sustento de sua família.

Segundo Pinhel (2013), desde o início da industrialização no Brasil, século XX, com o advento da indústria gráfica, já se reciclava o papel. Nessa época também se destacava a figura do garrafeiro que comprava garrafa e sucata. Com o passar dos anos surgiu a figura do catador que, devido ao crescente consumismo e ao desemprego, começou a catar nas ruas das cidades e sem pedir nada em troca a ninguém.

O documento “A Cartilha: o Catador é legal, um guia na luta pelos direitos dos Catadores de Materiais Recicláveis”, elaborado pelo MNCR (2005) trás um tópico relatando um pouco da história da catação. Nela, o catador aparece como resultado de uma industrialização desigual, que favoreceu a desigualdade social ao mobilizar o deslocamento do homem para a zona urbana sem nenhum planejamento, sem emprego, sem moradia e sem educação. Tais condições levaram-no a buscar seu sustento nas ruas e nos lixões das cidades:

Os Catadores são fruto desse grande número de trabalhadores que percorreu as cidades sem emprego, fazendo bicos, trabalhando na construção civil e em outras atividades informais, muitas vezes sem nenhum reconhecimento, invisíveis à sociedade. Nos últimos 70 anos, encontraram uma forma de sobrevivência: nas ruas das cidades ou nos lixões, a partir da catação de materiais descartados⁹.

Observa-se que o catador tem um histórico de desemprego, de trabalho informal e de não reconhecimento social. A atividade por muito tempo foi realizada como meio de sobrevivência de pessoas excluídas e marginalizadas. Segundo o MNCR (2005), o catador se caracteriza como a camada social mais pobre, marginalizada e excluída da população brasileira, apresentando um histórico de sofrimento e injustiça social.

Logo quando o catador começou a exercer sua atividade, ele era identificado como catador de lixo, ou seja, de algo descartável, sem valor, sujo e fedorento. Alguns autores

⁹ Cartilha disponível em no site do MNCR: <<http://www.mncr.org.br/mais-conteudo/instrumentos-juridicos/manuais-e-publicacoes/o-catador-e-legal#>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

como Oliveira et al. (2007), Meirelles e Gomes (2008), Carmo (2009) e Cunha (2009), afirmam que, historicamente, a imagem do catador foi associada ao próprio lixo. Para eles, a identidade do catador foi sendo construída a partir de características negativas, depreciativas, que o desvalorizou e o excluiu socialmente por um bom tempo.

Os mencionados autores apresentam o catador como se este estivesse marcado por um estigma capaz de diferenciá-lo dos outros da sociedade. O catador seria o diferente, colocado à margem, excluído socialmente. Goffman (2004) descreve o estigma como uma marca negativa, depreciativa, capaz de fazer toda a diferença quando o indivíduo encontra-se nas relações sociais. A sociedade dominante dita às normas, as regras e valores e tudo aquilo que não se adequar é excluído.

A questão da estigmatização não se resume apenas ao nível individual de pessoas que manifestam desprezo por outras, mas em nível de grupo, ou seja, os membros de um grupo estigmatizam os de outro não por suas características individuais, mas por eles fazerem parte de um grupo considerado diferente e inferior (ELIAS, 2000). Assim, o catador, enquanto fazendo parte de um grupo com características inferiores, é estigmatizado não apenas em nível individual, mas vai além. Significa dizer que seu estigma é compartilhado pelos outros membros do grupo que o representa.

O MNCR destaca claramente que a categoria por muito tempo foi excluída e, ainda hoje, muitos se encontram nessa situação:

Nossa categoria é historicamente excluída da sociedade e muitos catadores(as) ainda sobrevivem de forma precária em lixões e nas ruas. O trabalho de coleta de materiais recicláveis significa garantir alimentação, moradia e condições mínimas de sobrevivência para uma parcela significativa de nosso povo brasileiro¹⁰.

Percebe-se ao longo da história que essa identidade do catador, permeada por características negativas, tem se transformado à medida que as questões ambientais ganham espaço nas discussões mundiais. As conferências, eventos e documentos mencionados trazem a necessidade urgente do cuidado ambiental. Busca-se garantir a toda humanidade os direitos básicos para a sobrevivência igualitária sem degradar ou destruir o meio ambiente. Toda essa divulgação ambiental traz uma mudança na maneira de perceber o meio em que o homem vive. Ele passa a ser observado como fonte de vida, de sobrevivência, assim como de geração de renda. Neste contexto, a figura do catador surge como um personagem indispensável na busca por um ambiente mais saudável e menos degradado.

¹⁰ Disponível no site do MNCR: <http://www.mncr.org.br/box_1/sua-historia>. Acesso em: 20 jun. 2015.

Foi a partir de 1990 que houve uma acurada divulgação do trabalho do catador e este passou a ser percebido pelo Estado Brasileiro. Sua inclusão foi intensificada nos projetos e programas do governo, social, saúde, incubadoras, universidade e outros. A partir daí foi despertada a atenção por organizá-los em grupos, a fim de alcançar um fortalecimento, certa independência e autogestão. Começaram a surgir as associações e as cooperativas de trabalho, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida desses trabalhadores (PINHEL, 2013).

Assim, a identidade do catador pareceu começar a adquirir características positivas, sendo que se pode pensar até em fragmentos de reconhecimento legal e social. Há uma tentativa de resignificar o conceito de catador de lixo em prol de um catador de materiais recicláveis, este último mantendo uma imagem associada ao cuidado ambiental e ao trabalho normatizado.

3.2 Luta por Reconhecimento: Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável

À medida que as discussões sobre o cuidado com o meio ambiente cresciam no Brasil, os catadores começaram a se organizar enquanto movimento político, buscando ser livre da opressão, dominação e exploração da sociedade capitalista. Os catadores iniciaram sua busca pelo protagonismo social. Foi assim que, no final de 1980, a Organização de Auxílio Fraternal (OAF) começou a organizar em São Paulo uma cooperativa de catadores autônomos, chamada COOPAMARE. Já na década de 1990, muitas reuniões começaram a ser realizadas em diferentes localizações (PINHEL, 2013). No ano de 1999, alguns catadores decidiram se reunir no 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel. Como resultado do evento surgiu o Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR, 2005).

A fundação do MNCR ocorreu em 2001, durante o 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis, em que aproximadamente 1.700 catadores estiveram reunidos. Durante o evento, os catadores construíram um documento chamado “Carta de Brasília” que solicitava perante o Congresso Nacional a regulamentação da profissão: Catador de Materiais Recicláveis. (MNCR, 2001)

O MNCR surgiu com o objetivo de unir a classe, garantir seu protagonismo social, assim como sua independência e participação popular, outros objetivos são:

A coleta de materiais recicláveis feita por catadores; O pagamento aos catadores pelos serviços de coleta de materiais; O controle dos catadores sobre a cadeia

produtiva de materiais recicláveis; A conquista de moradia, saúde, educação, creches para os catadores e suas famílias; O fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos. (MNCR, 2005).

Tinha como missão, buscar um reconhecimento, inclusão e valorização do trabalho dos catadores, além disso, o movimento contribui para a construção de uma sociedade sustentável e justa. Além disso, lutam para construir um poder popular de caráter autogestionário, participação direta e independência da classe.

Graças à organização dos catadores, a categoria foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho como uma atividade profissional “[...] através do Decreto 397, publicado no Diário Oficial da União em 10 de outubro de 2002, sendo sua atividade identificada como ocupação brasileira, sob o código 5192-05, e recebeu como denominação o seguinte título: ‘Catadores de Materiais Recicláveis’” (BASTOS, 2008, p. 15).

Agora, os catadores de lixo são reconhecidos como catadores de materiais recicláveis, identificados como sendo aqueles que coletam e reciclam os resíduos sólidos. Credita-se também a eles a responsabilidade por contribuir para que o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico coexistam (SILVA, 2006).

Todas as conquistas alcançadas desde a fundação do MNCR levaram-no a expandir seus objetivos e lutar para conquistar mais direitos políticos e econômicos. Em 2003, o MNCR resolveu unir forças com catadores da América Latina e, para isso, realizou, no Rio Grande do Sul, o 1º Congresso Latino-americano de Catadores, do qual resultou a Carta de Caxias do Sul¹¹, que apresenta 18 (dezoito) compromissos. Um deles é fortalecer o MNCR e buscar a organização dos catadores em cooperativas e associações, a fim de superar a fome e a exclusão social. Observou-se uma mobilização política em busca de reconhecimento e de direitos.

O fortalecimento dos catadores permitiu sua entrada na agenda governamental. Em 2003 surgiu o Comitê Interministerial da Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis, com a finalidade de promover a qualidade dessa parcela social (MIURA; SAWAIA, 2013).

Percebe-se que MNCR tem promovido uma articulação social e política, em que o catador tem conquistado certo protagonismo e participação nos projetos de gerenciamento de resíduos e coleta seletiva. Essa participação política tem contribuído para a modificação do perfil do catador (PINHEL, 2013).

¹¹ Carta disponível em: < http://www.mnrc.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-caxias-do-sul>. Acesso em: 20 jun. 2015.

3.3 Uma questão de Identidade e Reconhecimento Social

As discussões acerca da identidade têm ganhado maior visibilidade no cenário da ciência atual, e também nas relações sociais cotidianas. Isso porque a identidade é um problema universal, que discute questões da ordem do individual, assim como do coletivo (PEREIRA, 2002).

Diversos autores contemporâneos (RICOEUR, 1991; CALHOUN, 1994; FOUCAULT, 1990; ALCOFF, HERMES-GRACIA, MOHANTY; MOYA, 2006; ALCOFF, 2006; HALL, 2009) têm afirmado que o interesse na compreensão da identidade, seja ela individual ou coletiva, tem estimulado as pesquisas baseadas em testemunhos, diários pessoais, autobiografias e outras fontes de experiência humana. Por outro lado, tal como assinalaram Lima e Ciampa (2012, p. 11) “a questão da identidade social tem causado diversos incômodos no mundo acadêmico contemporâneo, sobretudo para a psicanálise, sociologia, ciência política, antropologia, história, literatura e psicologia”. Isso porque o uso comum do termo identidade, quase sempre, tem apresentado uma variabilidade conceitual que torna difícil seu uso sem uma devida contextualização.

A identidade vem sendo compreendida a partir de duas abordagens principais, uma essencialista e outra construtivista. A primeira sugere que existiria algo essencial na identidade, sem possibilidade de mudanças, como algo posto ao nascer, que mesmo diante das diferenças que possam surgir devido ao processo de desenvolvimento, manteria certa imutabilidade (PEREIRA, 2002). O pensamento de haver essa identidade essencial vem sendo amplamente questionado por uma visão construtivista da identidade, que critica essa imutabilidade afirmando que toda declaração identitária é instável, inacabada, devendo assim ser conquistada (AGIER, 2001).

No Brasil, a temática da identidade seguindo uma perspectiva construtivista tem ocupado espaço de destaque nas pesquisas da Psicologia Social Crítica, tal como foi proposta por Silvia Lane, nos anos de 1970, durante a chamada “crise da Psicologia Social”, que surgiu em contraposição a uma Psicologia Social Tradicional embasada nos referenciais positivistas.

Lane (1995) utilizou em seus estudos as categorias do psiquismo humano estudadas pelo autor soviético Alexei N. Leontiev: atividade, consciência e personalidade. As duas primeiras permaneceram em suas pesquisas, mas a última foi substituída pelo conceito de identidade (estudada pelo brasileiro Antonio da Costa Ciampa), este, segundo a autora, se adequava mais a realidade brasileira e aos estudos da nova psicologia social que surgia.

Leontiev (2000) já percebia em suas pesquisas a característica de mutabilidade da personalidade. Entendia que a base da personalidade está atrelada as relações humanas que são naturalmente sociais. Percebia ainda a importância fundamental de estudá-la a partir do desenvolvimento da atividade, caracterizada pelas ações e funções psicofisiológicas.

A categoria identidade foi escolhida nos estudos de Lane (1995), pois para ela Ciampa foi além dos estudos de personalidade, apresentando a categoria identidade, contextualizada no espaço brasileiro e através da Narrativa de História de Vida de Severina. Ele aparece como o pioneiro ao apresentar, ainda em meados dos anos de 1980, uma concepção de identidade crítica aos modelos essencialistas e cristalizados até então utilizados para analisar a história dos sujeitos.

Segundo Ciampa (1994) o sujeito deve ser visto nas relações e não de uma forma isolada, pois o mesmo se constrói nesse contato com o outro em movimentos de identificações e representações. E nessa relação de movimento, somos aquilo que o outro nos predica, ou seja, aquilo que o outro diz quem somos. Assim, a identidade só é possível na atividade social.

Ao estudar o conceito de identidade nos dicionários, o autor supracitado percebeu que ela seria a articulação da diferença e da igualdade, pois é descrita em primeiro lugar como aquilo que caracteriza e determina uma pessoa, diferenciando-a de todas as outras, mas também é responsável pela identificação do sujeito e identificar também é unir, igualar e confundir. Dessa forma, a identidade pode ser vista como o próprio processo de identificação, sendo assim, ao mesmo tempo em que o sujeito se torna único e diferente, ao identificar-se acaba por tornar-se semelhante.

A identidade foi compreendida por Taylor (1994) como sendo as características fundamentais que definem uma pessoa, tornando-a um ser humano. **Nossa identidade é complexa e multifacetada. Somos todos moldados pelo que julgamos compromissos universais validos, bem como por aquilo que compreendemos como identificações particulares. P.45. Nossa identidade é aquilo que nos permite definir o que é e o que não é importante para nós.p.47.**

As discussões acerca da identidade, a partir da perspectiva de alguns autores, remetem à questão do reconhecimento. Segundo Taylor (1994), a identidade seria construída pelas formas de reconhecimento, ou seja, pela existência ou inexistência do reconhecimento das identidades humanas. Quando esse reconhecimento é feito de maneira incorreta, ou quando ele simplesmente não acontece, o sujeito pode vir a ficar fragilizado e reduzido em suas potencialidades. Diante disso, o reconhecimento correto seria um direito humano

indispensável a ser garantido.

Honneth (2007, p. 86) discute que, para se obter um desenvolvimento bem sucedido do eu, é preciso possibilitar formas de reconhecimento. Se este for negado, impõe-se uma experiência de desrespeito, gerando uma insatisfação e uma possível luta por reconhecimento. Assim, se está “lidando aqui com a negação dos direitos e com a exclusão social, em que seres humanos padecem em sua dignidade por não ter concedido de si os direitos morais e as responsabilidades de uma pessoa legal plena em sua própria comunidade”.

Ciampa (1992) percebe a identidade em uma construção de sucessivos reconhecimentos. É como uma história construída pela articulação de diferentes personagens que estão em constante transformação e relação interpessoal. À medida que os personagens vão sendo vivenciados e representados, ocorrem pequenas ou até mesmo significativas modificações em suas narrativas. Estas contadas por atores que construíram uma história pessoal a partir das relações e interações com outros.

O autor chegou à conclusão de que a identidade produz um movimento de morte-e-vida, em que o sujeito estaria continuamente representando. Esse movimento caracteriza-se como a morte de velhas personagens e o nascimento de outras. Para ele, o homem é capaz de atuar repetindo personagens que vivenciou ao longo da vida, assim como é capaz de se aventurar com a atuação de personagens novos. Diante disso, a identidade é movimento, metamorfose. Ela está em constante transformação.

Para Ciampa (1992) apud Lima (2010, p. 54) “A identidade só se torna possível pelo reconhecimento da humanidade do bicho humano, de sua identidade pressuposta que o incorpora ao discurso social.” Assim faz-se necessário atentar para uma ética, que reconhece o homem enquanto humano. Ser reconhecido pelo outro na relação social é fundamental para a construção da identidade. O não reconhecimento pode prejudicar o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Lima (2010) concorda que a identidade se desenvolve a partir de uma sequência de formas de reconhecimento e, quando este é negado aos sujeitos, provoca uma experiência que impede o sentido emancipatório da identidade. Observa-se até aqui que a questão do reconhecimento implica o respeito das particularidades de cada sujeito ou grupo social, quando ele não ocorre pode vir a provocar uma dificuldade no desenvolvimento satisfatório do sujeito. Essa perspectiva apresenta o reconhecimento como à busca pelo reconhecimento da identidade pessoal e grupal.

Nancy Fraser (2007) fala da necessidade de entender o reconhecimento como uma

questão de status social, ou seja, o que exige reconhecimento não é a identidade de um grupo, mas o status dos membros do grupo como parceiros na interação. Assim, não ser reconhecido não geraria uma identidade deformada, mas um impedimento em participar do grupo social: “O não-reconhecimento conseqüentemente, não significa a depreciação e a deformação da identidade do grupo, mas, sim, a subordinação social no sentido de ser impedido de participar como um par na vida social” (FRASER, 2007, p.117).

Defender um reconhecimento a partir do modelo de status significa ter uma política que busca superar a subordinação do grupo que não foi reconhecido, entendendo-o como membro da sociedade, com iguais direitos de participação. Isso significa não mais restringir a questão do reconhecimento à questão da identidade.

Para alguns autores falar em reconhecimento não se limitaria apenas ao respeito do outro em suas singularidades, mas exige necessariamente que se discuta redistribuição igualitária dos recursos. Ao escrever o texto *Reconhecimento sem Ética?* Nancy Fraser (2007) apresenta quais os conceitos que a política progressista tem defendido em sua luta por justiça. A autora afirma que existem dois principais proponentes políticos que defendem a justiça: os proponentes que defendem uma distribuição justa de recursos e bens, redistribuição de riquezas do rico para o pobre; e os que defendem o reconhecimento das diferenças particulares (culturais, raciais, étnicas, gênero, econômica, minorias sexuais...).

A referida autora relata que não há uma relação harmônica entre os dois grupos, cada um defende sua perspectiva como se fosse a mais correta possível, mas ela defende que, na verdade, para se ter um verdadeiro reconhecimento seria preciso a contribuição equivalente da redistribuição e do reconhecimento, sendo que ambos devem caminhar juntos para que a justiça seja alcançada.

Nancy Fraser entende que a questão da distribuição tem sido vista como pertencente às discussões sobre moralidade, e as de reconhecimento parece pertencer à ética:

Partidários do correto, além disso, geralmente concordam com os modelos distributivos de justiça. Ao considerar a justiça como uma questão de integridade, eles buscam eliminar disparidades indevidas entre as chances de vida dos agentes sociais. Para identificar essa disparidade, eles recorrem a padrões de integridade que não prejudiquem as próprias visões (diversas) sobre o bem por parte daqueles agentes. Partidários do bem, em contraposição, rejeitam o “formalismo vazio” das abordagens distributivas. Ao verem a ética como uma questão de boa vida, eles buscam promover as condições qualitativas do florescimento humano (conforme as entendem), em vez da fidelidade às exigências abstratas do tratamento igual (FRAZER, 2007, p.115).

A autora busca apresentar uma discussão que supere essa perspectiva fragmentada que se tem nos dias de hoje de que redistribuição e reconhecimento não podem caminhar

juntos. Para isso, ela apresenta uma política do reconhecimento sem ética, ou seja, vai pensá-la, não mais sob uma perspectiva da ética, mas sim em uma perspectiva moral, de reivindicação de justiça e por redistribuição.

Compreendendo a situação do catador sob a perspectiva acima, faz-se necessária não só um reconhecimento de sua igualdade e valor perante os outros, mas também uma redistribuição justa de bens e recursos que, na maioria das vezes, encontra-se no nível das necessidades básicas. O catador perante as discussões internacionais são necessários, importantes e agentes ambientais indispensáveis, mas ainda assim trabalham na atividade apenas para garantir a sobrevivência de seus familiares não recebendo o retorno financeiro merecido. A riqueza ainda se concentra no poder das grandes empresas:

A indústria da reciclagem brasileira tem como pilar sustentador o trabalho de pessoas precarizadas e tratadas de maneira preconceituosa por conta de sua matéria prima de labor: o “lixo”. Pessoas, mesmo que determinantes para a manutenção e continuidade da reciclagem no país, não usufruem da riqueza socialmente produzida, pois ela é majoritariamente apropriada por apenas alguns atores de todo este processo produtivo (MARUBAYASHI; GIOMETTI, 2014, p. 04).

O processo de produção da reciclagem é extremamente lucrativo para uma pequena parcela de grandes empresários que comercializam o produto final. O catador é a peça chave dessa produção, pois é ele quem primeiro chega até os resíduos, que tem contato direto com o material, e é ele quem carrega consigo todo o preconceito social que ainda permanece sobre a sua atividade.

Segundo Medeiros e Macedo (2006, p. 66), o catador realiza sua atividade em “condições precárias, sofrem preconceitos e possuem baixo reconhecimento do papel que representam na economia e no meio ambiente, embora tenham a profissão reconhecida e sejam resguardados por um comitê específico.” Percebe-se esse catador em um reconhecimento limitado, onde ele está permeado por uma falsa inclusão no mercado de trabalho tendo sua atividade reconhecida enquanto valorativa, mas tem vivenciado um processo de exclusão quando muitos dos seus direitos básicos lhes são negados (respeito, justiça, participação).

Segundo Medeiros e Macedo (2006, p. 66), a inclusão do catador ocorreria de maneira perversa. Significa dizer que ocorreria uma inclusão no mercado de trabalho por ser um profissional em atividade, mas ao mesmo tempo seu trabalho o exclui por si só, por suas características mal avaliadas socialmente e pelas condições em que a prática é realizada. A inclusão perversa esconderia formas sutis de exclusão:

Dessa forma, pode-se inferir que o catador de materiais recicláveis é incluído ao ter um trabalho, mas excluído pelo tipo de trabalho que realiza: trabalho precário, realizado em condições inadequadas, com alto grau de periculosidade e insalubridade, sem reconhecimento social, com riscos muitas vezes irreversíveis à saúde, com a ausência total de garantias trabalhistas.

Guareschi (2011), em um de seus textos, analisa a exclusão por uma perspectiva da falta de inserção no mercado de trabalho. Segundo o referido autor, o sistema capitalista em que se vive atualmente, incentiva a individualidade e a competitividade. Dessa forma, o homem tem sido percebido fora de suas relações sociais. Ele é individual, já que competir implica em excluir alguém, este geralmente é o mais fraco e marginalizado. Assim, na sociedade, não há lugar para o todo. O catador, como mais um excluído, não teve acesso ao trabalho formal. Mas como um vencedor e sobrevivente, ele tem lutado e tem conseguido se inserir nesse mercado tão competitivo, porém de maneira desigual. Essa inclusão tem se dado em um formato de exploração e de negação de direitos (baixa qualidade de vida, de respeito e justiça).

Lima (2010) afirma que o reconhecimento perverso se expressa através de um discurso a favor de uma autodeterminação excludente, onde o sujeito se coloca perante o outro de forma estigmatizada a partir da representação construída sobre ele. Além disso, tal reconhecimento desconsidera toda a história de vida dos sujeitos, levando-os a compreender seus problemas no âmbito individual, gerando exclusão pessoal e social.

Sawaia (2004) apresenta um conceito importante para as discussões sobre a exclusão, o termo sofrimento ético-político, que coloca em evidência a humanidade do homem, este entendido pela a autora como um ser de relações sociais. O homem tem necessidade de ser reconhecido pelo outro. A autora analisa o sofrimento pela via da afetividade, sendo esta a única maneira capaz de expressar perfeitamente a experiência de exclusão e desigualdade social vivenciada pelo humano na sua coletividade. Tal sofrimento contribui com a construção identitária do homem.

A identidade enquanto construída nas relações sociais é produto de uma história de vida construída por personagens que estão em constante atividade e produzindo biografias. “Cada biografia deve adquirir uma história única, que possa tanto identificá-lo como uma singularidade dotada de direitos individuais quanto uma universalidade que expressa uma coletividade.” (LIMA, 2010, p.152-153).

Assim faz-se necessário compreender a história pessoal e coletiva dos humanos que estão em constante inter-relação, aqui se destaca a narrativa do catador de material reciclável que se apresenta como um novo ator social em busca de espaço na sociedade.

No cenário atual de atenção ambiental busca-se ir ao encontro de uma sociedade sustentável, através de um desenvolvimento consciente e responsável e que deve ser capaz de contemplar toda a população mundial. Há um comprometimento de vários países em acabar com a fome, garantindo igualdade e inclusão entre as pessoas. Tal discurso apresenta-se bem construído, mas, na prática, parece não ser a realidade observada. O que se percebe é um aumento considerável da desigualdade social e de reconhecimento perverso em diversos países no mundo.

No Brasil, o “país do desenvolvimento” é o “país de todos”. Muitas políticas públicas têm sido criadas a fim de reconhecer algumas identidades estabelecidas culturalmente, historicamente e socialmente no país. Os catadores se inserem nesse processo. Ao mesmo tempo em que o Estado brasileiro tem garantido alguns direitos básicos ao catador, tem negado outros direitos como bons salários, acesso a equipamento de proteção, um espaço de trabalho adequado, como os aterros sanitários e orientação da sociedade a fim de desestigmatizar a atividade. Acima de tudo, tem negado o acesso à oportunidade de escolha profissional, já que a grande maioria se insere na atividade de catador por situação de desemprego e falta de opção. Assim, “para além do mundo utópico, a vida real dos Catadores de Materiais Recicláveis tem-se caracterizado pela luta por reconhecimento e valorização desta importante estratégia de sustentabilidade. Avanços já ocorreram, mas ainda há grandes desafios”¹².

O reconhecimento parece ter um limite: o limite do poder, em que os catadores são reconhecidos desde que ocupem uma posição de inferioridade econômica. É um reconhecimento que não alcança suas necessidades básicas.

O capitalismo logra desenvolver e de certa maneira “secretar” uma forma de dominação que não apenas não se mostra enquanto tal mas que também, ao mesmo tempo, exime os dominadores do custoso trabalho de reprodução das relações de dominação. a ideologia mais bem-sucedida é precisamente aquela que não precisa de palavras e que se mantém a partir do silêncio cúmplice de sistemas auto-regulados que produzem, sob a máscara de igualdade formal e da ideologia do talento meritocrático, a ‘sociodicéia dos próprios privilégios’ das classes dominantes (SOUZA; 2003, p. 50).

O mencionado autor apresenta a questão da “máscara de igualdade formal”, que parece ser aplicada no caso das discussões sobre o catador que, formalmente, tem seu reconhecimento conquistado e que, por isso, em inúmeras vezes tem se conformado com sua

¹²Disponível em: <http://www.coopcentabc.org.br/documentos/CARTILHA_CATADORES.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

posição social e econômica. O reconhecimento da atividade parece ter mascarado a realidade, contribuindo para que o catador permaneça em um estado de aceitação de sua condição de exclusão e de inferioridade na hierarquia do poder.

Muitas vezes, as políticas de identidade são trabalhadas de maneira ideológica apenas como instrumento de regulação social. Buscam manter uma realidade que já foi estabelecida, a priori, e que cristaliza as formas de emancipação pessoal dos indivíduos. Enquanto forma de regulação, pode vir a contribuir como manutenção das relações desiguais de poder quando trabalham para manter o desenvolvimento do capital em detrimento de seus interesses revolucionários. (LIMA, 2010)

Diante do exposto, percebe-se que as políticas de identidade contribuem para o desenvolvimento de identidades coletivas. Estas podem se destacar enquanto sentido emancipatório ou regulatório. O primeiro garante a ampliação das possibilidades de existência dos indivíduos na sociedade garantindo-lhes direitos sociais, e o segundo elaboram regras normativas que devem ser seguidas produzindo assim aprisionamento do indivíduo em uma única possibilidade de existir, impedindo assim uma diferenciação. (LIMA, 2010)

3.4 Os catadores e as políticas de identidade

No momento histórico e cultural que o mundo vive hoje há uma variedade de opções de identidade individual e coletiva. Giddens (2002) afirma que, na alta modernidade, têm surgido diferentes possibilidades de identidades, uma variedade de estilos de vida, porém, não são todas as pessoas que tem acesso às alternativas que se apresentam, muitas são privadas desse direito de escolha. Muitas vezes, as escolhas ocorrem de acordo com as condições permitidas: pressão sofrida por grupos dominantes, condições econômicas, educacionais, históricas e culturais.

Algumas indagações surgem quando se trata de escolhas identitárias: até que ponto tornar-se catador foi uma escolha? Escolher uma identidade por muito tempo associada ao próprio lixo, estigmatizada e excluída social caracterizaria essa liberdade de escolher entre inúmeras outras identidades ou se limitara a uma escolha entre uma pequena quantidade que lhes foi apresentada como possibilidades?

Segundo Medeiros e Macedo (2006), a catação é uma atividade que insere o indivíduo no mercado de trabalho garantindo a sua sobrevivência e a de sua família. Não seria uma escolha entre muitas outras, mas a única maneira encontrada de ter acesso as suas necessidades mais básicas como a alimentação.

Assim como a identidade de catador, muitas outras têm surgido, a de mulher, negro, índio, homossexual, por exemplo. Ciampa (2002) afirma que as diferentes identidades têm possibilitado o surgimento de inúmeros problemas sociais. Alguns são problemas antigos, mas não resolvidos; outros, recentes e criados como resultado da história social e cultural.

Sobre os problemas que se destacam na sociedade, Rua (1998) apresenta três tipos principais de demandas: demandas novas (que são resultado de novos problemas ou novos atores sociais, um exemplo é a questão ambiental); demandas recorrentes (apresentam problemas não resolvidos ou mal resolvidos e que sempre então sendo discutidas pelo governo); demandas reprimidas (estão em um “estado de coisa”, ou seja, não são ainda um problema político, pois não entrou na agenda governamental). Tais demandas provêm das diferentes formações identitárias que surgem diariamente no meio social.

A autora afirma, ainda, que os membros das sociedades modernas apresentam características muito diferenciadas, desde perfil físico (cor da pele, cabelo, altura) até valores, crenças e ideias. Toda essa diferenciação social seria responsável pelo conflito gerado entre culturas e sociedades. Tal conflito é administrado pela política. Assim a política se caracteriza como uma relação de poder, que tem como objetivo a resolução pacífica de conflitos. Ela surge como mais uma maneira de controle social (RUA, 1998).

A política envolve relação de poder, assim, nem todos os membros da sociedade tem o poder de decisão sobre as demandas. Geralmente os dominantes (os que dominam na relação) ditam as regras e as normas sociais, assim como escolhem as demandas que serão e como serão atendidas. Ditam formações de identidade, ou seja, caracterizam aquelas que são positivas e as negativas. Diante disso, muitos grupos que possuem identidades ditas marginalizadas estão vivenciando conflitos:

[...] o processo de construção de identidades sociais e culturais vem sofrendo uma série de conflitos, principalmente por parte de grupos com identidades não reconhecidas socialmente, isto é, identidades discriminadas, marginalizadas ou oprimidas por setores dominantes ou elitizantes da sociedade (GUARESCHI, 2000, p.111).

As identidades que não são reconhecidas pela elite têm encontrado dificuldades em seu processo de desenvolvimento. Tem-se no Brasil uma política neoliberal que contribui para que o Estado não se responsabilize pelo reconhecimento adequado das minorias. Estas vêm se mobilizando em busca de reconhecimento e conquista de direitos de forma autônoma, ou seja, sem o incentivo do Estado, buscando fortalecer políticas de identidade. Entende-se por políticas de identidade uma compreensão acerca da subjetividade humana, reconhecendo-

a em todos os seus modos de apresentação (opressão, exclusão) sem marginalizá-las. Busca reconhecer todas as identidades que não estão em condição de dominação (GUARESCHI, 2000).

Percebe-se que o movimento de catadores (MNCR) se caracteriza como um grupo que tem se organizado de forma autônoma em luta pelo reconhecimento de sua importância e de sua inclusão e não marginalização social. Ciampa (2002, p.134) relata o empenho dos grupos sociais que “[...] lutam pela afirmação e pelo desenvolvimento de suas identidades coletivas, no esforço de controlar as condições de vida dos seus membros; indivíduos buscam a transformação e o reconhecimento de suas identidades [...]”. Há aqui uma busca, não só por reconhecimento de valor e cidadania, mas também por justiça distributiva de recursos.

O catador busca o reconhecimento de sua identidade, esta que é atividade, ação, movimento. Segundo Guareschi (2000), as políticas de identidade envolvem ação e atividade, trazendo uma evolução no conceito de identidade, de uma perspectiva voltada para atributos e características substantivas (eu sou) para noção dinâmica e construtivista (eu sou o que eu faço, a ação diz quem eu sou).

Os catadores se caracterizam pelo que fazem, sua ação é separar diariamente o material considerado como lixo pela sociedade. Dessa maneira, ser catador significaria trabalhar com lixo (sem valor, descartável) ou, mais recentemente, trabalhar com material reciclável (com valor, reutilizável).

3.5 Quem é o Catador de Material Reciclável?

No ano de 2013, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou um relatório sobre a Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável, o objetivo foi apresentar uma análise da situação social do catador no Brasil. Segundo o IPEA existem entre 400 mil e 600 mil catadores (as) em todo Brasil, destes, 116.528 concentram-se na região nordeste, ou seja, 30,6 % do total geral. No Estado do Ceará são aproximadamente 18.734 pessoas que trabalham com a catação de resíduos.

No Brasil, a faixa etária média de catadores é de 39,4 anos. No Nordeste a idade é 38,3 anos. No Ceará 5,5 % dos catadores tem entre 0-17 anos, 28,2% entre 18-29 anos, 47,9 % possui entre 30-49 anos, 13,4 % entre 50-60 anos, e 5% tem idade maior que 50 anos.

Quanto ao sexo, no Brasil, sabe-se que cerca de 68,9% dos catadores são do sexo masculino, enquanto 30,1% são do sexo feminino. No Ceará são aproximadamente 22,4% mulheres e 77,6% homens. Quanto à cor, no Brasil, a maioria dos catadores tem a cor negra,

são 66,1%. No Nordeste, a porcentagem cresce para 78,0%, no Ceará ela permanece alta com 78,8 % de catadores de cor negra.

Segundo as pesquisas do IPEA, a catação de materiais recicláveis se caracteriza como uma atividade exclusivamente urbana, já que, no Brasil, a porcentagem de catadores na zona urbana chega a 93,3%. A menor taxa de urbanização se concentra na região nordeste: são cerca de 86,0%. No Ceará, cerca de 90,2% dos catadores está no espaço urbano.

O relatório do IPEA analisou o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Nele, a renda média do catador era de R\$ 571,57, ou seja, era superior ao salário mínimo da época. No Nordeste, a renda era inferior à média do país, cerca de R\$ 459,34. No Ceará, o valor girava em torno de R\$ 445,00.

Quanto à educação, o catador apresenta um índice de 20,5% de analfabetos no Brasil, enquanto que a população em geral alcança torno de 9,4%. O analfabetismo entre os catadores é mais que o dobro da população brasileira como um todo. Na região Nordeste chega a 34,0% de catadores analfabetos, enquanto no Ceará o índice é 35,4%, são índices elevados. Observa-se aqui que os altos índices de analfabetismo estão concentrados entre os catadores.

As informações apresentadas trazem uma descrição básica e estatística sobre o catador de material reciclável no Brasil. Tais dados são indispensáveis na compreensão de suas histórias de vida. Percebe-se que o Ceará caracteriza-se como uma região onde se concentra uma enorme quantidade de catadores de materiais recicláveis, em sua maioria homens, negros, com baixa escolaridade, residentes do espaço urbano e com renda inferior a um salário mínimo.

4 METODOLOGIA

4.1 Sobre a Narrativa de História de Vida

A pesquisa tem uma perspectiva qualitativa. O método utilizado foi o de Narrativas de História de Vida, que surge como possibilidade para os indivíduos apresentarem suas identidades, vistas como metamorfoses em busca de reconhecimento. As narrativas são compostas por personagens, e estas são organizadas na narrativa a fim de construir a trajetória individual de cada catador. Depois da organização do relato, ocorre uma análise de cada personagem que permitiu uma comparação das narrativas. Em seguida, há uma articulação das diferentes personagens a fim de se observar os movimentos de metamorfose vivenciados. (LIMA, 2010).

Nesse processo, segundo Lima (2014), o entrevistador tem um papel fundamental, pois ele não é apenas um simples expectador da história, ele é uma testemunha do sofrimento, alguém que se relaciona com o entrevistado de maneira ética e responsável. Segundo Souza (2007), o pesquisador não deve se limitar apenas a descrição e a escrita. É importante, principalmente, que ele mantenha perante o entrevistado uma escuta sensível com o objetivo de compreendê-lo melhor.

A Psicologia Social só recentemente tem utilizado os métodos narrativos em suas pesquisas, e isso porque inicialmente havia uma grande dificuldade para se conservar o material coletado nas entrevistas. Porém, com o surgimento do gravador, diminuiu consideravelmente as possibilidades de se perder o conteúdo das narrativas. Ainda assim sabe-se que não é possível haver uma neutralidade nesse processo de coleta e análise de dados. O relato oral, quando transcrito, passa a ser um documento analisável. (LIMA, 2014).

Foi com Ciampa, pela perspectiva da Psicologia Social, que a história de vida não era apenas uma técnica, mas um método capaz de materializar o universal a partir do singular. Da forma como o método foi utilizado por Ciampa, que buscava o conhecimento e a interpretação das histórias de vida, trazendo para o foco a narração das situações vivenciadas, foi preferível chamar o processo de narrativa de história de vida. (LIMA, 2014).

Segundo Souza (2007, p. 65-66) é possível compreender a identidade pessoal a partir do contexto em que ela está inserida, pois:

Do ponto de vista metodológico, a abordagem biográfico-narrativa assume a complexidade e a dificuldade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido. Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de

suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades, também únicas. Nesse sentido, a abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História.

Esse método pode contribuir com a compreensão do indivíduo (cada um com sua subjetividade) que está inserido em uma história e em uma cultura, ou seja, conhecer o singular permite conhecer o universal.

Taylor (2005, p. 70) afirma que a construção do sujeito passa pela compreensão minuciosa de sua história de vida, ou seja, para a formação de uma identidade faz-se necessário entender a vida como uma história em desenvolvimento, em uma narrativa. Esta permite que o sujeito encontre sentido em sua vida, em sua existência, “Para ter um sentido de quem somos, temos de dispor uma noção de como viemos a ser e de para onde estamos indo”.

Segundo Ricoeur (2009), a compreensão de si mesmo seria possível através do relato histórico, da história contada. É possível conhecer a identidade pela narrativa, nesta, os sujeitos elaboram sua trama, escolhem seus personagens, interpretam a si mesmos e tomam decisões.

Straub (2009, p. 83) fala da construção historiada da identidade de uma pessoa, que vai para além de contar uma simples história, mas contempla o recordar que está associado à memória das experiências vivenciadas. Assim é importante narrar para se compreender e investigar os contextos temporais. As narrativas de histórias de vida possibilitam a compreensão de quem somos, em quem estamos nos tornando e quem queremos ser. Falar em identidade pessoal é “[...] uma questão sobre quem é a pessoa- para si mesma e para os outros- quem esta pessoa se tornou e quem ela gostaria de ser”.

Na narrativa é importante compreender o processo, o caminho percorrido pelo sujeito até chegar ao presente, entendendo o que sou como aquilo em que me tornei. Segundo Taylor (2005), para que o sujeito defina quem ele é, faz-se necessário um movimento de avanço e recuo em sua história de vida. Quando ele recua, há a possibilidade de ele avaliar quem ele é através daquilo em que se tornou, pela história de como chegou ali.

As narrativas são entendidas como possibilidades de apresentação de identidades, já que, nelas, os sujeitos podem se expressar através de personagens que buscam reconhecimento em um processo de metamorfose. A identidade pode ser compreendida a partir da construção da trajetória de vida de cada narrador (LIMA, 2013).

Queiroz (1981, p. 19) define narração como “o relato do narrador sobre a sua

existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado. As narrativas contam a história das pessoas, o que elas fizeram, o que queriam fazer, e o que achavam que estavam fazendo (PORTELLI, 1997).

Straub (2009, p. 94) entende que:

[...] uma (auto) biografia e uma identidade construída sobre uma narração de vida sempre são: uma atualização de um esquema narrativo histórico e culturalmente disponível que se situa em um tempo e em uma prática social. Isso é central para uma teoria contemporânea adequada da (auto)biografia e da identidade narrativa.

As narrativas são importantes para a construção dos significados da vida humana, elas são criadas para dar sentido às experiências vivenciadas (FONTE, 2006). Conhecer a história dos indivíduos localizada em um tempo, cultura e atividade social são indispensáveis para compreender a construção de sua identidade, do seu processo de metamorfose e busca por reconhecimento social.

4.2 O passo a passo da pesquisa

Antes de conhecer a história de vida dos catadores de Icó, fez-se necessário conhecer o espaço em que eles realizavam suas atividades. Assim, foram realizadas duas visitas ao lixão da cidade, com o objetivo de conhecer o espaço e realizar uma aproximação com os catadores do local.

A primeira visita feita ao lixão de Icó foi realizada a fim de conhecer e observar o funcionamento do espaço e das atividades desenvolvidas por lá. Percebe-se que o início do trajeto que leva até o lixão da cidade é permeado por muito lixo caído no caminho, no asfalto e na estrada. Aparentemente, não há um cuidado com o transporte adequado do lixo até o lugar de descarte, como se pode ver nas figuras 01 e 02.

Observa-se a presença de algumas casas de moradia muito próximas ao lixão, algumas em péssimas condições, casas de madeira e de taipa. No local de destinação final de todo o lixo da cidade é possível visualizar muitas casas feitas de papelão e de lonas. Em um primeiro momento pode-se pensar: como as pessoas conseguem viver ali, ficar por muito tempo dentro daquelas casas sujas, fedidas e quentes?



Figura 01: Início da estrada que leva até o lixão.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 02: Lixão de Icó - disposição do lixo a céu aberto.
Fonte: Acervo da autora.

Inúmeras são as casinhas montadas no meio do lixão, como se pode ver na figura 03. Os catadores relatam que muitos chegam de madrugada e passam o dia ali separando o

material. Muitos vão com a família e tem que construir um espaço lá dentro para, pelo menos, fazer uma refeição ou descansar um pouco durante o dia.



Figura 03: Lixão- barracas construídas para descanso e alimentação.
Fonte: Acervo da autora.

A figura 04 mostra os catadores em atividade.



Figura 04: Lixão - catadores separando o material reciclável.
Fonte: Acervo da autora.

A PNRS proíbe, em áreas de disposição final de resíduos, a fixação de habitações, tanto temporárias como permanentes (BRASIL, 2010). No Brasil, mais uma lei tem sido desrespeitada, os lixões não desapareceram, pelo contrário, são utilizados como habitações provisórias ou permanentes de milhares de catadores. A catação de resíduos no lixão ainda é uma prática muito comum, mesmo sendo proibida pela PNRS. Dentro do lixão há a presença de um supervisor, responsável por gerenciar o local, e garantir que algumas leis sejam cumpridas, como a proibição de crianças no espaço.

É interessante que, ao longo do trajeto, percebeu-se a presença de uma família que afirma costumar levar seu filho de 13 anos para ajudar a catar e separar o material, mas que, para isso, foi preciso conseguir uma autorização judicial. A lei proíbe a catação de crianças no lixão, mas a própria lei tem o poder de autorizar a presença de crianças no espaço. Assim, foi permitido a essa criança acompanhar seus pais diariamente ao local da atividade de catação. Para a família é melhor que a criança esteja no lixão trabalhando do que em casa sozinho e correndo o risco de se envolver com coisas ilegais. Desta forma, a criança divide seu tempo entre trabalhar e estudar. Segundo Gonçalves (2006, p.197):

[...] a maioria dos adultos, pais, educadores e donos dos depósitos, defendem o trabalho das crianças catadoras, portanto, o trabalho infantil. É o pai, a mãe ou parentes adultos e as crianças mais experientes que em primeira mão passam essa mensagem para os filhos e irmãos menores, ao inicia-los na atividade de catação. As crianças por sua vez internalizam a ideia de que o trabalho é bom e que é melhor do que ficar por aí, roubando.

Na maioria das vezes, os pais ensinam aos seus filhos um trabalho e no caso do catador não é diferente. A catação é aprendida de pais para filhos, só que o trabalho que é incentivado apresenta alguns riscos para a saúde física e mental das crianças catadoras.

Os catadores trabalham sem nenhum equipamento de proteção, expostos a um sol muito quente, e em contato com muitas moscas, que podem parecer quase que insuportáveis para muitas pessoas não adaptadas a essa realidade. Estes pareciam não perceber a presença das moscas que circulavam e sentavam em torno de todo o corpo.

Observou-se através de conversas informais, que alguns catadores tinham certo nível de escolaridade, pois se articulavam e se expressam muito bem. Manifestaram um interesse pela criação de algum tipo de cooperativa ou associação que envolvesse os catadores da região.

A população de Icó parece ainda não se responsabilizar pelo descarte adequado de seus resíduos. A PNRS surgiu não só para proibir, mas também para trabalhar a conscientização dos cidadãos brasileiros sobre os cuidados com o meio ambiente, e também

com a vida humana, já que ambos estão interligados.

A segunda visita ao lixão teve como objetivo conhecer os catadores, falar com eles sobre a pesquisa que estava sendo realizada e convidá-los a dela participar. O convite foi sendo feito a cada catador de maneira individualizada já que eles encontravam-se distantes uns dos outros. A pesquisadora apresentou o projeto e seus objetivos e os catadores que aceitaram ser entrevistados forneciam seus contatos telefônicos para agendamento da entrevista que seria realizada na casa de cada catador.

Aceitaram participar da pesquisa 12 catadores, destes, apenas 02 (duas) eram do sexo feminino. Por isso, devido à representatividade, foram escolhidos para a entrevista dois homens (já que havia mais homens no local) e uma mulher. Estes escolhidos aleatoriamente.

Depois de realizadas as visitas ao lixão da cidade, foi feita uma entrevista com o dono da empresa responsável pela coleta e descarte do lixo do município com o objetivo de colher informações sobre a realidade dos resíduos de Icó. É importante conhecer essas informações, pois falar em catador de material reciclável exige uma discussão sobre os resíduos sólidos, já que esse é o material que sustenta a sua atividade.

Em algumas cidades brasileiras, tais resíduos são produzidos, consumidos e depositados nos grandes lixões a céu aberto. Esse é o cenário vivenciado diariamente por indivíduos que exercem a atividade de catação. A Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - PNS - realizada em 2008, afirma que cerca de 50,8% dos municípios do Brasil tinha como destinação final dos resíduos sólidos os chamados lixões. Sendo que a região Nordeste era onde se encontrava a maior parte deles, cerca de 89,3% (IBGE, 2008).

Em 2013, a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE) lançou uma nova edição do Panorama dos Resíduos Sólidos do Brasil e apresentou informações atualizadas sobre os resíduos sólidos urbanos (RSU) no país. As pesquisas foram feitas junto a associações de 404 municípios brasileiros sobre a geração, coleta, destinação e aproveitamentos dos resíduos sólidos.

Os resultados sobre a destinação dos RSU foram que, no Brasil, 58,26% tem destinação adequada e 41,74% tem destinação inadequada, são depositados em lixões ou aterros controlados. No Nordeste, a quantidade de destinação final inadequada dos RSU é de 65%, ainda superior à nacional.

Assim, de acordo com as pesquisas, os lixões ainda fazem parte da realidade da maioria dos municípios brasileiros. O Ceará como parte dessa estatística, tem em seus imensos terrenos a céu aberto um depósito crescente de resíduos sólidos, que misturam-se aos

orgânicos e aos chamados resíduos perigosos¹³.

Sabe-se que o gerenciamento dos resíduos sólidos é de competência dos municípios e estes devem cumprir a lei da PNRS (BRASIL, 2010), que instituiu a extinção dos lixões a céu aberto e a implementação dos aterros sanitários. O prazo dado pela lei foi de quatro anos, prazo este já encerrado. Mesmo com a elaboração da PNRS, ainda se observa um enorme número de municípios brasileiros que mantêm esse tipo de funcionamento. Os chamados lixões ainda predominam em todo território nacional.

A realidade da destinação dos resíduos na cidade de Icó, não é diferente da maioria dos municípios nordestinos, pois o lixão ainda é utilizado como local para sua destinação final. Os dados quantitativos repassados pelos representantes da empresa que foram entrevistados mostram que os resíduos sólidos da cidade são depositados a céu aberto, em um terreno privado e alugado pelo município. A cidade de Icó produz anualmente aproximadamente 29.889,3 m³ de lixo por ano. O lixo é recolhido diariamente pela empresa privada que presta serviços ao município, sendo 06 caçambas, 01 caçambão, 01 compactador e 01 caminhão.

Posteriormente à entrevista realizada com a empresa responsável pela coleta do lixo na cidade, foi realizada outra entrevista, agora com o dono do terreno onde os resíduos são depositados. Este forneceu informações sobre a área do lixão e sobre sua história na cidade, que serão expostas em seguida.

O chamado lixão fica localizado em uma área de aproximadamente 10 hectares, e diferente dos demais lixões da região, não fica localizado na entrada e nem na saída da cidade, mas em um espaço reservado e mais discreto, não percebido pela população em geral, ou seja, o lixão fica “escondido”.

Segundo o dono do terreno, inicialmente foi difícil decidir um local permanente de descarte de resíduos e como consequência, o lixão mudou-se constantemente de endereço. No início, o lixo foi depositado em áreas com vizinhos muito próximos, estes muitas vezes ficavam descontentes e solicitavam a retirada do lixão de suas proximidades. Isto acarretava uma mudança de local, onde também seus moradores reclamavam. Na maioria das vezes, esses terrenos se localizavam na entrada ou então na saída da cidade, o que, segundo o entrevistado, tornava o ambiente “desagradável e feio”. A situação permaneceu sem solução até que, no início da década de 1990, a prefeitura fechou contrato com o dono de um terreno

¹³ Resíduos perigosos: aqueles que, em razão de suas características de inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade, patogenicidade, carcinogenicidade, teratogenicidade e mutagenicidade, apresentam significativo risco à saúde pública ou à qualidade ambiental, de acordo com lei, regulamento ou norma técnica. (PNRS, 2010).

local mais escondido e que não se localizava nem na entrada e nem na saída da cidade, ou seja, não podia ser visto. O contrato permanece até hoje.

As visitas e entrevistas realizadas foram importantes para se ter um olhar amplo da realidade em que se encontra a problemática do lixo em Icó. Agora se faz necessário conhecer quem faz parte dessa categoria que exerce sua atividade no lixão da cidade, o Catador de Materiais Recicláveis, aquele que cata, seleciona e vende diversos materiais como papel, papelão, vidro, plástico, ferro, cobre e outros materiais. O exercício da atividade é livre, ou seja, não exige qualquer tipo de qualificação profissional e nem nível de escolaridade elevado. Os catadores são autônomos, estabelecem seu horário e dias de trabalho, estão expostos a acidentes de trabalho e contaminações no ambiente em que catam a céu aberto.¹⁴

Para conhecer particularmente cada catador, buscou-se ouvir suas narrativas de história de vida. Todos já tinham idades acima de 18 anos e exerciam a atividade como principal fonte de renda.

Antes de todas as entrevistas serem realizadas na casa de cada catador, foi aplicado um questionário¹⁵ quantitativo, a fim de construir um perfil social, educacional e econômico dos catadores. As informações coletadas foram: identificação pessoal; condições socioeconômicas; condições educacionais e culturais; questões sobre a atividade de catação. Depois da aplicação dos questionários iniciou-se a escuta das narrativas.

A primeira entrevista foi realizada com Pedro. A pesquisadora entrou em contato com ele pelo telefone e agendou a entrevista, a ser realizada na casa do catador. No dia e hora combinados Pedro narrou sua história de vida, o local da casa escolhido por ele para a entrevista foi à cozinha, local simples e pequeno, onde constantemente sua mãe entrava e saía.

A segunda entrevista foi realizada com Marta, em sua casa, esta também muito simples e pequena, no horário e dia agendado por ela. Sua filha mais nova, de dois anos de idade, encontrava-se doente e, devido a isso, frequentemente vinha até a cozinha, local escolhido para a realização da entrevista, e interrompia a narrativa.

A terceira entrevista ocorreu com José, este escolheu como espaço para narrar sua história a sala de sua casa, também muito simples e pequena. Durante sua narrativa, em um momento específico em que falava de preconceito da sociedade, sua filha entrou em casa e escutou o que ele dizia e resolveu parar e participar da narração. Ele estava dizendo que poucas pessoas o tratavam mal por ser catador e sua filha automaticamente negou essa

¹⁴ Maiores informações disponíveis em: <http://www.lixo.com.br/documentos/cbo_reconhecimento_da_profissao_de_catador.pdf>. Acesso em 15 jul. 2015.

¹⁵ Questionário pode ser encontrado nos Apêndices deste trabalho.

afirmação dizendo que muitas pessoas tinham preconceito sim.

Percebe-se que em nenhuma entrevista o catador esteve completamente só com a entrevistadora, mesmo sendo solicitado anteriormente que eles escolhessem um local em que a entrevista fosse realizada a sós e sem interrupções. Todas as entrevistas foram gravadas por meio de aparelho gravador de voz, com prévia autorização do entrevistado e, posteriormente, digitadas.

No que diz respeito ao número de sujeitos pesquisados, foi utilizado o ponto de saturação, que não estabelece um número prévio de entrevistados e, à medida que os dados começam a se repetir, encerra-se essa fase da pesquisa (BERTAUX, 1980 apud LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2001).

Antes de as entrevistas serem realizadas, todas as exigências éticas foram atendidas. A pesquisa foi registrada no Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP) e encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Além disso, todos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido estabelecido de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética, o número do CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) é 31767314.4.0000.5054.

5 O PERFIL DO CATADOR ICOENSE

Foi construído um questionário com perguntas objetivas e quantitativas, a fim de obter informações sobre o perfil do catador que cata no lixão da cidade de Icó. Os questionários foram aplicados a três catadores, um do sexo feminino e dois do sexo masculino, as respectivas idades foram 34 anos, 30 anos e 36 anos. Todos já exercem a atividade de catação como principal fonte de renda há pelo menos 02 anos.

Quanto à escolaridade, observa-se a dificuldade que eles encontram em ter acesso escolar, isso devido às condições econômicas que exigem deles o trabalho infantil, única maneira de garantir o sustento da família. Dois entrevistados não chegaram a concluir o ensino fundamental e uma entrevistada não concluiu o ensino médio. A baixa escolaridade aparece no relato do catador como responsável pelo seu desemprego, por sua inserção no trabalho informal, e por sua inclusão na atividade de catador. Outras pesquisas, tais como as Medeiros e Macedo (2006), Moraes (2009), Vieira (2011), também constata a baixa escolaridade do catador e sua relação com a dificuldade de inserção no mercado formal.

No que se refere à renda, percebe-se que os catadores que realizam suas atividades no espaço do lixão de Icó alcançam uma média salarial de R\$ 1200 por mês em uma atividade diária (segunda a sábado) e que ultrapassa a jornada de 8 horas por dia.

Todos possuem casas de alvenaria ligadas à rede geral de esgoto e energia. Todas se caracterizam como espaços simples, mas contendo diferentes aparelhos domiciliares: televisão, DVD, fogão, geladeira, antena parabólica, celular, máquina de lavar, computador (todos os aparelhos de tecnologia pertencentes aos filhos dos catadores).

As moradias estão localizadas em um bairro não desenvolvido da cidade, com condições precárias. Segundo Vieira (2011), os catadores, alvo de sua pesquisa, realizada em Fortaleza, moravam em áreas de vulnerabilidade e precarização, em locais considerados pobres, quando comparados ao restante da cidade.

Os catadores consideram sua atividade profissional importante, por se caracterizar a principal fonte de renda e por contribuir com o meio ambiente. Resultados semelhantes foram encontrados nas pesquisas de Sousa e Mendes (2006), pois os catadores relataram perceber seu trabalho como digno e encontrar, nele, a oportunidade para sustentar toda a família.

Quanto à saúde, os catadores entrevistados utilizam os equipamentos de proteção básicos que compraram com seu dinheiro: botas, chapéu/boné e máscara. Relatam trabalhar em um local onde estão expostos a contrair doenças de mosquitos, moscas e outros animais.

Além disso, todos citam algum tipo de acidente de trabalho relacionado a leves perfurações e cortes no manuseio dos materiais no lixão.

Pesquisas realizadas por Cavalcante e Franco (2007, p. 223) mostram que o catador se expõe aos agentes ambientais danosos principalmente “(...) por meio da inalação, do contato dérmico, da contaminação por alimentos, além dos riscos ocupacionais a que estão sujeitos, tais como acidentes diversos, cortes, atropelamentos por tratores e caminhões”. Estudos feitos por Porto et al. (2004) também destacam as condições de insalubridade e precarização nas quais tais sujeitos estão envolvidos.

6 CONTANDO HISTÓRIAS DE VIDA

6.1 Pedro e sua história de ressignificação

Acho que cada ser humano tem uma vida difícil. Uma historia complicada Toda vida eu nunca fui um jovem sadio né. Minha família toda vida foi assim: pobre né. Nunca teve condição de me tratar né, nunca tive vida fácil não, vida fácil assim pra ganhar dinheiro fácil não, a não ser que eu fosse pro mundo das drogas, vender droga ou roubar, mas isso daí graças a Deus eu nunca, eu nunca fiz isso ai não. Nunca roubei, até hoje não. Sempre trabalhei, sempre trabalhei.

O primeiro encontro com Pedro ocorreu ao final de uma visita feita ao lixão de Icó. A ida até o local teve como objetivo observar e registrar algumas informações sobre seu funcionamento, além de conhecer e dialogar com os catadores que lá trabalhavam.

Quando o pesquisador estava deixando o local e encerrando suas observações do dia, percebe um homem (bem próximo ao lixão) subindo uma ladeira de bicicleta. Ele estava com a cabeça baixa e carregando muito peso na garupa. Foi questionado se era um catador e ele afirmou sua atividade.

O pesquisador apresentou a pesquisa que estava desenvolvendo e o convidou a participar. Ele aceitou. Forneceu seu telefone de contato e endereço, se colocando a disposição para entrevista. Logo em seguida calou-se, e sem falar ou questionar seguiu seu caminho.

O segundo contato com Pedro ocorreu dentro do espaço do lixão, durante a realização de seu trabalho como catador. E como tal, vestia roupas longas que cobriam braços e pernas, assim como seu rosto coberto com um pano, deixando apenas seus olhos a mostra. Segundo seu relato foi à maneira encontrada para diminuir o mau cheiro e o incomodo das inúmeras moscas.

O terceiro contato aconteceu por telefone. Teve como objetivo agendar a visita do pesquisador a sua casa em um dia em que ele pudesse faltar ao trabalho sem maiores. Ele rapidamente se dispôs e imediatamente encontrou um dia e um horário para que a entrevista pudesse ser realizada.

No dia e horário marcado o pesquisador chegou à residência de Pedro, este pareceu tranquilo e à vontade. Na porta de sua casa um carro bem antigo estava estacionado, era de Pedro, este relatou gostar muito de coisas antigas e que seu desejo era reformá-lo para utilizá-lo. A casa tinha uma aparência muito simples e pequena. Sua mãe estava em casa no momento da entrevista, ele pediu para que ela o esperasse na sala.

Pedro iniciou a narrativa de sua história de vida respondendo a um questionamento muito comum quando se discute identidade, “Quem é você?”. A resposta surgiu rapidamente em uma síntese objetiva feita pelo narrador que acreditou encontrar características capazes de defini-lo e diferenciá-lo de todos os outros indivíduos. Ele se definiu a partir do nome e sobrenome próprio. Em seguida, destacou sua idade cronológica e a cidade em que nasceu e morou por vários anos. Concluiu apresentando sua ocupação profissional.

Segundo Ciampa (1994, p.131), a importância em se definir a partir do nome próprio é que ele nos identifica, é um símbolo que confirma a nossa identidade: “Nosso nome como que se funde em nós. (Pense em si mesmo com outro nome: há um sentimento de estranheza; não nos reconhecemos.) Identificamo-nos com nosso nome”. Mesmo diante da importância do nome, sabe-se que ele não é a identidade, mas a representa. Existem ainda outras formas de representá-la: idade, local de nascimento e atividade profissional. As representações acima foram utilizadas por Pedro para descrever sua identidade.

Posterior às informações apresentadas inicialmente, Pedro foi instigado a narrar sua história a partir das indagações “Como foi que você se tornou quem você é hoje? Qual sua história de vida?” Aqui a própria pergunta sugere um movimento. E assim surgiu uma história permeada por muitas transformações.

A narrativa teve início em uma infância marcada por muitos problemas de saúde, limitações econômicas e educacionais. Relatou: “Toda vida eu nunca fui um jovem sadio né. Minha família toda vida foi assim pobre né, nunca teve condição de me tratar né, nunca tive vida fácil não, vida fácil assim pra ganhar dinheiro fácil não”.

O personagem principal, Pedro, sofreu com epilepsia até os 20 anos de idade. Na época sentia muita dificuldade de conseguir a medicação, já que o Estado não a fornecia gratuitamente, além disso, acreditava que os remédios só estavam ajudando a torná-lo ainda mais doente.

Observa-se que o narrador escolheu como primeira informação sobre si, esse sujeito doente, que sofreu com a ingestão regular de medicamentos e deles passou a depender, ou seja, um ser que não tinha controle sobre o seu corpo, que sofria com o preconceito da sociedade e com a incapacidade de administrar sua própria vida e isso gerou insegurança, medo, ansiedade. Pedro se definiu como um sujeito nervoso, “já tive também distúrbio mental, assim pânico, síndrome do pânico, né. Ter medo de lugares abertos ou lugares fechado, eu acho que ainda hoje eu passo por isso, é que eu sou nervoso”.

Na tentativa de transformação do Pedro-doente para o Pedro-saudável, ele resolveu parar de utilizar os medicamentos sem auxílio médico. Para isso procurou apoio em uma igreja evangélica e passou a frequentá-la e a buscar sua cura através da fé e da “força de vontade”. Assim, ele conquistou um sentimento de poder controlar seu próprio corpo, “[...] eu fui pra uma igreja evangélica, eu tava tomando esses medicamentos, aí eu me cansei né, aí fui pra igreja procurar essa cura. Aí lá eu orando e pedindo essa cura, graças a Deus, eu consegui. Parei, eu mesmo parei de tomar os medicamentos”.

Pedro relatou que alcançou sua cura, pois confiou em Deus e teve força de vontade para resistir ao uso dos medicamentos que o estavam prejudicando. Nesse período, ele começou a frequentar uma igreja evangélica, passando a ser um membro, e começando a compreender que Deus tem a capacidade de transformar sua vida. Aqui, percebeu-se uma ressignificação da sua doença, que se transformou em instrumento de milagre e fé. Deus está presente em vários momentos do relato de Pedro: “eu acho que é uma benção de Deus”, “graças a Deus”, “homi é lindo demais você vê as coisas que Deus faz”.

A história continuou com a descrição de Pedro-criança, que até os 10 anos de idade tinha muito prazer em brincar e se divertir, construindo seus próprios brinquedos já que não tinha condição de comprá-los. Contou:

Eu aproveitei muito a minha infância brincando, eu sinto falta da minha infância, eu brincava de carrinho de lata, era essas brincadeira que existia naquele tempo, era de cai no poço, de toca, de fedô. A gente fazia, improvisava as armas de pedaço de pau, pegava um pauzinho que já é feito por natureza, aí cortava tipo um revolve e fazia do mesmo jeito, mas era bom de mais. Um monte de menino solto nas estradas brincando.

Segundo Mead (2010, pg.132) a brincadeira é importante para a construção da identidade humana, permitindo que a criança experimente diferentes papéis sociais. Assim elas podem representar o papel do outro, estes que fazem parte da sua rede de interação, é o outro que lhe afeta, pai, mãe, irmão, professor, assim “essas personalidades controlam o desenvolvimento da própria personalidade das crianças”.

Contou que saía para brincar com a “baladeira” e matava os passarinhos, os quais levava para casa e se alimentava, pois, muitas vezes, não tinha outro alimento. O menino inúmeras vezes não tinha o que comer:

Eu usava a baladeira para matar passarinho pra comer, era, era, comia, porque num tinha não minha cumadi, num tinha outra coisa não. Na época de 90, eu me lembro, era ruim as coisas. Quando matava, por exemplo, juriti, rolinha com baladeira era pra comer, num tinha negócio de jogar fora não, porque num tinha mesmo assim, num tinha emprego, as coisa era ruim, era difícil de mais, hoje as coisa tá muito bom hoje, hoje tá riqueza, hoje a pessoa só passa fome se quiser mesmo, só se quiser.

Aos 10 anos, Pedro já trabalhava com seu pai na agricultura para ajudar com as despesas da casa. Como seus pais eram muito pobres e sofriam com muitas dificuldades financeiras, ele teve que trabalhar desde criança.

Muitas vezes, os pais dependem da contribuição dos filhos para manter a sobrevivência perpetuando a desigualdade, já que tais crianças não têm acesso pleno à educação escolar. Sabe-se que o trabalho pode limitar o desenvolvimento físico e psicológico das crianças. Isso porque pode causar alguns danos tais como: doenças, acidentes, sofrimento, desgastes, perda de alegria e outros (FRANKLIN et al., 2001).

No Brasil, o trabalho infantil está associado, mas não somente, à pobreza e a desigualdade social. Sabe-se que a pobreza apresenta muitas dimensões, não se caracteriza apenas como falta de renda, mas também como limitações no bem estar (físico, social e psicológico) dos sujeitos que a vivenciam. Para se vencer a pobreza, faz-se necessário a eliminação das desigualdades sociais que limitam as oportunidades de acesso à escolarização, a renda e a autonomia dos pobres. (IPECE, 2010) Pedro enfrenta um período econômico de muita pobreza, sua família não possui renda suficiente para suprir suas necessidades básicas.

Observa-se que, na infância, Pedro, ora era criança, ora era trabalhador. Ao brincar ele se realizava, esquecia-se de suas doenças e problemas e já ensaiava uma atividade de reciclagem ao construir seus próprios brinquedos. No trabalho tinha um dever, uma responsabilidade, trazer alimentos para dentro de casa e, assim, sobreviver.

Costumava agredir a mãe e os irmãos com palavras, não tinha paciência, era agitado, nervoso. Disse que, às vezes, sua mãe queria sair de casa com seu pai, tamanha sua agressividade. Afirmou que sua agressividade está bem melhor, que aprendeu muito com as experiências da vida, que a convivência com as pessoas o ajudou a mudar.

Eu desde pequeno era assim, eu lembro algumas coisas, eu ficava agitado, esculhambava com minha mãe, brigava com minha mãe, com minha irmã também, era uma pouco agressivo, mas agora tô bem melhor, eu fui crescendo, conhecendo novas pessoas e mudando. (PEDRO)

Aqui, percebe-se a luta que Pedro-agressivo travou consigo mesmo para se manter um Pedro-saudável. Ele destacou a importância do relacionamento interpessoal no processo de desenvolvimento humano saudável, já que suas experiências foram à base para sua transformação enquanto pessoa.

O menino, desde muito cedo, já desenvolveu uma relação com o álcool. Inicialmente bebia ocasionalmente: “Eu era adolescente, mas era pouco, eu bebei muito

pouco, era mais cerveja, cachaça, tudo no mundo eu bebia né”. Chegou a experimentar e a usar drogas, especialmente a maconha, mas não se tornou dependente dela: “Aí teve uns tempo assim na minha adolescência também que eu quase ia pras drogas, eu tinha uns amigo, aí começamo a fumar maconha, aí depois eu abusei, assim, eu dizia, nam isso num tem futuro não, num dá nada de bom pra mim, aí eu num quis não”.

Depois que conquistou sua independência financeira, ao deixar o trabalho da agricultura junto com o pai, e optar pelo trabalho autônomo de moto-táxi, sentiu-se livre e independente. Começou a usar o dinheiro para comprar álcool e gastar com mulheres. Assim, as doses de álcool foram aumentando a cada dia: “Aí foi quando eu andei bebendo mais né, comecei a trabalhar no maneiro e ganhando dinheiro, me prostituía também, gastava o dinheiro com mulher, foi onde eu conheci um pouco as drogas né”.

Observa-se que Pedro começou a ingerir álcool ainda na pré-adolescência, mas, nessa época, a quantidade que utilizava não era suficiente para ser considerada anormal. Em certas proporções, o consumo de álcool é considerado positivo e aceitável. Quando essas proporções saem das normas estipuladas geram exclusão e estigmatização. (HECKMANN; SILVEIRA, 2009).

Pedro adolescente, como a maioria dos que vivem essa fase, buscou por liberdade e autonomia, e o dinheiro que começou a ganhar serviu para lhe trazer essa sensação de poder. Ele começou a usar o dinheiro sem medida, sem limite, sem regras, afinal, as normas eram estabelecidas por ele mesmo: “eu me sentia independente. Na verdade assim, meu pai num pegava muito no meu pé não, eu ia pra todo canto quando eu era adolescente”.

À medida que crescia, ia se inserindo em um trabalho diferente. Ele apresentou uma lista de atividades realizadas, a fim de garantir sua sobrevivência. A mão de obra oferecida não era qualificada, dessa maneira, teve que trabalhar em muitas atividades que não exigiam formação acadêmica, como gari na prefeitura da cidade, garçom, vendendo verduras, picolé e geladinho nas ruas. Relatou “como eu não tenho leitura né, minha leitura é muito pouca, ai saía procurando emprego...”.

Bosi (2008), ao fazer uma pesquisa sobre trabalho informal, chegou à conclusão de que os catadores possuem um histórico de precarização profissional, isso devido a uma falta de qualificação profissional. Muitos desses catadores nasceram e cresceram no campo e aprenderam as práticas desse tipo de trabalho. Ao chegarem às cidades exerciam diversas atividades que não necessitavam de qualificação ou estudo escolar. Além disso, percebeu que diferentes atividades informais e o desemprego antecederam a atividade de catação.

Quando se tornou jovem, Pedro conheceu uma mulher chamada Antônia, com a qual se envolveu e iniciou um relacionamento. Com o passar do tempo, a convivência com ela tornou-se difícil, pois Pedro começou a sentir ciúme e desconfiança dela. Nessa época do relacionamento, se envolveu em uma confusão (aparece aqui novamente o Pedro agressivo) na cidade onde morava e resolveu mudar-se para a cidade de seus pais (onde mora atualmente). Ao chegar na nova localidade passou algum tempo desempregado à procura de um emprego.

Não pude ficar lá, vim embora. Já por causa desse meu problema (agressividade) desde criança. Eu discuti com um rapaz e gerou um atrito maior e eu não podia ficar lá. Ai vim pra cá [...] nessa época eu trabalhava nessa reciclagem. Ai procurei emprego mas não tinha vaga, que o pessoal de fora né, ai o povo não quer confiar. Ai o pessoal dizia tem uma reciclagem e ele gosta de empregar gente, ai quando cheguei lá, ele gostou de mim de mais, eu num sei se é porque ele percebeu que eu tava precisando. Ai comecei a trabalhar lá. (PEDRO)

Pedro procurou emprego em muitos locais, mas não foi aceito, ora por não ter qualificação, ora por ser um morador recente da cidade e que ninguém conhecia. O único trabalho que conseguiu foi em uma empresa de reciclagem, onde tinha que separar o material reciclável. Esse foi o seu primeiro contato com a reciclagem. Percebe-se que a reciclagem surge aqui como alternativa ao desemprego.

Começou a trabalhar e com o salário que recebia, alugou e mobilhou uma casa, esperando que sua mulher, na época grávida de seu primeiro e único filho, viesse morar com ele. Antônia resolveu não vir e essa situação o faz sofrer. Exatamente nessa época começou a sentir alguns sintomas como isolamento, medo de trabalhar, de sair de casa e recebeu o diagnóstico de transtorno do pânico. O médico o orientou a procurar um psicólogo, mas ele não aceitou o acompanhamento psicológico.

Pedro se negou a vivenciar o personagem Pedro-louco novamente, pois ele já o havia dramatizado na infância ao se medicar para o tratamento da epilepsia. Agora já se sentia curado e, por isso, não aceitou que esse personagem surgisse novamente em forma de transtorno do pânico, pois representaria mais um personagem carregado de características negativas e estigmatizadas pela sociedade que ele seria obrigado a vivenciar. Ele contou sobre o transtorno do pânico:

Eu acho que já superei, porque se continuar, ai qualquer coisinha gera uma coisa maior, tem que ter força de si mesmo e decidir que não vai e pronto. Eu acho que tem que ser assim. Minha irmã briga, mas eu num vou não, não vou pro psicólogo. Por que eu acho que é pra quem é louco, que não tem juízo na cabeça. Eu não preciso.

É importante destacar que, ao contar essa passagem de sua história, o narrador mostra-se bastante orgulhoso em afirmar que tem lutado para vencer a doença mental. Não aceita em hipótese alguma a possibilidade de procurar ajuda profissional e correr o risco de lhe colocarem o nome de doente mental. Seria mais um estigma que ele teria que administrar. Há, portanto, uma tentativa de esconder os sintomas e buscar anular o que seria uma doença mental, e isso pelo receio que o sujeito tem de ser desvalorizado, excluído e rejeitado pela sociedade. (SANTOS, 2013)

Em sua luta pelo não adoecimento, Pedro destacou suas capacidades de resistir às doenças da mente, assim como ao poder de Deus para resolver seus problemas:

Depressão mesmo forte eu nunca tive, só tive começo, porque quando a pessoa tá em depressão aí é difícil né de se livrar, é difícil, mas aí eu sempre tive começo, aí eu sou uma pessoa que tenho muita fé em Deus, eu peço muito a Deus. Às vezes quando eu vejo que eu tô muito dentro de casa, trancado, trancado dentro de casa, eu digo homi esse negócio de ficar só trancado, eu vou andar homi, fazer racha por aí pra espaiar. Eu peço muito a Deus, eu oro muito a Deus.

Pedro conseguiu escapar da representação de doente mental, mas não se despreendeu da de agressivo. Ao descobrir que sua mulher o estava traindo com outro homem, ficou muito agitado, decepcionado, triste e também com o desejo de expor a sua raiva e agressividade diante dela. Assim ressurgiu o personagem Pedro agressivo, com o qual ele sempre teve que conviver.

Pedro agrediu sua mulher verbalmente e ela o denunciou à justiça. Ele passou 50 dias no presídio. Disse: “a gente discutiu, eu acabei gritando com ela, aí fui preso também por isso. Eu não cheguei a agredir, mas se tivesse pego na hora...”, e isso porquê “ela me traiu, assim, é quase certeza, ela chegou a quase confessar”.

Na prisão surgiu o personagem Pedro preso. Esse novo personagem foi vivenciado com intensidade, como uma experiência marcante e inesquecível. Pedro conseguiu relatar com detalhes cada momento vivenciado na prisão, desde quando chegou até o dia que saiu de lá. Ao contar sobre essa fase de sua vida, enfatizou como foi difícil se perceber preso, afinal, ele não poderia ser como os outros que lá estavam, perigosos e mal vistos pela sociedade:

Quando eu me vi assim preso, algemado, dentro do presídio, rapaz, parecia coisa de gente perigoso, mas eu não sou perigoso pra tá preso. Quando abriram os portões que a viatura entrou pra dentro do presídio, e eles me tiraram, logo de início vi um monte de gente preso, algemado, a cela bem miudinha, cela que cabia 8 pessoas, tinha 20, 25 pessoa, era uma coisa apertada mesmo, briga era direto assim.

Pedro teve que conviver com muitos presos, vivenciando, assim, um problema da superlotação. De acordo com Goffman (1974), a vida em um presídio geralmente exige contato mútuo, pois é uma cela para muitos moradores. Por isso é necessário o estabelecimento de um bom relacionamento e socialização, o que, na maioria das vezes, é extremamente difícil. Assim evita-se ao máximo a provocação de incidentes e problemas com outros.

Quando detido, Pedro presenciou muitas brigas e desentendimentos entre os presos, tudo em decorrência do mau relacionamento interpessoal estabelecido no local. Relatou existir uma lei interna que todos devem cumprir: é preciso não se meter em confusão e respeitar o outro:

No primeiro dia que abriram o banho de sol, ai deu logo uma briga no pé da cela, quando abriram a nossa cela, os presos começaram a brigar. Eu fiquei meio nervoso, ai tinha uma cantinho recatado, aí fiquei lá, em pé, olhando os caba se matando, e tapa vai e tapa vem e quando dei fé os portão se abriram e ai entraram uns agentes, uns policiais, e apartaram, ai tiraram um rapaz todo ensanguentado, tinha bem uns 10 em cima do rapaz. Disseram que ele tava dando psi pra mulher dos preso da outra cela. Ai pronto foi só essa briga. Quando tá na hora da visita não pode olhar pra mulher de ninguém, tem que sair e ficar no canto, tem que ficar o tempo todo de cabeça baixa, num era só eu não, os outros também que num tinha visita, ficava o tempo todo com a cabeça baixa, de 8h ate 12h, não podia olhar não, porque se olhasse pra alguma mulher, tinha aqueles presos que é o dedo duro que ficava só olhando pra vê quem olhava, e eles tinha prazer de pegar um olhando pra depois bater, batia mesmo até o caba desmaiar.

Contou que foi uma época de muito sofrimento. Lá dentro ele perdeu muito peso ao se preocupar com o dia em que sairia dali, local indesejável e em condições tão desumanas. Segundo o sociólogo Sérgio Adorno (1998), as penitenciárias brasileiras encontram-se em situação precária, já que seus presos vivenciam uma péssima qualidade de vida. Sofrem com problemas como superlotação (celas cheias), alimentação deteriorada ou insuficiente, precárias condições sanitárias e de higiene, além de um ambiente favorável a situações de violência.

Cada dia a mais que Pedro viveu na prisão contribuiu para que ele perdesse a esperança de liberdade. O desespero gerou uma saída: ele pensou em tirar sua própria vida. “Ai quando foi uma vez eu fiz uma corda com o lençol, eu amarro aqui na cela no pescoço e me jogo, quero ficar aqui mais não, prefiro morrer.” Seria a solução perfeita.

Pedro resolveu suicidar-se, mas um colega de cela percebeu seus planos de morte e passou a noite acordado com ele, aconselhando-o e vigiando-o para que não concretize seus

planos. Seu colega leu a bíblia sagrada em vários versículos e isso contribuiu para que ele desistisse da morte. Ao final da leitura bíblica, relatou ter suas esperanças renovadas.

Os colegas de cela, assim como as leituras da bíblia foram os principais incentivos para ele continuar a lutar pela vida e a manter a esperança de sair da prisão. Aqui se percebe a importância do apoio e do bom relacionamento em grupo, pois Pedro encontrou as forças necessárias para prosseguir: “A gente vai fazendo amizade, na minha cela era assim quase uma família mesmo, um ajudava o outro. Assim, eles eram rival de outra cela, tinha preso de outra cela que não gostava, mas já na nossa cela era quase tudo como irmão, a gente dividia tudo”.

Ainda na prisão, ele contou com o apoio de uma mulher chamada Maria, que conheceu lá dentro, em um contato via celular. Ele resolveu comprar um celular na prisão e começou a ligar aleatoriamente para as pessoas, até que a ligação caiu no número de Maria e a partir daí eles começaram a conversar diariamente. Surgiu uma relação que permanece até os dias de hoje. Essa mulher é sua atual companheira. Relatou:

Eu conheci essa pessoa através do telefone, dentro da cadeia, comecei a ligar e ligando caiu nesse telefone, na cadeia hoje em dia você tendo um pouquinho de dinheiro você consegue de tudo. Tudo que se quer. Consegue mulher, o que imaginar, eu comprei um celular e comecei a ligar, ligando assim nos números pra cair, aí caiu nesse telefone, aí ela foi e se identificou, aí começou a perguntar quem eu era, onde era que eu tava, eu dizia assim ‘eu tô aqui na praça’. Aí ficamos falando, aí ela foi e continuou a ligar, e eu vi que ela tava gostando e aí quando eu saí conheci ela. Gostei dela, ela gostou de mim também, aí rolou uns beijinhos, aí pronto.

Pedro contou que ao sair da prisão deu início a esse novo relacionamento, com Maria, mas, ao mesmo tempo em que desejou iniciar uma nova vida, com novos objetivos e novas pessoas, se desesperou ao saber que sua ex-mulher, Antônia, estava grávida de outro homem. Com isso, Pedro confirmou suas suspeitas de traição. Ele ficou muito abalado e começou a beber descontroladamente, todos os dias, todas as horas. Começou a gastar todo o dinheiro com bebida. O álcool era a única coisa que parecia amenizar seu sofrimento:

Aí comecei a beber, me afoguei no álcool, eu sempre bebia, mas depois da separação, que eu saí da cadeia foi que eu bebi mais, bebi muito mesmo, aí eu tinha duas moto nova, aí vendi, tinha um dinheirinho guardado, eu sei que eu gastei tudo que eu juntei com a reciclagem, que eu sou muito juntador. Às vezes eu bebia era por diversão ou por que eu tava com raiva de alguma coisa, pra esquecer e me afogar nas bebidas. Aí foi que eu comecei a beber mesmo, ela realmente tava me traindo mesmo.

Pedro adquiriu mais um estigma, aquele produzido pelo consumo excessivo de álcool. Segundo Goffman (2004) há um tipo de estigma, as culpas de caráter individual,

conhecidas por vontade fraca ou paixões violentas, que caracterizam os conhecidos como viciados, alcoólatras, nessa categoria se enquadram os dependentes químicos que foram colocados à margem da sociedade. Para conter esse estigmatizado, doente ou criminoso, foram criadas medidas para proibir o uso da droga, e essa proibição foi embasada em duas explicações principais, segundo Alves (2009), de que tal uso deve-se a um problema moral e criminoso assim o usuário deve ser encarcerado. Outra explicação é que a drogadição deve ser encarada como doença biologicamente determinada e que por isso deve ser tratada.

A droga está “associada à violência e ao crime organizado, atingindo cidadãos de todas as classes sociais e uma faixa etária cada vez mais precoce, políticas públicas para essa área começaram a ser pensadas e implantadas, embora de forma lenta e gradativa” (COSTA, 2009, p. 02). Dessa maneira, a partir da crescente demanda por cuidados a usuários e dependentes de drogas, é necessária a construção de políticas públicas voltadas para trabalhar tal problemática como uma questão de saúde coletiva.

As políticas públicas não são suficientes para alcançar a vida de Pedro, assim, nenhuma intervenção institucional ou familiar foi acionada na prevenção dos danos que o consumo excessivo do álcool poderia causar.

Ao sair da prisão, Pedro encontrava-se em uma situação de intenso sofrimento, sofria com a traição da ex-mulher e, conseqüentemente, com a separação. Sofria com a dependência do álcool, com as doenças da mente, com as dificuldades econômicas e, além de tudo isso, com o desemprego.

Ele saiu de casa buscando recuperar seu antigo emprego, na empresa privada de reciclagem, mas descobriu que já havia alguém em seu lugar. Desempregado, a única saída era buscar uma atividade no lixão da cidade. Assim, iniciou-se sua história de catador: “aí foi da vez que fiquei desempregado e fui pro lixão, trabalhar lá, no lixão”.

Sabe-se que, no Brasil, seguindo um sistema econômico capitalista, ocorre um aumento considerável da competição no mercado de trabalho e a população que se dispõe a realizar tais atividades oferecidas não possuem qualificação formal capaz de ser reconhecida como relevante para a sociedade. A mão de obra sem qualificação acaba por ocupar as atividades mais degradantes do sistema, já que não possui as qualidades que possam garantir a boa vida (MACIEL; TORRES, 2007). A catação não exige anos de preparo, de estudo, é uma profissão que acolhe uma crescente parcela de brasileiros desempregados dispostos a trabalhar.

Segundo Medeiros e Macêdo (2006) vive-se uma crise do trabalho assalariado nos moldes capitalistas, que se apresenta pela exclusão de uma enorme parcela da população do

emprego formal, aumento do desemprego e precarização do trabalho. O desemprego aparece como um item fundamental para a iniciação de pessoas na atividade de reciclagem. O catador exerce seu trabalho na informalidade e isso o exclui de qualquer direito trabalhista. O catador é reconhecido em sua ocupação, em compensação, permanece em um trabalho precarizado, sem o reconhecimento de qualquer direito social.

Pedro afirmou sofrer muito preconceito com a realização de sua atividade no lixão. Relatou ter vivenciado várias situações que refletem essa problemática. Certa vez, ele conheceu uma garota, começaram a conversar e até iniciaram um relacionamento. Ela nunca pergunta onde ele trabalhava e nem ele havia dito. Quando certa vez ela questionou sobre seu trabalho e ele contou sobre a reciclagem, ela ligou pra ele dizendo que não daria mais certo o relacionamento:

Aí eu conheci uma pessoa, ela nunca perguntava aonde eu trabalhava, comecei a namorar com ela e tudo, aí quando foi uma vez, parece que ela soube por alguém que eu trabalhava no lixo, aí eu só sei que uma vez nós tava numa pizzaria aí ela foi e me perguntou ‘você trabalha em quê?’, aí eu disse assim, não eu trabalho com material reciclável, aí ela disse ‘mas como assim tu compra ou tu trabalha em alguma empresa?’, eu disse, eu trabalhei numa empresa e agora eu trabalho pra mim mesmo, ‘mas como assim?’, eu trabalho catando lixo e reciclagem, material reciclagem pra mim, aí ela disse ‘ah e é?’, eu disse, é. Daí a gente ficou a noite toda e tal, namorando, fomos pra festa, aí quando foi no outro dia ela ligou pra mim e disse que num dava mais certo, que ia terminar.

Nesse momento da história, a profissão de catador foi determinante, impediu que o relacionamento prosseguisse, “o que será que as pessoas pensariam ou diriam de uma moça acompanhada por um catador de lixo?”. O catador parece ser, ainda hoje, mesmo com todo o discurso de importância ambiental, estigmatizado e não desejado nos espaços sociais, disse: “tem os vizinho aqui que, o povo é preconceituoso, eu percebo. ‘Armária trabalha no lixo’, às vezes a gente passa, aí fica dois ou três comentando, olha aí fulano vai lá para o lixão, trabalha no lixão, desse jeito o povo é, tem preconceito, mas sabendo que o dinheiro é o mesmo né”. Aqui, Pedro destacou a importância da renda adquirida com o lixo, dependendo do público, parece não ter o mesmo valor. Para Pedro é a manutenção da vida com dignidade, para a sociedade em geral, é como se não valesse a pena ‘sobreviver do lixo’. Sobre o preconceito ele relatou:

Eu fui trabalhar no lixão, e é preconceito, às vezes eu falo, eu num nego não, às vezes alguém pergunta ‘você trabalha em que?’ eu digo eu trabalho no lixão, ‘homi tu é doido’. Teve uma vez eu tava num canto, aí começou um caba a falar de lixo, que tinha uma família, conhecia uma família que trabalhava com reciclagem, e não gostava e dizia assim ‘ave Maria aquele povo é sebozo, trabalha com lixo’.

O narrador relatou que os vizinhos o olham diferente, quando ele passa na rua observa algumas pessoas comentando com um olhar de desprezo que ele trabalha no lixão da cidade. Aqui o Pedro-catador não foi reconhecido nem por seus vizinhos e nem por sua namorada.

Segundo Fraser (2007), alguns autores como Honneth (2007) e Taylor tratam a questão do não reconhecimento sob uma perspectiva ética, ou seja, quando o homem não é reconhecido há uma probabilidade de ter sua identidade prejudicada, retardando seu crescimento e desenvolvimento, impedindo-o de alcançar uma boa vida. Para essa perspectiva o catador viveria em um modo de ser reduzido e falso, o não ser reconhecido pelos outros geraria opressão e baixa autoestima. Se, ao contrário do não reconhecimento, ocorresse o reconhecimento do catador haveria “A atitude positiva em relação a si próprio que surge desse reconhecimento afetivo é o de confiança em si mesmo. [...] forma as pré-condições psicológicas para o desenvolvimento de todos os outros aspectos de auto-respeito.” (HONNETH, 2007, p. 86).

A mencionada autora esclarece seu ponto de vista sobre o não reconhecimento, que, para ela, é uma questão de justiça. Dessa forma, constitui-se como uma subordinação institucional, quando há uma dominação e uma concepção de que algo ou alguém é melhor do que outro. Aqui, todos seriam parceiros e participantes na interação social.

Na perspectiva de Fraser (2007), o catador viveria em uma espécie de violação de justiça, quando tem suas características particulares negadas, sua história desconsiderada e seu status de participante social negado. Assim, ele encontra-se dominado por um sistema que dita os valores e normas adequadas a serem seguidas, colocando-a assim em uma posição de desigualdade de direitos e participação.

Já autores como Cunha (2009) afirmam que tais os catadores são normalmente reconhecidos pela sociedade como trabalhador desqualificado e despreparado. Fazendo parte de uma parcela de desempregados e preguiçosos, com uma ocupação precária e inapropriada para a sua saúde e isso devido o contado direto com o lixo.

Bauman (2005) relata que muitos humanos são tratados como lixo, que devem ser descartados, em razão de sua sujeira e inutilidade. São excluídos do sistema e a sociedade dominante, que os considera um peso sem funcionalidade alguma. Traz aqui uma discussão sobre a globalização acelerada e com ela o consumismo desenfreado que levaria o homem a descartar compulsivamente seus bens materiais e até humanos. Na atual sociedade, muitas vezes o catador parece ser percebido ainda como lixo, exercendo suas atividades de maneira desorganizada e por vezes desumana.

O próprio Pedro acabou por se identificar com essa representação de sujeito indesejável, que a sociedade lhe credita, assim, ele deve se manter escondido. Afirmou que catar no lixão é melhor que trabalhar catando na rua, pois pode ficar mais à vontade, além disso, pode se manter no anonimato:

Já pensou você trabalhando na bicicleta ou no carrinho de reciclagem catando no meio da rua, as pessoas vendo, e já é preconceituoso, as pessoas veem e vai ter mais preconceito ainda e a gente trabalhando lá fica mais assim no anonimato. Ninguém sabe, a não ser que você diga ou alguém perguntar né, na rua todo mundo vai saber. Mas na rua é até melhor.

Ele falou do lugar que lhe foi reservado na sociedade, o lixão. Lá é o único lugar que ele se sente seguro, pois ninguém o domina, ninguém é superior, ninguém o olha como um lixo ou miserável. Os resultados da pesquisa feita por Santos e Silva (2009) mostram que os catadores percebem que a sociedade não reconhece a importância do seu trabalho, tratando-o de maneira excludente e preconceituosa.

Mesmo diante do preconceito social, contou que sua família aceita muito bem o seu trabalho, inclusive tem várias pessoas que também catam no lixão da cidade:

Meu pai trabalhou um ano aí saiu, meu pai começou a trabalhar lá primeiro, só que trabalha lá, eu tenho, eu tenho um primo, uma prima, eu tinha duas primas que trabalhava lá, uma saiu e ficou outra e esse primo, e tenho um cunhado que trabalha lá, trabalha lá com a gente. Eles, assim a nossa família aceita bem né, nós mesmo num tem preconceito não, entre nós mesmo não, tamo tranquilo graças a Deus.

O não preconceito da família em relação à catação pode está relacionado ao fato de que a maioria de seus membros exerce a mesma atividade. O pai, os primos e cunhado, todos são catadores.

Ao continuar contando sua história, Pedro afirmou que seu trabalho se dá em condições inadequadas, sofrendo com a falta de segurança e higiene, sujeira com dejetos humanos e com risco de acidente de trabalho pela falta dos equipamentos de proteção individual (EPI).

O EPI serve para proteger os catadores dos riscos encontrados em seu local de trabalho, alguns EPIs disponíveis são: proteção de cabeça (capacete, capuz), proteção dos olhos e face (óculos, protetor facial), proteção da pele, proteção dos membros superiores (luvas, mangas), proteção dos membros inferiores (botas), proteção respiratória, proteção para corpo (calças, blusões). (RAMOS, 2012)

Afirmou utilizar alguns EPIs que comprou devido à alta necessidade: botas e blusas de mangas compridas:

Aí o povo tem realmente preconceito e em termo assim da higiene é muito pouca né, porque a gente suja as mãos de mais, se tu vê é tanta seboseira que a gente encontra e a gente não trabalha de luva porque não tem como trabalhar com luva não. A proteção é zero, é a Deus dará. A gente vê muita coisa sebosa, resto de comida, bicho morto, é sebosos, mosca é 24 horas sentando na gente, e principalmente a alimentação, a gente leva o alimento daqui na marmitex, a gente almoça lá, aí a gente faz uma barraca e fecha bem fechadinha com papelão e lona que é pras moscas não entrarem e fica escuro, aí a gente consegue almoçar porque se não, se não tiver a barraca, não consegue não, engole mosca mesmo (risos), pois é. É lixão né, lixão é assim mesmo.

Percebe-se que o catador de Icó está exposto a inúmeros riscos à saúde. Ramos (2012) afirma que o trabalho com o lixo é arriscado e isso devido ao contato direto com agentes nocivos à saúde, correndo o risco de contaminação e acidentes ao manusear os resíduos e ao respirar o meio ambiente do lixão que possui gases nocivos à saúde humana.

Quanto à saúde do catador, outras pesquisas apresentaram resultados semelhantes, Cavalcante e Franco (2007) relatam que alguns catadores percebem os riscos naturais e artificiais que enfrentam com a catação, riscos de acidentes e contaminações.

Mesmo com as condições ambientais inadequadas, Pedro não deseja deixar de realizar a atividade de catação. Relatou que surgiram convites para outros empregos, mas recusou, pois ganharia menos e trabalharia para os outros: “eu num quis não, eu recusei, porque eu ia passar a trabalhar pros outros. E eu trabalhando pra mim, eu ia na hora que eu quisesse, vinha a hora que quisesse, gosto de trabalhar pra mim”.

Os catadores se organizam de maneira independente, estabelecem seu ritmo, horário de início e término, mas geralmente trabalham muitas horas seguidas, com intervalo apenas para o almoço. Afirmam que nesse trabalho não há relação de mando e isso é uma grande vantagem. Em compensação eles cumprem uma jornada de trabalho cansativa e quando não trabalham não recebem outro tipo de assistência financeira. (SOUZA; MENDES, 2006)

Segundo Vieira (2011), “A visão e sentimentos do ‘ser autônomo’ perpassam pela vivência de liberdade na hora de decidir o que fazer, quando fazer, com quem fazer, sem maiores exigências. Essa maneira de pensar é comum a todos os catadores [...]”. Dessa maneira, o catador percebe-se como livre para tomar decisões sobre seu trabalho, portanto, autônomo. O Pedro catador também se identificou como Pedro dono, destacando a importância de ser independente e trabalhar sem ter ninguém para lhe mandar o que fazer, no dia e na hora que quer, com autonomia.

O ser catador de material reciclável parece trazer a Pedro um reconhecimento de importância ambiental que ele usou para justificar e apresentar sua principal atividade para as

pessoas em geral, ele se definiu como catador de matéria reciclável e não como catador de lixo:

Aí eu falei: ah, mas você tá enganado, a pessoa trabalha no lixo mas ninguém cata lixo, a gente cata material reciclável, lixo a gente já joga fora que é terra, é bagaço de pau, mas nós catamos material reciclável, o senhor tá é por fora, a reciclagem é muito bom, é uma coisa boa, é bom de se trabalhar, o que importa é trabalhar! Só em você trabalhar pra você, agora tá faltando é incentivo por parte do governo né, era pra ter um bolsa reciclagem. Eu defendo porque é a área que eu trabalho.

Esse discurso de reciclagem juntamente com o cuidado ambiental tem sido defendido e incentivado pela ONU e pelos defensores do meio ambiente nas últimas décadas. É uma atividade reconhecida positivamente na perspectiva de direitos legais e reconhecida negativamente pela sociedade em geral. Assim, segundo Medeiros e Macêdo (2006), o catador é incluído no sistema por ter um emprego e poder garantir sua renda mensal, além de ser reconhecido legalmente e excluído pelo tipo de trabalho exercido, o qual não é desejável socialmente.

Pedro relatou agradecer-se da atividade de catação, mas, ao mesmo tempo, deu a entender que este é o único trabalho possível. É como se ele não tivesse muitas alternativas, “o que importa é trabalhar!”. Além disso, destacou ser um trabalho digno, legal, uma ótima alternativa ao trabalho ilegal, “hoje tem serviço, pra você vê oh, eu fui trabalhar no lixão, mas tem gente que vai é mexer com droga.” Pesquisas com outros catadores apresentam que, para alguns deles, o trabalho é digno quando comparado com referenciais piores, como o trabalhar cometendo atos delituosos (SANTOS; SILVA, 2009).

O tempo passou e Pedro continuou a trabalhar no lixão. A reciclagem passou a fazer parte de sua rotina, a sua fonte de renda e esta passou a ser investida no consumo de álcool. Ele passou mais de um ano bebendo direto, até que, ao sentir-se mal no lixão, levaram-no para o hospital e ele descobriu que era diabético. Essa descoberta tornou-se o impulso necessário para que ele se estimulasse a parar de beber.

Eu bebia, mas parei uns tempos por causa do problema da diabete, aí o médico tirou, eu passava de semana bebendo, saía de casa só chegava no outro dia, mãe preocupada, ficava preocupada sem saber onde eu tava, às vezes saía nesse carro velho, eu tinha uma moto e saía também, andava de moto, eu bebia muito sem parar. Não faltava bebida não. Eu acho que agora eu num vou beber mais não, esse negócio de diabete tem que parar mesmo, nunca mais. (PEDRO)

A doença apareceu novamente como uma experiência capaz de impulsionar Pedro a uma mudança de vida. Ele começou a perceber os danos que o álcool em excesso poderia causar a sua saúde.

Mesmo diante de tanto sofrimento, Pedro relatou sobre a melhor coisa que aconteceu em sua vida: o nascimento do filho, fruto de seu relacionamento com Antônia. Essa criança que tem lhe dado forças para buscar superar o alcoolismo, as doenças e o desemprego. Apareceu aqui o personagem Pedro pai. Um pai que não pôde ver seu filho crescer, acompanhar seus primeiros passos, seu desenvolvimento e isso justamente devido à separação conjugal. Antônia (ex-mulher) vive com a criança em outra cidade e essa situação impede a convivência diária entre pai e filho. A criança apareceu diversas vezes na fala de Pedro, durante o relato de sua narrativa:

Eu gosto muito do meu filho. Eu mando a pensão dele, presenteio ele, mas ele é difícil vir aqui. Passa de 4 mês, 5 mês, sem vir aqui, acho que é por isso que eu adoço, porque eu me preocupo muito com ele. Sinto falta demais dele, sinto muita falta dele, às vezes sinto pesadelo pensando nele, sinto que tá acontecendo alguma coisa com ele. Já mandaram eu procurar o conselho tutelar e eu já num vou porque ele é criança ainda. A gente viveu pouco tempo, acho que só uns 2 anos juntos.

Fui visitar meu filho. Quando cheguei lá, que eu cheguei na casa, bati na porta o pai dela saiu né, aí o menino já saiu correndo atrás, é papai, é papai, já tinha um ano e mês que não via, aí se abraçou comigo, desamarrei a caixa da garupa da moto, dei as roupas a ele, ele ficou alegre [...] Aí levei um monte de carrinho pra criança, boneco, passei o dia todinho que nem criança brincando mais ele. Brincando de tudo no mundo, mas foi bom, pense como foi bom nesse dia. Foi um momento que eu nunca esqueço né.

O personagem pai vê no filho alguém que lhe é dependente, que necessita do seu cuidado, com o qual pode voltar a ser criança e brincar. A experiência de ser pai lhe trouxe uma imensa alegria, tanta que surgiu um sonho para seu futuro “eu sonho em construir uma família pra mim, construir uma família, namorar bem, casar, ter meus filhos com minha esposa”.

6.2 Marta: uma mulher de sonhos

Eu quero dizer que a pesar de nós ser catador, viver no ramo daquele, mas ali existe um pai de família, uma mãe de família, que ama, que cuida, que zela né, que quer um bem pra sociedade, quer ver um cidadão futuramente né, num quer ver um qualquer né. Eu digo pras pessoas ter mais consideração, mais respeito, porque além de ter um catador ali catando, tem um ser humano né, antes de tudo é um ser humano. Que tem muita gente que discrimina, que eu vejo o pessoal aqui, quando os carro do lixo passa, eles discriminando as pessoas que trabalha nas caçamba, quer dizer isso é feio.

O primeiro contato com Marta ocorreu no lixão da cidade, quando ela estava realizando a atividade de catação com sua família. A mulher estava toda coberta, com chapéu,

mangas e calças compridas, e com o rosto coberto, mostrava apenas os olhos. Não tinha como saber se era uma mulher jovem ou mais velha, seria impossível identifica-la em outro espaço.

O pesquisador conversou com ela que contou brevemente sua história de catação e o desejo de participar de uma cooperativa de trabalho. Inicialmente, ela pareceu uma mulher com conhecimento escolar superior a todos os outros catadores antes entrevistados. Mostrou conhecimento sobre as leis dirigidas aos catadores no Brasil e sobre seus direitos, enquanto cidadã. Sabe-se que sua principal fonte de renda é a catação e venda de materiais recicláveis. Trabalha com essa atividade há aproximadamente 08 anos. Realiza a catação no lixão da cidade juntamente com seu esposo e outros membros da sua família, como seu pai e alguns primos.

O segundo encontro também se deu no lixão. Lá, a catadora estava realizando sua atividade quando o pesquisador solicitou sua participação na pesquisa e ela aceitou. Forneceu seu número telefônico e endereço de moradia.

O terceiro contato ocorreu por telefone celular e teve como objetivo agendar o dia em que a entrevista seria realizada. No dia marcado o pesquisador foi até a casa de Marta procurando conhecer sua história de vida. Chegando ao local, estavam na calçada da casa: ela, seus filhos, sua mãe e alguns vizinhos.

Marta levou o pesquisador até a cozinha de sua casa, esta pequena e bem simples, na qual ocorreu a entrevista. Logo em seguida, ela iniciou sua narrativa ao responder a seguinte questão, “quem é você? O que fez você ser a Marta, mãe, mulher, catadora?” Sua resposta foi: “no caso ai são duas né? Tem a Marta catadora e tem a Marta pessoal”. Logo no início, ela deixou claro existir duas personagens relevantes em sua vida: a profissional e a pessoal.

Ciampa (1994) destaca que a identidade se apresenta em forma de personagem. Esta se constitui pela atividade, pelo movimento que se dá nas relações sociais. Hoje, a identidade não se limita apenas a descrição de informações sobre algo ou alguém, mas abrange a compreensão daquilo que não se mostra, dos significados que estão implícitos nos personagens.

Marta, uma mulher de 34 anos, casada e mãe de três crianças, sendo duas meninas e um menino, relatou trabalhar dia após dia para sustentar com o melhor possível a sua família, garantindo uma alimentação adequada, vestimentas e educação. Desde muito cedo, seus pais lhe designaram um personagem de responsabilidade, a menina quase adulta.

Devido à situação econômica da família, ela não podia brincar ou dedicar-se aos estudos. Ao invés disso, tinha que trabalhar, cuidar da casa e dos irmãos menores. Desde os

dez anos de idade trabalhava para ajudar com o sustento de casa. Começou trabalhando como babá: “Eu comecei quando eu era nova, cuidando de umas criancinhas, chegou uma senhora de São Paulo, ela tinha três filhos, e isso olha o ganho que eu ganhava: um prato de comida e uma roupa usada. Por quê? Porque a gente não tinha”. Seu salário baseava-se na supressão de suas necessidades mais básicas: alimentação e vestimentas.

Além disso, cuidava das irmãs mais novas. Eram quatro meninas, mas uma delas foi adotada por outra família e isso devido às dificuldades vivenciadas por seus pais. “A gente teve que se virar cedo, são três irmã, quer dizer são quatro é que uma já deu por causa do dismantelo, e as outras três todas foram trabalhar cedo”.

Conta que devido o trabalho, não conseguiu completar os seus estudos escolares. “Eu parei o terceiro ano porque, quando eu era nova, eu praticamente criei minhas irmãs, quer dizer trabalhava pra ajudar no sustento de casa”. A personagem trabalhadeira não deu espaço ao surgimento da personagem estudante, pois o trabalho ocupava todo o tempo de sua vida. Essa realidade parece se repetir em toda uma geração da história de sua família. Relatou ter acontecido igual com seus pais, pois não tiveram oportunidades escolares devido às baixas condições financeiras: “por que antigamente os filhos tinha o que questionar, a minha mãe, por exemplo, ela nunca estudou porque naquela época os pais não permitiam os filhos estudar, só trabalhar na roça né”. Marta teve uma história similar a de sua mãe. Há aqui uma produção da mesmice, que segundo Ciampa (1994, pg.22), ao analisar o caso de Severino, é como se a história sempre estivesse se repetindo, é como se as pessoas estivessem sempre vivendo a mesma vida e morrendo a mesma morte. Surgindo assim uma homogeneização absoluta, “O Severino é o severino severino”.

O pai era um ótimo pedreiro, ganhava um bom dinheiro, mas, em compensação, gastava todo o seu dinheiro com bebida alcoólica, não cuidava da família em suas necessidades básicas. Assim, por muito tempo, quem manteve sua casa foi seu avô paterno que, certo dia, não aguentando mais o filho que bebia diariamente, resolveu ir embora da cidade. Nessa época, toda a sua família chegou a passar muita fome, já que não tinha o auxílio de mais ninguém.

Ela relatou que, muitas vezes, quando ia para a casa de algum familiar, se sentia humilhada por ter que pedir um prato de comida e perceber que as pessoas davam sem vontade alguma. Assim preferia ficar em casa e com fome, a ter que pedir comida às pessoas, pois era muita humilhação:

Quando nós chegava lá que era pequenininho, ele reclamava, ele brigava, a minha vó era que ainda dizia: Não, deixa as criança, você num tá vendo como é a coitada,

tá com os filhos e tudo isso. Pronto, aí ficava por ali uns dias, mas a gente tinha que voltar de novo, porque nas casas era pior ainda, você ia ganhar um prato de comida, mas era mais humilhado ainda né.

O histórico de humilhação fez parte da vida de Marta que desde muito pequena enfrentou experiências nomeadas por elas como humilhantes todas relacionadas à escassez de recursos financeiros e a falta de cuidado paterno (devido à dependência alcoólica). Tal relato contribui para a confirmação dos resultados encontrados na pesquisa de Silva e Santos (2009) segundo a qual, os catadores têm um histórico de humilhação, de vergonha e de não reconhecimento social.

O pai de Marta bebia muito, ficava agitado, agressivo, brigava na rua e em casa, a família ficava receosa: “Ele ficava descontrolado, agressivo, às vezes ele começava as briga no meio da rua, aí queria terminar em casa, aí a gente saía pra num brigar, pra num ver desgraça né, pois é, eu sei que é difícil.” A pequena menina vivia em constante medo de que uma tragédia viesse a acontecer.

O dinheiro que o pai pegava gastava com bebida, enquanto a família passava fome. Marta relata que, quando criança, sentia “desgosto” ao ver que, em outras famílias, não faltava o básico que era a alimentação: “A gente tinha desgosto né, porque, na época, aqui morava um tio meu, irmão do meu pai né, e ele não bebia, ele não destruía nada, minha prima tinha de tudo. Tinha uma vida melhor né e a gente nem ser digno disso num podia, pelo menos de um prato de comida”.

A escassez de alimento marcou sua história, sendo lembrada como a situação mais difícil por ela vivenciada. Marta, muitas vezes, foi atrás do seu pai bêbado, com medo de ele perder a comida que às vezes resolvia comprar:

Às vezes a gente tinha que tá atrás dele pra ele pra ele não perder, bebo, né, quantas vezes eu num fui atrás dele, ele bebo, pra ir pra, tomar a carne do cachorro que já tinha caído no chão, melada, chegava, lavava, que os bicho tomava da garupa da bicicleta, a pessoa beba num sabe o que tá fazendo não, é um vício muito infeliz, e pra sair minha filha só Deus.

Antes de ela trabalhar como catadora de recicláveis, trabalhou em várias outras atividades: em lanchonetes, como babá, cozinheira e empregada em casas de família, com venda de cosméticos. E isso porque “não tinha emprego, não tinha”. Todos esses empregos não traziam segurança. Por diversas vezes ela ultrapassou períodos de desemprego em que não tinha nada para comer em casa com a sua família.

Contou que iniciou a atividade catando na rua, de casa em casa, pois não tinha um emprego e estava passando muita dificuldade financeira:

Eu comecei catando na rua, minha filha era bem pequenininha, através disso eu ganhei o Bolsa Família. Eu não tinha, aí eu acho que a moça se doeu né, era a secretária da ação social, nesse dia eu tava catando lá no tambozinho lá da casa do prefeito, com ela bem pequenininha, de cadeirinha mesmo, na cadeirinha e eu andando de bicicleta, colocava o saco na garupa, ela disse: ‘moça vem aqui por favor’. Aí eu fui. Ela disse: ‘por que você faz isso?’ Eu digo: por que eu preciso. Aí ela disse: ‘você num tem bolsa família? Eu digo, não. ‘Você tem alguma coisa em casa?’ Eu digo, também não.

Marta lembrou com muito carinho dessa moça que a auxiliou na inscrição do programa do governo federal Bolsa Família e que forneceu três meses de cesta básica para manter a alimentação de sua família. Relatou que todo o sofrimento enfrentado em sua vida contribuiu para que ela realizasse a atividade profissional que exerce hoje. É a catação de material reciclável que tem garantido seu sustento, assim como tem permitido que sua vida seja melhor que antes:

Eu me lembro que a minha mãe, eu pequena, minha mãe com um monte de menino pequeno, nós ia lá buscar uma cesta básica. Mãe saía me arrastando, o que ainda vinha era o leite em pó, o resto era aquele feijão bem preto, mas era uma sorte, merendar. Que nem eu digo pros meus filhos, merendar? A gente não tinha sua bolacha, seu café, o seu pão pra escolher, que nem eles escolhem. Que merendar o que? Mãe o que é que tem pra comer? Nós num tinha essa opção, ou você comia uma café com farinha no dia que tinha ou então você num comia, você não comia de jeito nenhum, e hoje não, hoje é diferente, NÓS SOMO POBRE, MAS NÓS NUM SOMO TÃO POBRE quanto antes, né? Porque antes era pior, que num tinha nada, nada, de jeito nenhum, aí devido eu sofrer, nesse tempo todinho, nessa batalha todinha, foi um dos ramos que eu fui trabalhando, fui pegando gosto e eu não pretendo voltar, ao contrário eu pretendo um dia aumentar.

A catação permitiu uma transformação na sua história de vida (âmbito econômico), esta carregada por escassez de necessidades básicas, tais como alimentação, lazer e vestes. Hoje todas elas estão sendo supridas de uma maneira satisfatória. Marta, que sofreu tanto com a miséria de não ter nem com o que se alimentar, está satisfeita com sua profissão, pois seus filhos não tem que passar as mesmas necessidades. Em diversas falas a catação é colocada como uma alternativa a miséria: “Eu acho assim, que apesar do que eu já passei e com o que anda acontecendo hoje, eu acho que eu sou melhor do que antes, que apesar de eu tá lá dentro não me diminuí”.

Contou que a “escolha” pela reciclagem se deu devido à dificuldade de encontrar um emprego na sua cidade, ou seja, pela condição de desemprego. Pois, mesmo tendo feito cursos de computação, de aperfeiçoamento em montagem básica e avançada, encontrou muitas dificuldades para conseguir uma atividade capaz de gerar renda suficiente para o sustento de sua família. Foi nesse momento que surgiu a ideia de catar no lixão: “O que me levou a catar, foi devido o desemprego. O desemprego na nossa cidade é muito grande, a

renda é muito baixa, e como na reciclagem é uma renda melhor, a gente, eu opinei por esse lado né”.

Mesmo diante das dificuldades, por ser mulher, e as pessoas não acreditarem que ela teria coragem de catar, Marta se mostrou uma guerreira e lutadora, pois conseguiu seu objetivo e lá permanece até hoje: “Acharam que eu não tinha coragem de ir, porque era longe, perigoso e não tinha quase ninguém. Eu digo: mas eu vou tentar, só sabe tentando, aí eu fui em frente, tentei e graças a Deus até hoje eu tô lá e só pretendo sair de lá pra uma melhora bem grande, se Deus quiser”. Aqui, ela deixa claro sua satisfação profissional quando diante de outras profissões com renda inferior e destaca a esperança de alcançar uma melhor atividade profissional. Atividade esta capaz de oferecer um melhor salário, um valor maior que o conquistado com a reciclagem. A reciclagem mostra-se vantajosa e isso principalmente devido à renda adquirida:

Eu opinei pra ser catadora porque é um serviço muito sujo, a gente não tem muita higiene, é um trabalho que não tem higiene porque você tá dentro de um lixão daquele, num tem higiene nenhum, mas em compensação você ganha melhor, você ganha melhor, dá pra sustentar a família melhor e manter sua despesa do mês sossegada né.

Hoje tem permanecido na atividade pela renda conquistada mensalmente, capaz de garantir o sustento da família tranquilamente. Para ela, o serviço sem higiene compensa já que o salário é uma renda muito boa, diante das opções apresentadas na cidade em que mora.

Marta cuida-se o máximo que seus recursos permitem, a fim de garantir sua saúde. Utiliza alguns equipamentos de proteção, comprados com seu salário, tais como luvas, botas, protetor solar, roupas que cobrem o corpo inteiro, vai ao posto de saúde em busca de vacinas, já que são frequentes os cortes com objetos perfurantes:

Porque lá não tem, quem se previne é quem ainda passa um protetor solar. Eu passo, mó do sol. Eu uso máscara, eu uso luva, bota, pra evitar né. O que eu posso comprar eu compro pra evitar, pra evitar um corte né. Injeção contra o tétano também eu tomo, por causa que você pode levar um corte numa lata enferrujada, numa faca né, porque tem, ai quer dizer já evita uma doença né. Agora a gente tá com medo também, é que andam falando nos rádios sobre essas vacinas de cachorro, o pessoal soltam muito animal lá, animal doente, animal com calazar, animal de todo jeito, quer dizer a gente corre o risco lá dentro né, além de você tá trabalhando num serviço perigoso, ainda corre o risco de pegar a outras contaminação, que nem outras e outras coisas que gente acha.

Porto et al (2004) relatam que a maioria dos catadores utilizam algum tipo de equipamento de proteção desde chapéus, botas e máscaras. Além disso, quase todos entendem a existência de algum tipo de risco a que estão submetidos no trabalho de catação.

Mesmo diante de riscos a saúde física e emocional, segundo Marta, seu trabalho garante uma segurança de nunca ficar desempregada novamente. Hoje ela afirma estar tranquila em relação ao sustento de sua casa, pois em qualquer lugar que for tem certeza que não faltará trabalho. Na cidade em que chegar conseguirá sobreviver com sua família, já que sempre haverá material para ser catado e ela não pretende largar essa atividade nunca:

Nós num passa mais fome, antigamente eu tinha medo de sair daqui, porquê? Com três filho pequeno você sair de dentro de casa, sem pagar aluguel, sem renda nenhuma, pra chegar numa cidade grande, como é que você vai se virar? Se você não tiver um currículo, ou se num soltar um currículo em qualquer canto, ou se você não for na casa de um cozinheiro, ou sem ninguém lhe conhecer, porque fora você tem que ter né, uma referência, se você não tiver referência, nada feito. Aí quantos ano eu num tô afastado de cozinha pra sair pra fora né? Eu disse: nós podemos sair daqui, mas nós podemos sair pra outra cidade procurar uma cidade que teja um lixão mais adequado, perto de escola pras criança num faltar escola, perto de uma cidade que teja hospital, que teja tudo pra depois chegar lá e ir se estruturando né, não ir de mãos abanando e se jogar no mundo porque também num é assim né, a gente num pode chegar e se jogar, tem que procurar, saber o lugar melhor.

A catadora narrou ainda que uma das dificuldades encontradas na atividade é a falta de valorização por parte dos compradores do material reciclado, que não pagam nos dias corretos. Os catadores ficam no lixão catando e separando durante um tempo suficiente capaz de juntar um material mínimo que compense os atravessadores ir até o lixão buscar o material. Geralmente a pesagem do material é feita de 15 em 15 dias.

É assim: é que aqui na nossa cidade, além de ela não ter renda os compradores que vem são compradores que não valorizam o catador né, ele compra, mas ele não paga certinho, ele passa de mês e quinze dias, de dois meses pra pagar, quer dizer, você ganha bem e ao mesmo tempo não ganha.

Segundo Medeiros e Macêdo (2007), os atravessadores são conhecidos como sucateiros. Esses são intermediários que recebem o material em suas empresas privadas ou buscam no local de trabalho do catador, pesam e estabelecem o valor a ser pago. Em seus depósitos eles acumulam o material e vendem para grandes empresas.

Ela destacou a importância de o trabalho gerar autonomia já que trabalhava na hora e no dia que queria. Além disso, lá não tinha ninguém para lhe dar ordens, assim, se perdesse um dia ou vários dias de trabalho, poderia recuperá-los trabalhando intensamente depois:

Se eu trabalhasse pra alguém, eu teria que dar satisfação ou então nem poderia ficar em casa com minha filha e na hora da necessidade, um filho doente, alguém doente... Até pra fora eu já viajei, passei duas semanas fora com uma irmã minha, quer dizer, se eu trabalhasse com outra pessoa eu não poderia recuperar e quando eu cheguei, trabalhei e recuperei o meu dinheiro né. Quer dizer, é bom lá por causa disso, quanto mais você trabalhar mais você ganha.

Velloso (2005) encontrou resultados semelhantes em sua pesquisa. Aqui, o catador optou pela reciclagem para não perder sua autonomia e nem ter que se submeter a nenhum padrão lhe dando ordens.

Outra questão problemática é o preconceito social que os catadores enfrentam, pois a sociedade os vê como se fosse um lixo, sem valor nenhum. Mesmo com toda a importância ambiental e reconhecimento legal conquistado pelo catador, a sociedade não compreende isso. Desta forma é importante conscientizar tais pessoas sobre essa nova realidade:

Eles precisam saber que a gente não é o lixo. Por que muita gente trata a gente como se fosse. Aqui mesmo onde eu moro, porque eu trabalho com lixo que nem diz eles né, quer dizer eles não dão valor aquilo ali, e hoje o meio ambiente tá acima de tudo, quer dizer o pessoal da classe, da nossa classe não valoriza, chama de lixeiro, até o próprio dono da reciclagem é lixeiro, quer dizer eles não sabem o que é que significa o ramo de reciclagem. (MARTA)

No relato acima Marta destacou a importância ambiental do trabalho com a reciclagem. Além disso, aponta para a necessidade da categoria se reconhecer como tal, dando o devido valor a sua profissão. Teixeira (2015) encontra resultados semelhantes na sua pesquisa. Os catadores relatam aprovar o trabalho de catação sob a justificativa de que ele é importante para manter o meio ambiente limpo, sem materiais poluidores, diminuído, assim, o volume, através da reutilização de produtos. Afirmam ainda que, mesmo diante da importância ambiental, eles não se sentem reconhecidos pela sociedade, nem têm garantidos seus direitos trabalhistas, muito menos um salário-base.

Como uma fiel representante da categoria, Marta disse que sempre defende seu trabalho, que tenta conscientizar as pessoas ao seu redor sobre a importância da reciclagem, mas ainda assim enfrenta muitas situações diárias de não reconhecimento. Ela contou uma dessas situações:

A gente é muito discriminado. Eu comprava um produto pra revender a uma pessoa, aí quando ela me via na rua catando ela não falava comigo e quando eu estava em casa, que eu estava banhada, limpinha ou então quando ela chegava com a mercadoria que ela sabia que eu era pagadeira e ia pagar era o maior amor do mundo. Quando eu estava na rua ela virava a cara, ela virava o rosto pra mim como tipo assim, eu não conheço essa pessoa né, quer dizer isso é uma discriminação né.

Marta destacou em seu relato o problema da sujeira, este associado diretamente ao lixo, instrumento de trabalho do catador e que é sujo, fedorento e nojento. Portanto, na situação relatada, as pessoas parecem associar o trabalhador ao próprio lixo. A mulher

ignorava a catadora quando esta estava em atividade, era como se o esse tipo de ser humano deixasse de existir ou não fosse reconhecido.

Talvez por isso a importância de não se falar em lixo e sim em material reciclável, dada à relação que se estabelece entre o profissional e seu objeto de trabalho. O material reciclável parece ganhar um novo significado: de limpeza, reutilização, de cuidado e responsabilidade ambiental.

Os exemplos de não reconhecimento social da atividade continuam:

Um dia desse eu tava no banco, eu tava pagando um empréstimo, aí uma moça disse assim ‘tu trabalha em quê?’ Eu trabalho com reciclagem, eu sou catadora. Ela disse ‘e o que é isso?’ Mulher eu trabalho catando mesmo, nos lixo, ela disse: ‘mais aonde?’ Aqui no lixão da cidade. Ai ela disse ‘e tu num tem vergonha não?’ Eu disse: tenho não. Eu disse, eu num tenho porque é melhor a gente tá trabalhando honestamente do que tá roubando ou se prostituindo, que muitos andam fazendo, ou então ganhar um tanto que num dá nem pra ajudar minha família, ela disse ‘é mulher cada cá gosta do seu emprego mas, o meu, eu trabalho numa loja ganho R\$ 400,00 no mês, mas eu sou mais o meu do que o seu’. Eu digo, é, cada um tem sua opinião. Aí ela disse ‘e quanto tu ganha pra fazer isso?’ Ai eu falei o valor a ela, o mês que a gente ganha menos é R\$ 1000,00. Aí ela disse ‘ah mulher então num é tão ruim não né?’ Aí eu disse: mas você teria coragem de fazer o que eu faço? Ela disse ‘tenho não, prefiro ficar onde eu tô’. Quer dizer ela mantém a pose, de bem arrumada, limpinha, ganhando pouco, mas não teria coragem de fazer o que eu faço né, ou vergonha, muita gente tem vergonha né. Por que realmente é vergonhoso.

A catadora narrou que a atividade traz um sentimento de vergonha, e isso devido às condições em que a catação é realizada, em um meio ambiente sujo e esteticamente inapropriado para um ser humano. Ao mesmo tempo em que relata esse tipo de vergonha, se mostra indiferente a esse sentimento: “eu já tô acostumada, já tenho dez anos com isso, aonde eu chego eu digo, eu não tenho vergonha, eu não tenho vergonha de trabalhar com isso, nem um pouquinho”.

Ela se orgulha por trabalhar honestamente, pois é um emprego que garante sua sobrevivência dentro dos padrões da legalidade: “a gente rala muito, sofre muito, mas se você tiver vontade de ser alguém de bem na vida você consegue né, acho que num existe motivo pra você ou vender droga, ou roubar, ou assaltar por causa de desemprego”.

Marta conviveu com a dor da fome, da família desestruturada devido à presença do álcool, com a perda de uma de suas irmãs (adotada), além das recorrentes situações de desemprego. Mas, mesmo diante de todas essas experiências ela não perdeu a fé em Deus: “confiando em Deus eu chego lá”, “aí quem sabe, se Deus ajudar né?” e “peço sempre a Deus”.

Além da fé, a narradora tem muitos sonhos. Ciampa (2003) afirma que as pessoas buscam que as metamorfoses de sua identidade produzam um sentido emancipatório, ou seja,

elas têm sempre essa esperança do reconhecimento de sua humanidade, de ser percebida como ser histórico e relacional.

Marta tem muitos desejos, entre eles sonha com um dia poder abrir uma empresa de reciclagem, comprar equipamentos e ser uma empreendedora na área: “Futuramente eu quero montar uma reciclagem pra mim, se Deus quiser, se eu tiver condições financeiras, de pelo menos comprar um carrinho, uma prensa e um dinheiro pra comprar um material à vista já é o importante pra melhorar, pra ampliar um projeto desse daí né”. Ela sonha em melhorar suas condições financeiras dentro da reciclagem. Quer permanecer nessa área, pois percebeu que o mercado tem muita demanda e é muito lucrativo.

Sonha ainda em concluir seus estudos e iniciar um curso superior: “eu tenho um sonho de fazer faculdade, mas como eu tenho três filhos, eu não tenho como fazer agora”, mas acredita que um dia alcançará seus objetivos.

Um dos seus maiores sonhos é ver seus filhos concluírem uma universidade, já que todo o esforço realizado na reciclagem teve como objetivo sustentar inclusive uma boa (aula particular, reforço escolar) educação pra eles. “Sonho de formar meus filhos [...] a minha parte eu tô fazendo, vai depender deles ser alguém na vida. Eles não podem dizer que não tiveram oportunidade de estudar, de que eu nunca ajudei né”.

Marta concluiu sua narrativa com o seguinte relato: “Eu peço a Deus que todos nós estejamos vivos e com saúde e em paz pra chegar lá e contar sua história, de onde começou e onde termina, quer dizer história nunca termina né, ao contrário só tem pra continuar”.

6.3 José, o menino e o homem de responsabilidades

O primeiro contato que a pesquisadora teve com José foi durante a segunda visita ao lixão. Ele estava realizando sua atividade no meio da tarde, em pleno sol, vestido dos pés a cabeça, mangas longas, calça comprida, uma blusa em volta do rosto que descobria apenas os olhos. Ao seu redor havia incontáveis moscas que pousavam sobre ele e lá permaneciam. Ele parecia já estar acostumado com aquele ambiente, pois catava tranquilamente.

Nesse mesmo dia solicitou-se a participação dele na pesquisa. Ele aceitou. O segundo contato ocorreu por telefone, a fim de agendar a entrevista na casa dele no dia e horário que estivesse disponível.

A casa de José mostrou-se bem pequena e simples, mas limpa e arrumada. Havia ali muitos eletrodomésticos e uma moto estacionada na sala, lugar escolhido para a realização da entrevista.

A pesquisadora iniciou a entrevista com a seguinte pergunta: “Quem é o José?” Ele entendeu o questionamento e escolheu uma lembrança de sua história que foi significativa, localizada na infância.

Iniciou seu relato contando que teve uma infância marcada por muito trabalho e pouca brincadeira. Desde muito cedo ajudava seu pai na agricultura, a fim de garantir o sustento para sua família. Sua mãe lavava e passava roupa para algumas famílias da cidade. José e seus irmãos ajudavam sua mãe, pois se comoviam com tamanha sobrecarga de trabalho que ela enfrentava:

A minha vida, a minha vida eu comecei na roça, eu trabalhando mais meu pai, que a nossa família era muito grande, nós era muito humilde, família pobre, minha mãe vivia na pedra do rio lavando roupa e nós trabalhava para ajudar, a gente vinha da roça e quando vinha pegava ela e quando ela num tava nós ia ajudar, juntar roupa, é, fazer as trouxa de roupa, botava as roupas na cabeça, vinha deixar em casa, voltava, cuidava em enxaguar e quando dava o horário voltava pra rua de novo. Aí eu saia 17h e ia embora, quando chegava em casa tinha a roupa pronta pra deixar e engomar, nós só botava uma trouxa de roupa na cabeça, um cabide na mão e vinha deixar nas casa, aí deixava um e voltava com outra na cabeça que no outro dia ela já ia pro rio cedo, e era assim nosso dia a dia, na roça, em casa.

No relato acima, assim como muitas outras vezes, ele destacou a situação financeira de sua família, descrita como muito pobre e humilde: “nós era de família pobre”, “por que nós era pobre”, “aqui todo mundo é pobre”. Tinham dificuldade para garantir o sustento familiar, assim, a única alternativa era trabalhar sem descanso e sem lazer.

José não tinha nenhum momento de lazer. Quando criança não tinha tempo para brincar “eu num brincava porque não podia, não podia não, não tinha tempo de brincar, quer dizer minha juventude mesmo assim foi perdida, quer dizer não foi perdida porque foi trabalhando né”. Ele sentiu muita falta das brincadeiras que acompanham a infância. Isso aparece no desabafo acima, que mostra quase que uma insatisfação total com essa fase de sua vida, que foi dedicada apenas ao trabalho.

O personagem José responsável foi vivenciado na infância e permaneceu na adolescência. Esta fase só fez com que as responsabilidades aumentassem. Ele não podia ir festas ou passear com os amigos, pois o pai não permitia, já que todo o dinheiro que conseguia era para utilizar com as coisas de casa. Sua rotina era do trabalho para casa:

Nós num sabia o que era uma festa, pai num deixava, certo. Por que tudo o que nós ganhava era pra dentro de casa, pra sustentar a família, nós era pobre. Só era duas pessoas eu e minha irmã mais velha pra sustentar os outros. Nós ajudava o véi mais a véia, e isso os outros quando foram crescendo foram ajudando e nós fomo assim.

Relatou que passou muitas necessidades, dormiu muitas vezes com fome porque não tinha o que comer. Às vezes deixava de comer para alimentar seus irmãos menores que choravam muito. Muitas vezes ficava triste e chorava porque não tinha o que comer:

Que até fome eu já passei, nós era pequeno, era com uns doze ano, era tudo caro, num tinha dinheiro e ninguém tinha condições e o que era nossa janta? Quando tinha, era um pacote de bolacha pra nós jantar, com chá, e quando num tinha tomava só chá e ia dormir com fome. Eu dormi muitas vezes com fome, os mais novo comia e nós ficava, por que num dava, preferia deixar os mais novo comer do que nós que nós era mais maior, nós podia tomar um copo d'água e dormir, nós era mais adulto.

Raiva a gente num sentia porque a gente num podia fazer nada né, triste também, a gente ficava triste, né, você atrás de comer uma coisa, uma coisinha pra você comer, pra encher sua barriga. É uma alegria grande você dormir de barriga cheia né, pra você dormir com fome, quer dizer nós preferia ficar, do que vê os mais pequeno com fome, porque? Porque eles chorava com fome né, e nós ficava mais se aguentava, quer dizer, nós aguentava a força.

Percebe-se que através do trabalho José encontrou a sobrevivência familiar. A pobreza, de uma forma geral, se caracteriza como uma situação onde as necessidades não são supridas adequadamente. É um tema complexo e amplo. Rocha (2003) discute a existência de pelo menos duas perspectivas de pobreza, pobreza absoluta e pobreza relativa. A primeira diz respeito a um padrão de pobreza em que as famílias não teriam o mínimo necessário para manter a sobrevivência. A segunda tem ligação direta com a distribuição de renda, ou seja, é quando o individuo é considerado inferior na camada da distribuição, quando é colocado em posição de desigualdade se comparado aos outros que estão bem posicionados na sociedade. Assim, não está relacionado diretamente a manter a vida, mas também à qualidade de vida. Nessa perspectiva, superar a pobreza relativa é possível através de uma distribuição equitativa dos recursos econômicos de uma sociedade específica.

José vivenciou um período que parece ser de pobreza absoluta, sofrendo com a falta de alimentação básica. Relatou sobre a necessidade de trabalhar junto com seus irmãos para sobreviver mesmo em condições inadequadas. Ele não pôde ser criança, brincar e se divertir. Ao invés disso teve que representar o personagem menino trabalhador, e isso para garantir a sobrevivência.

Tal realidade limitou seu acesso á educação escolar. Não pôde, assim como seus irmãos, frequentar a escola todos os dias e nem concluir seus estudos, pois a responsabilidade com o sustento da casa não permitiu. Sobre esse aspecto, relata: “Isso quando nós ia pra escola, mas era muito pouco, porque nós tinha que trabalhar, mas pra estudar fomo pouco, nós num podia tá direto, mas por quê? Porque nós tinha que trabalhar pra dar sustento”. Seu percurso escolar durou apenas até a terceira série pela seguinte razão:

Porque eu tive que trabalhar pra dentro de casa, ai eu tive que abandonar, ou estudava ou abandonava o trabalho. Eu achei melhor abandonar o estudo e trabalhar pra dentro de casa. Eu sei que eu perdi muito, é claro que a gente perde né. Se eu tivesse condições é claro que eu tinha terminado meus estudos né, mas pra mim eu achei melhor abandonar e ajudar dentro de casa, naquela época era mais difícil.

José cresceu e se tornou um jovem, mas claro que ele não deixou de trabalhar pesado. Seu objetivo era conseguir um emprego e sustentar sua mãe para que ela deixasse de trabalhar tanto e sem descanso. Sendo assim ele conseguiu um emprego em uma empresa que consertava estrada e seus primeiros salários foram direcionados a sua mãe. Lembrou com alegria uma das coisas mais importantes que já realizou:

Nós tiramo mãe da pedra do rio. Pra mim foi muito importante porque ela sofria muito, saia cinco horas da manhã, às vezes quando vinha almoçar era uma hora da tarde, e mal podia comer, já voltava pra engomar aquela roupa de novo todinha, né. Eu trabalhei mais pra conseguir tirar ela. Isso ai pra mim, só em ter tirado ela da pedra do rio, ela sofreu muito, sofreu ela e nós né.

José trabalhou em várias outras atividades. Com dezenove anos foi selecionado para trabalhar em uma empresa no Piauí. Lá passou aproximadamente um ano de sua vida, mas não se adaptou a região, caracterizada por ele como extremamente quente, e resolveu retornar a sua cidade e para sua família.

Logo após o seu retorno, ele iniciou um namoro, que se transformou em noivado. Ele sempre foi muito apegado à mãe, muito próximo a ela. Quando resolveu casar, sua mãe não queria separar-se do filho: “mas se fosse por mãe ainda hoje eu tava em casa, ela era muito apegada, eu ajudava muito a ela, pra ela eu era tudo, aonde ela precisasse eu tava ali”. Mas, mesmo sem o apoio de sua mãe, juntou dinheiro com sua noiva, comprou suas coisas e decidiu casar.

O menino obediente tomou uma atitude contrária a sua mãe, resolveu viver uma vida independente dela, onde poderia ter algum prazer que não estivesse diretamente relacionado ao trabalho, mas também ao prazer de estabelecer sua própria família. José contou que “toda vida eu fui obediente a minha mãe”, mas seguiu o conselho do seu pai que sempre dizia: “meu filho se quiser casar casa, você já tem sua idade, você num vai ter sua mãe toda vida”.

Depois de casado, José teve que intensificar a rotina de trabalho, já que tinha que manter sua mãe (“toda vida eu ajudando minha vêia dentro de casa, porque num podia também deixar ela sem nada”) e agora, também, sua esposa. Diante das necessidades precisou trabalhar em diferentes atividades: “Trabalhei 07 ano em uma granja matando frango, pra

ganhar um salário véi”. Além disso, passou um longo período, cerca de nove anos, trabalhando com agricultura, cuidando do gado e da roça dos “outros pra ganhar mixaria”.

Depois começou a realizar a atividade de separar material em uma reciclagem da cidade. Lá ele ganhava um pouco melhor do que nos empregos anteriores, mas, em compensação, tinha uma equipe de trabalho e o patrão com os quais tinha que conviver harmonicamente e dar satisfações e isso lhe desagradava:

Comecei a trabalhar com a reciclagem, passei um ano na reciclagem, aí tava bom na reciclagem, tava ganhando mais ou menos, mas começou a entrar gente, começou a querer entregar uns aos outro né. O dono quando saía, deixava eu olhando, aí tinha gente que via o menino parado e ficava entregando, e eu dizia ‘quando o dono chegar eu vou mandar ele outro pra ficar olhando por que eu não vou tá reclamando ninguém.

Na empresa de reciclagem, o patrão deu a José a função de vigiar seus companheiros para que ninguém ficasse parado ou descansando, mas ele não aceitou e, por isso, teve que sair da empresa. José ficou desempregado e resolveu ir catar no lixão: “Quando eu saí de lá, eu fui pro lixão. Fiquei no lixão e vai fazer um ano e quatro meses que eu tô lá. Eu tava na reciclagem e depois fui pra lá”.

Relatou que trabalhar no lixão é muito bom, pois não tem ninguém melhor que ninguém, cada um tem seu trabalho e não recebem reclamação de um superior. Trabalha quando quer e na hora que quer e lá é como uma família, pois eles estão diariamente trabalhando junto, cada catador para si mesmo: “Porque lá é bom, ninguém reclama ninguém, você vai a hora que você quer, vem a hora que quer, ninguém diz nada com ninguém, né, e lá a gente é como uma família né, quer dizer que nós tem uma família lá, e outra cá, nós é tudo uma família só”. Aqui, José destaca a vantagem de que, lá dentro do lixão, ele é independente, livre e ninguém tem poder sobre ele. Lá é o seu espaço, o seu negócio e, como tal, o único poderoso é ele mesmo.

Por muito tempo José manteve uma relação constante de submissão patrão-empregado e isso lhe cansou e desgastou. Em todos os seus trabalhos anteriores à catação no lixão, ele se sentiu inserido em uma relação de poder desigual e de não reconhecimento. Nestas situações, o patrão mandava e ele, por necessidade, obedecia, ou seja, havia sempre uma reposição da sua identidade. Segundo Ciampa (2003), muitas vezes essa reposição de identidades dá uma impressão de não metamorfose, ou seja, de que nada muda e que tudo sempre permanece da mesma forma. Na verdade, essa mudança deve ser percebida como uma metamorfose de identidades pressupostas ou repostas. Ele ilustra essa situação com o seguinte exemplo: em uma relação patrão e empregado em que o pressuposto submissão/dominação

for sempre reposto, “nada” mudará, tudo parecerá sempre igual. Mas, na verdade, a identidade se caracteriza como esse processo de metamorfose em busca de emancipação.

Relatou em vários momentos da narrativa já ter sido muito humilhado em sua vida e não querer mais se submeter a isso: “mas é melhor a gente tá ali do que viver humilhado aos outros, trabalhando pros outros de graça”, e ainda “A gente tá ali porque num quer ser humilhado a ninguém”, também “Eu vou viver humilhado aos outros que nem eu trabalhei? Eu prefiro tá ali, por que ali eu tô solto”. Mesmo com a mudança de posição, deixou de ser um empregado qualquer para se transformar em dono de seu próprio negócio. Percebeu que sua situação de humilhação não acabou, apenas transformou-se, agora “ali eu num sou humilhado a ninguém, eu sou humilhado a mim mesmo”.

O salário adquirido no lixão, capaz de suprir satisfatoriamente as necessidades de José, assim como a não submissão a nenhuma hierarquia de poder em suas relações de trabalho, parece trazer um tipo específico de reconhecimento, já que ele se percebe como alguém capaz de realizar algo importante: manter dignamente sua família. Lá no lixão o olhar do outro não incomoda tanto, pois todos estão em uma posição de igualdade, cada um tem que lutar pela própria sobrevivência. Dessa forma, o reconhecimento adquirido parece não ser tão desumano, já que o seu meio profissional lhe permite certa autonomia e dignidade.

Humilhado assim, porque eu num posso me reclamar, eu num vou reclamar ninguém, num é, eu vou no dia que eu quero, no dia que eu num quero eu fico em casa mais a mulher, mais os meninos, num é, por isso que eu digo eu num vou, eu mesmo, enquanto vida eu tiver e puder, pra trabalhar pros outros eu num quero mais. (JOSÉ)

Além de tudo isso, é uma atividade financeiramente atraente diante das outras que estão disponíveis na cidade. Nunca e em nenhuma outra ele ganhou tão bem como ganha agora com a reciclagem. Com ela, consegue sustentar adequadamente sua família:

Dá pra sustentar a família, dá pra sobreviver direitinho, a gente cata a lata, o plástico, separa, ensaca, vende e quando chega o dia dá. Porque é que a gente que tá ali? Porque é que a gente num quer viver obrigado a ninguém? Porque ali é um serviço, você ali né solto, é igual um passarinho é solto, se você quiser trabalhar você trabalha, se você num quiser você passa o dia sentado. É por isso que eu tô ali, é bom, a gente é liberto.

Porque lá é bom pra mim, lá eu tô ganhando coisa que eu nunca ganhava. Eu ganhava um salário seco, um salário mínimo, ali eu tiro mais de R\$ 1000,00 por mês, né. Ai eu deixar de tá ali ganhando mais pra ir ganhar um salário de carteira assinada, eu num quero mais, e ali é bom, eu gosto dali.

A atividade no lixão oferece um retorno financeiro satisfatório. Depois do trabalho com a catação, ele relatou que suas condições melhoraram muito. Hoje suas

necessidades básicas são supridas. Muitas vezes conta sua história para a filha que não viveu e nem vive uma situação miserável, para que ela dê valor ao que tem:

E hoje eu tenho para me alimentar. Às vezes se num é frango ou carne de gado num quer, eu digo minha fia tantas vezes eu já dormi com fome mais meus irmãos e uma coisa que tem tu fica dizendo que num quer. Muitos tão por ai com fome atrás de uma comida dessa e num tem. Eu digo se um dia você passasse um dia de fome você ia saber o que era, que nem eu já passei.

Além das questões de sobrevivência, a justificativa para a atividade de catação remete ao discurso ambiental, que tem alcançado uma grande quantidade de catadores e estes o tem reproduzido. É como o fato de ser agente ambiental fosse um alívio conquistado politicamente para todo o preconceito e estigma depositado sobre a atividade. Assim, José também destacou a importância de exercer uma atividade ambiental essencial, que colhe o material reciclável (entendido pela sociedade como sebo) e, ao mesmo tempo, sustenta dignamente sua família:

Ai você tá reciclando uma coisa que tem futuro, isso é serviço pra gente, serviço pra outros que sai dali e ainda vai pra outros pra trabalhar e pra sobreviver também, ganhar o pão do dia a dia, né, dali, alguns já vai pra outros canto, pra outras reciclagem também, quer dizer tudo depende da gente ali, e se a gente num tiver catando como é que a reciclagem vai conseguir mandar pra fora, ai tem povo que acha sebo, eu num acho sebos, eu num acho, eu acho um trabalho digno, normal, do dia a dia da gente né.

José relatou também a essencialidade de sua personagem no sistema da reciclagem nacional. No entanto, destaca apenas a função econômica e parece não levar em consideração a ambiental. E se não existisse o catador, como as grandes empresas iriam reciclar? Como elas iriam prosperar economicamente? Segundo o Instituto Ethos (2007), os catadores se encontram na base desse sistema de reciclagem, recolhendo a matéria prima nos lixões das cidades e fornecendo-a para as indústrias. Ainda assim é uma categoria desvalorizada e sem reconhecimento social.

Segundo Galbiati (2004), mesmo os catadores sendo essenciais na cadeia produtiva da reciclagem, eles ainda são os mais excluídos e marginalizados. Não possuem poder para definir o valor dos materiais comercializados. O preço geralmente é estabelecido pelos atravessadores, que são os intermediários nesse processo. Assim, principalmente os que trabalham diretamente com o lixo, não são tratados como verdadeiros trabalhadores e, muitas vezes, são confundidos como pedintes.

Assim, a atividade, segundo José, não traz apenas coisas boas, mas também algumas desagradáveis como o preconceito social e o exercício da atividade em condições inadequadas para a saúde e o conforto físico. Sobre isto, relatou:

Ali é bom, é ruim, mas, a gente sabe que ali é, o povo diz que ali é seboso, mas é um seboso que dá pra nós viver sem viver humilhado a ninguém. Seboso assim por que joga bicho morto, gado, essas coisa joga pra lá, tem urubu, eles acha que é seboso por isso né. Que vai lixo de hospital vai, mas o lixo de hospital é separado, é queimado né, assim que joga queima. Ai eles acha que é seboso por isso, mas num é seboso.

Na fala acima o catador relatou sobre o preconceito sofrido pela sociedade, que construiu, segundo ele, a imagem de um serviço sujo, indigno do ser humano. Imagem essa que também parece ser compartilhada por ele: “Porque se fosse, por exemplo, cheio de bicho, né, você pegando em bicho morto, ai tava certo, mas num é, então não é seboso”. Essa imagem negativa, segundo Goffman (2004), é uma marca construída pela sociedade (considerada normal), que serve para definir a inferioridade e a não humanidade de uma parcela da população (considerada perigosa, anormal). As normas são estabelecidas e, para o bem da interação social, a maioria das pessoas acaba por absorvê-las e aceitá-las.

José disse que, no geral, os seus vizinhos o tratam bem, levam os materiais que juntam em suas casas ou pedem para ele ir buscá-los. Só existiria uma senhora que, quando ele passa na rua, manifestava sentimento de desprezo, humilhando-o aos gritos na rua, chamando-o de seboso, nojento, lixeiro:

Ai tem uma véia, porque ela acha que, quando a gente passa ela diz: é porque trabalha no lixão, é seboso num sei o que. É só ela, mas porque ela é uma pessoa, ela diz pra todo mundo na rua, só que isso aí eu num ligo né, a gente num liga, porque se você for ligar o que o povo diz, você num faz nada. Os vizinhos daqui tudo faz é ajudar.

Quando José relatou o acontecimento quase diário em que a vizinha o ofende na rua, pareceu triste e envergonhado, no entanto, imediatamente afirmou não se importar com as atitudes dela, nem com as das demais pessoas que concordam com ela. Conta ainda que, no lixão, há uma prática muito comum com a qual se deve ter cuidado: o roubo dos materiais que foram separados e guardados para a pesagem. Existem algumas pessoas que querem facilidade e levam reciclável dos outros:

A latinha, o alumínio, a gente trás, porque se deixar lá o povo rouba, porque o alumínio é uma coisa mais cara um pouco, né, não pode deixar lá, porque se deixar roubam. Aí a gente separa o alumínio, a borracha que é mais cara, ai a gente trás pra casa, ai quando chega aqui, na semana, ai eu e a mulher e a menina, nós se senta, ai vamo separar tudinho, é latinha pro canto, panela pra outro...

O narrador compara sua vida a partir de duas fases, quando trabalhava para os outros e depois que começou a trabalhar para si mesmo (com a catação de recicláveis no lixo). Ele traz no relato a relação intrínseca entre a satisfação, o bem-estar e o fato de ter suas necessidades atendidas. Aqui o ter vem antes do ser: “O que eu era, pra o que eu tenho hoje, graças a Deus, eu me sinto uma pessoa que sou vencedor né, o que eu já vivi, graças a Deus, eu tenho essa casinha, tenho essas duas motinha, a vista o que eu era, o que eu passei, o que eu tenho...”. Em todo o seu relato e em seu caso, percebe-se que o reconhecimento gira em torno principalmente de duas necessidades. Assim, percebe-se que não basta apenas o reconhecimento enquanto valor social, mas também é extremamente importante enquanto distribuição de riquezas, corroborando assim com as discussões de Fraser (2007).

A maior parte da narrativa de José apresentou o personagem trabalhador. Isso em razão de grande parte de sua história ter sido dedicada à manutenção do sustento de sua família. Ele repôs essa identidade pressuposta. Assim, quando foi instigado a falar sobre outros acontecimentos em sua vida que não estivessem relacionados ao trabalho, ele silenciou, não conseguiu contar outras experiências: “Num dá nem pra explicar (silêncio) num sei, pra ser o que eu sou, eu nunca tive nada, meu pai nunca pôde me dar, trabalhando fui comprando, eu sou grato pelo que eu tenho hoje: minha família, (silêncio)”. E aí novamente o José trabalhador aparece.

José aparece em seu relato como um homem religioso, que credita a Deus tudo o que acontece em sua vida, isso comprovado em diversas passagens: “é só nós e Deus, nós reza muito, eu peço muito a ele”, e “se Deus quiser eu consigo, primeiramente Deus, né”, “o que eu peço a Deus é que me der força pra eu lutar no dia a dia”, “que Deus lhe coloque num bom caminho”, e várias outras falas mostram a esperança depositada em Deus. Seu maior sonho é que Deus lhe abençoe para que possa trabalhar e assim conseguir concluir as obras de sua casa. Assim “se Deus quiser ele vai me ajudar a terminar minha casa, meu sonho é esse”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, a problemática ambiental tem ganhado proporções mundiais. Busca-se preservar o meio ambiente, a fim de garantir a sobrevivência do planeta. Sabe-se que o acelerado desenvolvimento industrial e tecnológico, além do crescimento da população mundial tem gerado um aumento na produção de bens e serviços, contribuindo assim para a degradação ambiental. De tal situação surgiu a necessidade de implementar alternativas e estratégias de gestão ambiental, todas pensadas para que esse crescimento se dê em condições sustentáveis, ou seja, deve-se garantir a satisfação das necessidades humanas (com qualidade de vida) evitando ao máximo a destruição ambiental (SEIFFERT, 2014).

O homem tem se preocupado com a destruição dos recursos naturais simplesmente por reconhecer sua importância para a garantia da sobrevivência, o lema é: não destruir para não sermos destruídos! Aparece aqui o modelo de ser humano produto da construção social, cujo objetivo é se satisfazer plenamente, garantindo a sobrevivência da espécie.

O discurso em prol do meio ambiente permitiu que alguns países se comprometessem em assumir suas responsabilidades perante esse cenário de poluição. O Brasil tem buscado algumas alternativas em busca da sustentabilidade, uma delas é a reciclagem de materiais, caminho lucrativo percorrido por uma sociedade de consumo que, a cada dia, tem gerado mais e mais resíduos.

A indústria da reciclagem aparece de uma forma bem estratégica pois percebeu a grande quantidade de recursos financeiros adquiridos no desenvolvimento da atividade. Assim foi de interesse das grandes empresas investir nesse mercado, pois teriam retorno financeiro e reconhecimento pelo trabalho ambiental, esse último a cada dia mais valorizado.

No Brasil, sabe-se que o descarte de produtos, é realizado constantemente e, muitas vezes, de maneira inadequada. Tem-se, aqui, uma produção crescente de lixo. O que parece lixo para uma enorme parcela da sociedade consumista, pode ser considerado pelas grandes empresas, assim como pelos catadores, como material reciclável e reutilizável. Surge aí a importância econômica e ambiental da atividade de catação de material reciclável, retirar do meio ambiente produtos poluidores e gerar mão de obra necessária para o processo de reciclagem.

As histórias narradas nesse trabalho foram apresentadas por três catadores de material reciclável. Todas trazem em comum algumas características à categoria. Em vários momentos da narrativa, os sujeitos da pesquisa apresentaram linguagem e comportamento semelhante. Sabe-se que isso geralmente acontece em decorrência das relações estabelecidas

no ambiente de trabalho, que influenciam os comportamentos, expectativas, linguagem e afeto. Os sujeitos trazem a marca de sua classe social “do ‘lugar que o indivíduo ocupa na produção’”. (CODD, 2012, p. 139)

Os catadores apresentaram relatos marcados pela pobreza. Os três experimentaram a fome por falta de renda suficiente para manter suas necessidades básicas supridas. Segundo Felizardo e Lucas (2010), a pobreza não é uma fatalidade, ou seja, não falta alimento no mundo, mas, devido à insuficiência de renda gerada pela desigualdade social, muitas pessoas não possuem um mínimo para sobreviver dignamente.

Paugam (2011) entende que a pobreza é considerada pela sociedade como uma condição intolerável e de inferioridade, e por isso, aqueles que fazem parte dessa categoria social são desvalorizados e estigmatizados.

As pesquisas feitas por Vieira (2011) mostraram que o catador tem um histórico de pobreza na infância e que por isso eles têm dificuldade de acesso educacional devido o trabalho infantil.

Os resultados da presente pesquisa mostraram que os catadores tiveram uma infância permeada pela escassez de alimento, falta de roupas, de lazer, assim como de uma educação adequada. Os baixos índices de escolaridade são justificados pela necessidade de eles trabalhar desde crianças para garantir o sustento familiar. Todos parecem viver a mesmice, passaram fome, trabalharam na infância e não tiveram acesso a educação. História repetida também na vida de seus pais.

Carvalho (2008) conta que, no Brasil, as crianças membros de famílias pobres devem, desde muito pequenas, realizar alguma atividade, a fim de contribuir com a luta pela sobrevivência. As condições de trabalho geralmente ocorrem em condições inadequadas e isso pode ser responsável pelas dificuldades no desenvolvimento da criança.

O não acesso escolar aparece como um dos fatores responsável pela inserção do catador em outras atividades que não exijam escolaridade. A lista de trabalho informal é extensa e vai desde empregada doméstica e vendedor autônomo até mototaxista. Pesquisas revelaram que as mulheres e os homens catadores, antes do trabalho com a catação, experimentaram outros trabalhos pouco qualificados (VIEIRA, 2011).

Essa diversidade de atividades profissionais, segundo eles, ocorreu em condições de dominação. Narraram que em todos os empregos exercidos foram humilhados, além disso, se sentiam desvalorizados enquanto pessoa e no retorno financeiro, já que seus padrões/superiores exigiam muito esforço e em troca ofereciam um pequeno salário. Eles se submetiam a dominação devido às necessidades econômicas.

Segundo Guareschi (2008), dominação é um tipo de relação estabelecida entre as pessoas que se dá em condições de desigualdade e injustiça, em que um se apodera do poder do outro. Um tipo comum é a dominação econômica, que se caracteriza quando alguém explora ou até rouba a capacidade de trabalho de uma pessoa.

Os relatos mostraram a presença de um sentimento de exploração, vivenciado por cada narrador diante de vários trabalhos “desumanos” que eles precisaram exercer incansavelmente. Exemplos: cozinheira e babá, a catadora relatou que por necessidade passava o dia e a noite no trabalho e não podia estar com a família, e isso tudo para complementar a renda; cuidador de gado e de terras dos “outros”, e isso em troca de um prato de comida. Eles trabalhavam exaustivamente em troca de alimentação para sobreviver.

Pior do que a diversidade de trabalhos exercidos em condições de exploração foi a condição de desemprego que os narradores tiveram que enfrentar. Essa situação é nomeada por Paugam (2011) como desqualificação social, ou seja, quando o indivíduo (hoje uma grande parcela populacional) é expulso gradativamente do mercado de trabalho.

A opção por trabalhar com a atividade de catação, nas três histórias, surgiu como uma alternativa ao desemprego, assim como pela necessidade de subsistência. Segundo Freitas e Ferreira (2015), a principal motivação a levar as pessoas a trabalharem no lixão é o desemprego, ou seja, estar excluído do mercado profissional, assim como pela necessidade de aumentar a renda familiar, responsável pelo sustento satisfatório e pela aquisição de todos os bens da família.

O catador geralmente faz parte de uma crescente massa de desempregados. São pessoas que, pela baixa escolaridade, por sua condição social, ou até mesmo pela idade, não conseguem lugar no mercado formal de trabalho. Existem aquelas pessoas que suas histórias de vida foram marcadas pelo sofrimento e desrespeito e que, muitas vezes, continuam em um processo de exploração no mercado da reciclagem, tanto pelos intermediários, que muitas vezes pagam um valor bem abaixo do oferecido no mercado, como pela própria sociedade de exclusão (PINHEL, 2013).

Souza (2009) conta a história de um homem chamado José que, ao ficar desempregado em uma fábrica de calçados, se vê sem nenhuma opção de sobrevivência. Ele passa alguns anos realizando bicos, mas a renda não é suficiente para alimentar a família. Assim, ele se vê obrigado a “engolir a vergonha” e a catar material reciclável.

Mesmo havendo uma crescente produção de resíduos, segundo o autor supracitado, há no Brasil uma enorme quantidade de miseráveis para pouco lixo. Os catadores relataram

sentir medo de ter seus materiais roubados, e que por isso, durante o percurso da catação, não tiram os olhos de seus carrinhos.

A atual pesquisa corrobora com as discussões de Souza (2009) sobre a enorme quantidade de pessoas que necessitam do lixo. Percebeu-se em todas as narrativas, o cuidado que os catadores tinham em separar no lixão os produtos mais caros - como o alumínio e a borracha - e trazer consigo para guardar em suas casas e isso com medo de serem roubados no local de trabalho.

Se o material desaparece, se ele é roubado, os catadores têm que trabalhar mais para adquiri-los novamente, pois somente assim conseguiram, ao final do mês, a renda necessária para sobreviver. Pinhel (2013) conta que a catação é vinculada à extrema pobreza, pois muitos catadores buscam esse material com o objetivo de vender e sustentar suas famílias, que geralmente vivem em baixa qualidade de vida.

Contrariando em parte a mencionada pesquisa, os catadores entrevistados aqui têm uma história de sofrimento e extrema pobreza, mas, após a catação no lixão, afirmaram conseguir manter suas famílias adequadamente, pois todos possuem uma alimentação adequada, uma educação regular e podem adquirir alguns bens de consumo (moto, carro, celular de qualidade, vez ou outra conseguem sair para passear). Percebe-se uma relação direta entre satisfação profissional, aquisição de necessidades básicas e bens materiais.

Outro importante fator para o desenvolvimento da atividade é o sentimento de autonomia que surgiu em cada um dos catadores. Os três relataram a enorme satisfação em trabalhar de maneira independente, sem a necessidade de se submeter a ninguém, evitando assim a relação de dominação patrão/empregado, já que eles passam a ter poder sobre seu trabalho. Realizam a atividade sem qualquer interferência, estabelecem suas regras de funcionamento, como dia e horários de trabalho. Eles têm uma sensação de “poder” que, para Guareschi (2008), é a capacidade que cada pessoa (mesmo as que estão em situação de dominação) possui para executar qualquer prática ou atividade.

Mas que autonomia seria essa? Uma vez que a eles não é permitido adoecer, sofrer um acidente, ter acesso ao lazer, pois a renda para sustento familiar surge exclusivamente do trabalho diário e incansável. Faltam os direitos humanos não menos importantes para existir, inclusive o acesso a aposentadoria.

Uma das dificuldades que se apresenta no lixão é a presença de um ambiente inadequado. O mau cheiro, a presença de animais mortos, de muitas moscas, insetos, cachorros doentes e urubus, assim como objetos perfurantes, fezes e gases tóxicos tomam conta do local, tornando-o desagradável e suscetível a doenças como resfriados, gripes,

infecções e acidentes de trabalho, como pequenos cortes. Seria esse um ambiente em que o homem receberia condições de ser humano? O Estado conhece essa realidade, a sociedade também, mas parece que ninguém se responsabiliza por essa situação. Algumas leis foram construídas e até divulgadas, porém poucas ações efetivas foram realizadas para modificar definitivamente esse ambiente.

Apesar de um espaço inapropriado para o trabalho, o lixão se apresenta como um local de construção de vínculos e relações interpessoais. Os catadores relataram que a intimidade do dia a dia transformou os trabalhadores em uma família gigante. O lixo, segundo Miura e Sawaia (2013), proporciona a formação de vínculos e de bons encontros. Estes são percebidos como necessidades básicas do ser humano. Todo homem necessita de relacionamentos.

Um dos fatores negativos é o preconceito da população. Algumas pessoas o tratam bem e até recolhem o material e deixam em suas casas, mas uma boa parte não os reconhece em sua importância, nem mesmo enquanto seres humanos, pois muitos os tratam com ignorância, indiferença e até xingamentos.

A pesquisa de Filardi, Siqueira e Binotto (2011), realizada com 21 (vinte e um) catadores sobre suas relações com a sociedade, corroboram a presente pesquisa. Os dados encontrados foram: 43% dos entrevistados avaliaram que a sociedade reconhece a importância da atividade de catação e, por isso, muitas vezes os ajudam a guardar e a organizar o lixo, mas, para outros 57%, a sociedade desvaloriza e até humilha o catador, associando o trabalho a pessoas sujas, mostrando preconceito e deboche.

Os três relatos comprovaram que a sociedade ainda apresenta atitudes negativas em relação ao catador. Isso devido a um estigma que não foi retirado e que permanece, ou seja, de um ser sujo, sem valor e sem utilidade e que, assim como um lixo, deve ser descartado.

O catador, mesmo com sua atividade reconhecida enquanto valor ambiental (retira do meio ambiente um produto que levaria anos para se decompor), tem a sua imagem estigmatizada socialmente por um grupo consumista que não consegue diferenciar os resíduos recicláveis dos resíduos considerados lixo. Assim, os três entendem a importância da atividade e tentam reproduzir esse discurso ambiental em suas relações. Percebe-se que essa importância ambiental, de serem agentes ambientais, ainda parece não está tão clara, já que não enfatizaram essa informação, aparecendo no relato sempre em segundo plano.

A principal informação adquirida por eles e que faz toda a diferença em suas histórias é de que não são catadores de lixo, mas sim de material reciclável. Este fato tem uma

importância simbólica para a questão do reconhecimento.

A sociedade estabelece diferentes categorias de pessoas que podem ser nela encontradas, cada qual com seus atributos e com suas informações sociais (GOFFMAN, 2004). A informação social é transmitida por signos (características, comportamentos, expressões corporais) que podem completar a imagem que a sociedade possui de um determinado indivíduo. Esta informação se mostra como colaboradora na construção da identidade dos sujeitos e pode ser construída utilizando características estigmatizantes.

Já que o símbolo é um tipo de marca que caracteriza o homem, ser marcado pelo lixo é diferente de ser marcado pelo reciclável. O primeiro é jogado fora. O segundo é reutilizável. Daí a importância de se trabalhar com o segundo material.

Souza (2009) afirma que os catadores relatam a importância de tirarem os resíduos que poluiriam o meio ambiente por séculos e séculos, mas, na verdade, eles só realizam a catação para obter o sustento mínimo.

Na presente pesquisa, todas as histórias relatadas falam de um catador que valoriza sua atividade por ela se caracterizar como sua única fonte de renda. As pesquisas de Gonçalves (2004) também mostraram que a renda garante a permanência na atividade, pois é a única forma de obter a sobrevivência da família.

Um catador revelou diretamente sentir vergonha de sua atividade profissional e, por isso, o lixão foi escolhido como local em que poderia se esconder da sociedade. Outros dois afirmam que a vergonha já foi superada e agora têm orgulho de exercer um trabalho digno e não realizar atividades ilícitas. A vergonha fez parte dos sentimentos dos três, mas com intensidades e momentos diferenciados. Gonçalves (2004) encontrou em suas pesquisas resultados semelhantes quando observou que alguns catadores, principalmente os jovens, relataram sentir vergonha de exercer tal profissão.

Segundo Souza (2009), o sentimento de vergonha e humilhação ocorre devido ao fato de a catação ser um trabalho que todos podem realizar, os bêbados, delinquentes, vagabundos e todos os membros da ralé. Miura e Sawaia (2013) perceberam em suas pesquisas com catadores que todos relataram sentir vergonha em se tornar catador, pois a atividade era carregada com características negativas. Assim, alguns catadores relataram preferir catar no lixão a catar na rua, pois só assim eles não ficariam tão expostos ao olhar do outro, pois era possível se esconder e assim sofrer menos com o preconceito.

Neste estudo, um dos catadores relatou livremente sentir vergonha de ser catador, afirmando que o lixão era um lugar de liberdade e discreto, pois lá ninguém o reconheceria, já que trabalha todo coberto. Em compensação, na rua não passaria despercebido e alguém

poderia reconhecê-lo e perguntar e ele teria que responder.

Uma característica que se destaca nas narrativas é a fé em Deus, comum a todos os catadores. Os personagens descritos nas histórias buscavam força em Deus, este capaz de resolver todos os problemas, de curar, dar emprego, motivar, assim como realizar todos os sonhos. É muito comum observar nas pesquisas com catadores as falas e citações sobre Deus que constantemente aparece como alguém significativo em suas vidas. Exemplos sobre isso se encontram em pesquisas como as de Porto et al (2004) e Santos e Silva (2009). Nas pesquisas de Sousa e Mendes (2006), os catadores são agradecidos pela saúde e por tudo o que acontece em suas vidas.

Mesmo diante de tantas necessidades é possível sonhar e esperar por um futuro melhor, em que as condições ideais de trabalho e de renda serão alcançadas. Eles acreditam que as melhorias virão do acesso (seu e de sua família) educacional, de projetos como cooperativas de reciclagem e ainda de conseguir montar uma empresa particular.

Os três destacaram a importância de receber mais atenção governamental e condições dignas de trabalho. Entendem que o governo poderia conceder renda para o exercício da reciclagem (bolsa reciclagem) e ainda incentivar através de financiamentos ou empréstimos para investimentos na área.

O catador está construindo uma identidade em um movimento de inclusão e exclusão, ou seja, haveria um falso reconhecimento quando se inclui o catador em uma atividade profissional, logo, ele faz parte de uma parcela de indivíduos que trabalham e tem a condição de garantir sua sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, a própria atividade de catador o exclui a partir do momento que não se tem as condições dignas de trabalho necessárias. Sobre esse tipo de exclusão, Sawaia (2011) conta que a sociedade inclui para excluir, assim o processo de inclusão a que muitas categorias estão submetidas muitas vezes se mostra ilusório, é um reflexo de uma sociedade desigual.

A atividade é exercida em condições precárias, sem equipamento de proteção, em um lugar danoso a saúde, em uma carga horária exaustiva de trabalho, sem direitos a lazer ou férias. Além de tudo, o olhar do outro ainda o vê como um indivíduo inferior por trabalhar nessas condições. Seria uma falsa inclusão desse profissional na sociedade.

Segundo Jodelet (2011) pode-se entender o processo de exclusão ao analisar as interações interpessoais. No caso dos catadores, todos eles costumavam interagir apenas com seus familiares (que também exerciam a catação), com alguns vizinhos (localizados em um bairro pobre da cidade) e com os companheiros de trabalho (no lixão). Percebe-se em seus relatos que eles não eram bem aceitos em outros espaços da cidade, principalmente quando

vestidos com a roupa (simples, suja, fedorenta e muitas vezes rasgada) do trabalho. A sociedade estabeleceu um padrão de beleza e limpeza que muitas vezes produz a separação do catador do todo social.

Miura e Sawaia (2013) entendem o catador a partir de uma perspectiva sociológica. Para eles, o que ocorre é um processo de inclusão perversa, pois as pessoas marginalizadas e excluídas são inseridas na sociedade através do trabalho, a catação de material reciclável, atividade estigmatizada e marginalizada. Essas pessoas são incluídas, mas de maneira perversa, pois esse trabalho não é uma escolha, mas a única opção. Já a perspectiva psicossocial entende que essa é uma maneira de inserção no mercado de trabalho, e que, por isso, é satisfatório, pois é um trabalho digno, capaz de garantir o sustento da família.

Alguns autores destacam a importância de o reconhecimento do catador não se limitar ao reconhecimento de valor. Significa dizer que é necessário uma distribuição de recursos e bens para que haja um reconhecimento justo. O catador ainda não possui um retorno financeiro adequado garantido pelo trabalho. Quem sempre sai ganhando nesse mercado lucrativo da reciclagem é o grande empresário.

Segundo o IPEA (2010), na época da pesquisa, o faturamento adquirido com a reciclagem girava em torno de R\$ 1,4 bilhão e R\$ 3,3 bilhões por ano. Além disso, concluiu que, se todo o lixo depositado em lixões e aterros fosse reciclado, haveria um ganho de mais R\$ 8 bilhões na economia. Uma previsão mais recente feita pelo Compromisso Empresarial para reciclagem (CEMPRE) revelou que o negócio da reciclagem garantiria, em 2012, um faturamento de aproximadamente R\$ 10 bilhões para a economia do país.

Mesmo diante de tanto lucro, o Instituto Ethos (2007) concluiu em suas pesquisas que o sistema da reciclagem é injusto para com os catadores, pois eles são os que mais trabalham e os que menos se beneficiam. A maior parte da renda é destinada aos atravessadores, que estipulam os preços, compram e transportam para as empresas de reciclagem. Diante disso, seria necessário trabalhar o reconhecimento e a valorização do catador para haver um crescimento da atividade e aumentar os benefícios ambientais.

Para Miura e Sawaia (2013), o catador é reconhecido quanto à legalidade profissional, porém, ainda não foi reconhecido quanto aos direitos de acesso a condições de dignas de trabalho e a uma qualidade de vida para além da sobrevivência.

Não existe uma história sem personagens, e nem há personagens sem uma história. Assim na História de Vida dos catadores, alguns personagens se destacaram, tais como o personagem trabalhador, o responsável pela família, o catador, e o sonhador. Todos

foram essenciais para a compreensão do sujeito apresentado nessa pesquisa. Cada personagem pode representar a identidade e é por isso que há necessidade de conhecer cada uma em suas relações sociais, pois é justamente o conjunto de identidades que forma a sociedade (CIAMPA, 1994).

A categoria catadores de material reciclável em Icó é constituída de pessoas que se alegram, sorriem, choram, são pais, mães, namoram, fazem planos, também trabalham constantemente em uma luta pela sobrevivência, enfrentando condições inadequadas de trabalho e o preconceito da sociedade. Diante de tudo isso, eles são sobreviventes em um sistema capitalista, injusto e desigual.

É importante atentar para essa categoria social em suas necessidades e, junto com o poder público, com as universidades e com a população em geral, criar estratégias e projetos para atendê-la. Percebeu-se que algumas de suas necessidades mais urgentes foram: melhoria na qualidade de vida, melhores condições de trabalho (EPIs, ambiente de catação adequado-aterro sanitário), criação de cooperativas, educação da sociedade sobre a importância do catador, incentivo do governo federal para aumentar e melhorar o trabalho de catação.

Alguns imprevistos surgiram com a realização da pesquisa. O principal deles foi a dificuldade de acesso a um espaço reservado para a escuta das Narrativas de História de Vida. Isso porque as entrevistas foram agendadas na casa de cada catador, e as três casas visitadas eram extremamente pequenas. Por esta razão, em alguns momentos era possível ouvir a comunicação de outros familiares como choro de criança, conversas paralelas, carros de som na rua. Ao mesmo tempo, foi interessante poder observar a dinâmica familiar e a habitação de cada um deles.

Durante o desenvolvimento da pesquisa surgiram alguns pontos que poderão ser investigados em pesquisas posteriores. Seria interessante conhecer a identidade dos membros da família do catador, pois muitos também são catadores. Trata-se de um importante aspecto para compreender as relações estabelecidas entre eles, pai-filho, filho-avô, marido-mulher, assim como aprofundar os estudos sobre qual a percepção dos familiares acerca da atividade de reciclagem exercida pelo parente.

É igualmente necessário um estudo sobre a saúde mental desse catador, pois as narrativas apresentaram índices consideráveis de catadores usuários de droga, de álcool, com diagnóstico de depressão, ansiedade, transtorno do pânico e outras.

Antes de iniciar a pesquisa acreditava-se que a identidade do catador de Icó, mesmo com características de estigma, estaria adquirindo um reconhecimento de valor ambiental. Porém percebeu-se que os catadores pouco narraram esse tipo de reconhecimento.

Eles não deram muita importância a essa característica de agente do meio ambiente. Ela surge em algum momento de suas falas, mas ainda bem incipiente. Em nenhum dos três relatos o catador aparece reconhecido por algum segmento social, pois nem mesmo os atravessadores os valorizam.

Diante dos resultados apresentados surgem inúmeras reflexões, já que o singular materializa o universal, pode-se questionar sobre a quantidade de humanos que vivenciam realidades semelhantes aos personagens Pedro, Maria e José. Muitos em posição de inferioridade, donos de uma lista interminável de necessidades, sem garantia de assistência básica a saúde, economia, lazer ou aposentadoria, mas que ainda assim aparecem aparentemente incluídos no sistema democrático de direitos.

A questão da identidade é, antes de tudo, social e política. Dessa maneira, evidencia-se a necessidade de trabalhar esses dois âmbitos que estão interligados. É importante intervir junto à formação de representações e estigmas pela sociedade em relação à imagem do catador, que deve ser positivamente modificada, assim como é indispensável garantir os direitos à participação igualitária, distribuição de renda e acesso aos serviços do Estado (saúde, educação, lazer). Conclui-se que essas não são conquistas fáceis, mas deve-se acreditar que são possíveis a partir da construção de identidades com potencial emancipatório.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, L. M. (2006). **Visible Identities: Race, Gender, and the Self**. New York: Oxford University Press.

ALCOFF, L. M.; HERMES-GRACIA, M.; MOHANTY, S. P.; MOYA, P. M. L. (Ed.) (2006). **Identity Politics Reconsidered**. New York: Palgrave Macmillan.

ADORNO, S. **Prisões, violência e direitos humanos no Brasil**. Seminário Direitos Humanos no Século XXI, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:q2No1yiZQNAJ:www.fema.com.br/~direito/debora/antigos/sociologia2008/sistema_carcerario/texto04.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 06 jul. 2015.

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 191p.

ALVES, V. S. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n11/02.pdf>> Acesso em: 03 jul. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS (Abrelpe). **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2013**. São Paulo, 2013. Disponível em <<file:///C:/Users/Francisco%20Tavares/Desktop/Disserta%C3%A7%C3%A3o/panorama2013.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2015.

BASTOS, V. P. **Catador: profissão: um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador**. Jardim Gramacho, de 1996 aos dias atuais. Tese (Doutorado em Serviço Social), PUC-Rio, 2008. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/13053/13053_1.PDF> Acesso em: 01 abr. 2015.

BENVINDO, Aldo Z. **A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6948/1/2010_AldoZaidenBenvindo.pdf> Acesso em: 19 jun. 2015.

BOSI, A. de P. A organização capitalista do trabalho “informal” o caso dos catadores de recicláveis. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**.vol. 23, 2008.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. **Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/12305.htm> Acesso em: 27 fev. 2015.

CALHOUN, C. (Ed.). **Social theory and the politics of identity**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

CAVALCANTE, S.; FRANCO, M. F. A. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Rev. Mal-Estar Subj**, v. 7, n.1, p. 211-231, 2007.

CARMO, Scarlet. **A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis**: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. *Cad. EBAPE. BR*, 2009, v.7, n.4, p. 591-606. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n4/05.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

CARVALHO, I. M. M. Trabalho infantil no Brasil contemporâneo. *Cad. CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 551-569, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul. 2015.

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem. **Cempre Review 2013**. São Paulo, 2013. Disponível em <file:///C:/Users/Francisco%20Tavares/Downloads/o_195a6bo8q14sdk6l1n6o1su1q0la.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

CHANIAL, Philippe; LAVILLE, Jean-Louis. Associativismo. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J-L.; GAIGER, L. I; HESPANHA, P. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Edições Almedina, AS. Coimbra, 2009. Disponível em: <<http://www.jornaldomauss.org/periodico/wp-content/uploads/2009/06/dicionario-internacional-da-outra-economia.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Políticas de Identidade e identidades Políticas. In: DUNKER, Cristian. I. L. & PASSOS, M. C. (orgs). **Uma Psicologia que se interroga**: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002.

_____. **A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca de Emancipação**: Articulando Pensamento Histórico e Pensamento Utópico. São Paulo: Sociedade Interamericana de Psicologia - CIP., 2003.

CMMAD – Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CODO, W. Relações de trabalho e transformação social. In: LENE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2012.

COPABIANCO, J. P. O que podemos esperar da Rio-92?. **São Paulo em Perspectiva**, janeiro/junho, 1992. Disponível em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v06n01-02/v06n01-02_03.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2015

COSTA, S. F. As Políticas públicas e as comunidades terapêuticas nos atendimentos à dependência química. **Serviço Social em Revista**, v. 3, n. 2, p.1-14, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/29%20AS%20POL%20CDCAS%20P%20DABLI%20CAS%20E%20AS%20COMUNIDADE%20TERAP%20CAUTICAS-COM%20REVIS%20O%20DO%20AUTOR.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

CUNHA, M. R. R. L. Risco e consumo: a construção da identidade a partir do lixo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 19, n. 3/4, p. 185-205, mar./abr. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/986/688>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2000.

FELIZARDO, A. C. de M.; LUCAS, M. M. **A fome e a política de SAN**. Mauá – SP, 2010. Disponível em: <http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php? COD_ARQUIVO=11850>. Acesso em: 27 jul. 2015.

FERREIRA, E. **Educação ambiental e desenvolvimento de práticas pedagógicas sob um novo olhar da ciência química**. Dissertação. UNISAL, AMERICANA – SP, 2010.

FILARDI, F.; SIQUEIRA, E. S.; BINOTTO, E. Os catadores de resíduos e a responsabilidade socioambiental: a percepção sobre seu lugar social. 2011. **Rev. de Gestão Social e Ambiental**. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/1654/os-catadores-de-residuos-e-a-responsabilidade-socioambiental---a-percepcao-sobre-seu-lugar-social/i/pt-br>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

FRANKLIN, R.; PINTO, E. C. M. M.; LUCAS, J. T. et al. Trabalho precoce e riscos à saúde. **Adolesc. Latinoam.** v.2, no.2, p.80-89, mar. 2001, Disponível em: <http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302001000200004&lng=es> . Acesso em: 02 jul. 2015.

FREELAND, Steven. Direitos humanos, meio ambiente e conflitos: enfrentando os crimes ambientais. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**. Ano 2, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sur/v2n2/a06v2n2.pdf>>Acesso em 25/02/2014

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (Orgs.). **Teoria Crítica no século XXI**. Annablume, p. 113-140, 2007.

FREITAS, D. G.; FERREIRA, F. P. M. Perfil dos Catadores de Materiais Recicláveis nos Lixões de Minas Gerais. **Caderno de Geografia**, v. 25, n. 44, 2015.

FONTE, Carla A.. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 8, n. 2, dez. 2006 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 ago. 2015.

FOUCAULT, M. (1990). **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Madrid: Paidós/I.C.E.-U.A.B.

GALBIATI, A. **O Gerenciamento integrado de resíduos sólidos e a reciclagem**. 2004. Disponível em: <<http://www.limpezapublica.com.br/textos/97.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

GOFFMAN, E. **Estima**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Sabotagem, 2004.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GONÇALVES, R. M. P. **A catação de lixo na (de) formação da criança como ser social**. Tese. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

GONÇALVES, R. S. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. Dissertação. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/ icict/5344/2/625.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

GUARESCHI, N. M. F. Políticas de identidade: novos enfoques e novos desafios para a psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, 2000.

GUARESCHI, P. A. Pressupostos Psicossociais da Exclusão: Competitividade e Culpabilização. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão, análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 143-157.

_____. A. Relações Comunitárias, Relações de Dominação. In: CAMPOS, R. H. F (org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, R.; FONTOURA, Y. Desenvolvimento sustentável na Rio+20: discursos, avanços, retrocessos e novas perspectivas. **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, n. 3, artigo 3, Rio de Janeiro, Set. 2012, p.508-532. Disponível em: <<file:///C:/Users/Francisco%20Tavares/Downloads/5477-10826-1-PB.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

HECKMANN W.; SILVEIRA C. M. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. In: ANDRADE, A. G.; ANTHONY, J. C.; SILVEIRA C. M. **Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual**. Barueri (SP): Minha Editora; 2009. p. 67-87.

HONNETH, A. Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectivas na ordem oral da sociedade”. In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (Orgs.). **Teoria Crítica no século XXI**. Annablume, p. 79-93, 2007.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=23>. Acesso em: 27 fev. 2015.

INSTITUTO ETHOS. **Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2012/12/04_.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável - Região Nordeste**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/situacao_social/130820_relatorio_situacaosocial_nordeste.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2015.

_____. **Relatório de Pesquisa, Pesquisa sobre Pagamento por Serviços Ambientais Urbanos para Gestão de Resíduos Sólidos**. Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais. Brasília, 2010.

IPECE- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Básico Municipal 2011: Icó**. Fortaleza, Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2013/Ico.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2015.

_____. **A pobreza no Ceará: o tamanho do desafio e uma proposta.** Fortaleza- CE, 2010. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/textos_discussao/TD_68.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2015.

JACOBI, P. Meio ambiente e sociedade. In: **O município no século XXI: cenários e perspectivas.** Ed. especial. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima - CEPAM, 1999.

JODELET, D. Os processos Psicossociais da Exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As Artimanhas da Exclusão, Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social.** 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 55-67.

LAGO, A. A. C. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo o Brasil e as três conferências ambientais das Nações Unidas.** Brasília, 2006.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In LANE, S. T. M e SAWAIA, B. B. (orgs.) **Novas veredas da Psicologia Social.** São Paulo: EDUC e Brasiliense, 1995.

LEONELLO, J. C. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da Economia Solidária.** Tese. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2010. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bfr/33004072067P2/2010/leonello_jc_dr_fran.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

LEONTIEV, A. N. **Actividade, Consciência e Personalidade.** Fonte da Presente tradução: "Activity, Consciousness, and Personality", versão on-line do Leont'ev Internet Archive (marxists.org) 2000. Tradução para o português: Maria Silvia Cintra Martins, 2000. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activ_person/>. Acesso em 30/10/2015.

LIMA, A. F. **Metamorfose, Anamorfose e Reconhecimento Perverso.** São Paulo: FAPESP, EDUC, 2010.

_____. História Oral e Narrativas de História de Vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In: LIMA, A. F.; JUNIOR, N. L. (org.). **Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: **Psicologia Social Crítica: Paralaxes do Contemporâneo (no prelo).** Porto Alegre: Sulina, 2012.

LIMA, G. C. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade**, v. VI, n. 2, jul./dez. 2003.

MACIEL, F.; TORRES, R. Trabalho, reconhecimento e democracia: aplicando teorias de vanguarda ao contexto periférico. In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (Orgs.). **Teoria Crítica no século XXI.** Annablume, p. 79-93, 2007.

MARUBAYASHI, I. M.; GIOMETTI, A. B. dos R. **Catadores: a luta pela sustentabilidade**. I Seminário Internacional De Pesquisa Em Políticas Públicas e Desenvolvimento Social. Franca, 22 a 24 de setembro de 2014.

MEAD, G. H. A brincadeira, o jogo e o outro generalizado. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, janeiro/julho 2010. Traduzido de Mead, G. H. (1967). Mind, self, and society (pp. 152-164). Chicago: The Chicago University Press, por Marília Novais da Mata Machado. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/volume5_n1/mead.pdf> Acesso em 12/10/2015.

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K.B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, v.18, n.2, p. 62-71, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/08.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

_____. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobrevive. **Rev. Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional (G&DR)**, v. 3, n. 2, p. 72-94, mai-ago /2007.

MEIRELLES, D. R. S.; GOMES, L. C. M. **A busca da cidadania, a cooperativa de catadores de materiais recicláveis do aterro metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias–RJ**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1139.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MIURA, P. O.; SAWAIA, B. B. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/10.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

MNCR-Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. **Cartilha de formação**. Secretaria Nacional do MNCR. Produção e Editoração: Setor de Comunicação do MNCR, 2005.

_____. **Carta de Brasília**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.mnccr.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. **Carta de Caxias do Sul**. Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://www.mnccr.org.br/box_1/principios-e-objetivos/carta-de-caxias-do-sul>. Acesso em: 18 abr. 2015.

MORAES, C. A. S. Catadores da sobrevivência: a “matéria viva” no cenário do lixo. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 11, p. 109-124, jan./dez. 2009.

OLIVEIRA, L. D. **A Conferência do Rio de Janeiro - 1992 (Eco-92): Reflexões sobre a Geopolítica do Desenvolvimento Sustentável**. In: VI ENANPPAS - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2012. Belém: ANPPAS / UFPA, 2012. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT15-170-31-20120626115525.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

OLIVEIRA, L. D. Rio + 20: Reflexões sobre geopolítica e ideologia. **Espaço e Economia**. Ano II, n. 4, 2014.

OLIVEIRA, M. M.; LUDWIG, M. P.; GRIFFITH, J. J. ; SILVA, P. F. G. **Catadores de materiais recicláveis e suas representações sociais sobre lixo e trabalho**. Dissertação. Faculdade de Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa-MG, 2007.

Disponível em: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/Vseminario/Anais_V_Seminario/meio/comu/CATADORES%20DE%20MATERIAIS%20RE CICLAVEIS%20E%20SUAS%20REPRESENTACOES%20SOCIAIS%20SOBRE%20LIXO%20E%20TRABALHO.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

PEREIRA, I. L. Identidades em rede: construção identitária e movimento associativo. **Sociologia**, set., n. 40, p. 87-106, 2002.

_____. **Os catadores de materiais recicláveis como agentes para a construção das cidades sustentáveis**. GRAL, 2013 – III Conferência Internacional de Gestão de Resíduos Sólidos na América Latina. Disponível em: <http://gral.eng.br/g/images/easyblog_images/73/OS-CATADORES-DE-MATERIAIS-RECICLVEIS-COMO-AGENTES-PARA-A-CONSTRUO-DAS-CIDADES-SUSTENTVEIS-GRAL2013.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015.

PINHEL, J. R. O catador de materiais recicláveis. PINHEL, J. R. (Org.). **Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

PORTO, M. F. S.; JUNCÁ, D. C. M.; GONÇALVE, R. S.; FILHOT, M. I. F. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2004.

RAMOS, M. M. G. **Importância do uso dos equipamentos de proteção individual para os catadores de lixo**. Salvador – Bahia, 2012. Monografia. Disponível em: <http://bibliotecaatualiza.com.br/arquivotcc/ET/ET04/RAMOS-milena.PDF>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

RICOEUR, P. **O si mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Historia y Narrativid**. Barcelona. Ediciones Paidós, 2009.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?** Rio de Janeiro: Editora RGV, 2003.

RUA, Maria das Graças. Análise de Políticas Públicas: Conceitos Básicos. In: RUA, Maria das Graças; VALADAO, Maria Izabel. **O Estudo da Política: Temas Seleccionados**. Brasília: Paralelo 15, 1998.

SANTOS, J. C. **O estigma da doença mental: compreensão e ações dos trabalhadores dos CAPS**. Dissertação. São Paulo, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Francisco%20Tavares/Downloads/Jussara_Santos_Corrigida.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2015.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. Há dignidade no trabalho com o lixo?: Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jul. 2015.

SAWAIA, B. Introdução: Exclusão ou Inclusão Perversa? In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão, análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 07-13.

_____. O Sofrimento Ético Político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão, análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.99-119.

SEIFFERT, M. E. B. **Gestão ambiental, instrumentos, esferas de ação e educação ambiental**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

SILVA, R. B. **O movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis: atores, governação, regulação e questões emergentes no cenário brasileiro**, v. 3 n. 2, Florianópolis, jul/dez 2006. Disponível em: <<http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/11655.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

STRAUB, J. Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa. In: GALLE, H.; OLMOS, A. C.; KANZEPOLSKY, A.; IZARRA, L. Z. (Orgs.) **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume; Fapesp; USP, 2009.

SOUSA, C. M.; MENDES, A. M. Viver do lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal estudo exploratório. **Rev. psicol., organ. trab.** v.6, n.2, p. 13-41, 2006.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, T. M. (orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

SOUZA, J. **Ralé Brasileira, Quem é e como vive**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_rale_brasileira.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

_____. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

TEIXEIRA, K. M. D. Trabalho e perspectivas na percepção dos catadores de materiais recicláveis. **Psicologia & Sociedade**. Viçosa/MG, 2015.

VELLOSO, M. P. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000500008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 jul. 2015.

VIEIRA, M. E. A. **Percepção de autonomia entre catadores de materiais recicláveis de associações e organizações privadas de Fortaleza- CE**. Dissertação. Universidade de Fortaleza, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES- CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS (ICÓ)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC
PESQUISA MESTRADO

QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES- CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS (ICÓ)

I – IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Nome: _____
 Rua/Avenida: _____ N°: _____
 Referência: _____ Data: _____
 Tel.(s): _____ Email: _____

1. Informações pessoais:

Nome	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Estuda?	Renda Mensal

2. Qual a sua cor/raça?
 1. Preta 2. Parda
 3. Branca 4. Amarela
 5. Indígena

3. Qual a sua religião?
 1. Ateu 2. Católica
 3. Evangélica 4. Espírita
 5. Umbanda 6. Candomblé
 7. Crê em Deus sem doutrina
 99. Outro. _____

4. Qual o seu local de nascimento?
 Estado: _____
 Cidade: _____

5. Qual cidade você mora atualmente?

6. Há quanto tempo você mora na sua cidade atual?

7. Se você veio de outra cidade (município de nascimento), Qual o motivo da mudança para a atual cidade em que você mora?
 1. Trabalho 2. Família
 3. Aposentadoria 4. Estudo
 5. Saúde 6. Fé/Religião

II – CONDIÇÕES SÓCIO- ECONÔMICAS

8. Qual a condição de posse de seu domicílio?
 1. Alugado 2. Próprio s/ registro
 3. Próprio c/ registro 4. Cedido/Emprestado
 99. Outro. _____

9. Qual tipo de construção do seu domicílio?
 1. Alvenaria 2. Adobe
 3. Barraco 4. Taipa

10. Qual a origem da água utilizada no domicílio?
 (múltipla escolha)
 1. Represa 2. Barreiro
 3. Poço 4. Cachimba
 5. Cisterna 6. Cagece; valor: _____
 7. Cedida por vizinhos 8. Ligação clandestina

11. Qual a origem da energia utilizada no domicílio?
 (múltipla escolha)
 1. Querosene 2. Bateria
 3. Gerador 4. Solar
 5. Gás 6. Coelce; valor: _____
 7. "Gato" (ligação clandestina)
 8. Cedida por vizinhos

1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC
PESQUISA Mestrado

12. Quais dos seguintes aparelhos o domicílio possui?
(múltipla escolha)

1. Televisão 2. DVD
 3. Fogão 4. Máquina de lavar
 5. Geladeira 6. Freezer
 7. Computador 8. Rádio
 9. Telefone celular 10. Telefone fixo
 11. Parabólica 12. Filtro

13. Qual a condição de esgotamento sanitário do seu domicílio?

1. Ligada à rede geral de esgoto
 2. Ligada à fossa séptica
 3. Ligada a fossa rústica (fossa seca, poço, buraco)
 4. Não possui esgotamento sanitário

14. Qual o destino do lixo domiciliar?(múltipla escolha)

1. Coloca no lixo para coleta sem separação
 2. Coloca no lixo para coleta seletiva
 3. Queima
 4. Enterra
 5. Coloca em terreno baldio
 6. Transforma em adubo
 99. Outro. _____

15. Quais destes serviços públicos você e/ou os que moram no seu domicílio tem acesso?

1. Praça
 2. Creche
 3. Escola de ensino fundamental e/ou médio
 4. Instituição de ensino superior pública
 5. Restaurante popular
 6. Farmácia popular
 7. Equipamentos sociais (CRAS, CAPS, CREAS, NASF)
 8. Posto de saúde
 9. Hospital

16. Você ou algum membro do seu grupo familiar recebe renda de programas governamentais?

1. Sim 2. Não

17. Caso a resposta seja SIM à pergunta 16, qual o programa? (múltipla escolha)

1. Bolsa Família
 2. PROJOVEM
 3. Minha casa, minha vida
 99. Outro. _____

III – ASPECTOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

18. Você considera importante participar de cursos de capacitação?

1. Sim 2. Não

19. Você já participou de algum curso de Capacitação?

1. Sim 2. Não

20. Caso a resposta seja NÃO à pergunta 19, por que não participou?

1. Porque não tive a oportunidade
 2. Porque não tenho tempo
 3. Porque não tenho condições financeiras
 4. Porque não acho necessário
 5. Porque não fiquei sabendo/não fui convidado
 99. Outro. _____

21. Você considera seu trabalho atual importante?

1. Sim 2. Não

22. Caso a resposta seja SIM à pergunta 21, por que você considera seu trabalho importante?(até 2 opções)

1. Porque é minha fonte de renda
 2. Convivo com outras pessoas
 3. Sinto-me bem
 4. Porque beneficia a comunidade
 5. Porque contribui com o meio-ambiente
 99. Outro. _____

IV. QUESTÕES ESPECÍFICAS

23. Há quanto tempo você trabalha como catador?

24. Esta atividade é a sua principal fonte de renda?

1. Sim 2. Não

25. Qual a sua renda mensal proveniente da atividade de coleta de material reciclável?

26. Em que ordem de prioridade você gasta o seu rendimento mensal? Numere em uma escala crescente de 1 à 7.

- Alimentação
 Saúde
 Educação/escola
 Lazer
 Higiene
 Outro. _____

27. Além da atividade de catador, alguma das atividades listadas proporciona renda para você atualmente?

1. Trabalhador rural
 2. Agricultura familiar
 3. Empreendedor Formal
 4. Empreendedor Informal

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC
PESQUISA MESTRADO

5. Funcionário público
 6. Empregado doméstico
 7. Assalariado c/ carteira
 8. Assalariado s/ carteira
 9. Pensionista / aposentado
 99. Outro. _____

28. Contribui para planos de previdência?
 1. Sim 2. Não

29. O que levou você a coletar material reciclado?
(múltipla escolha)
 1. Opção própria
 2. Estava desempregado e essa foi a única alternativa de trabalho
 3. Oportunidade de ganhar mais dinheiro
 4. Exerço essa atividade apenas coo "bico", tenho outra profissão
 5. Vontade de contribuir com o meio ambiente
 6. Para ajudar familiares e/ou amigos
 99. Outro. _____

30. Qual atividade econômica (profissão), você exercia antes de coletar material reciclável?
 1. Nunca exerci outra atividade
 2.: _____

31. Como você adquire a maior parte do material que coleta?
 1. Comprando de outros catadores
 2. Recolhendo na vizinhança
 3. Recolhendo no lixo nas ruas e calçadas
 4. Catando no lixão da cidade
 5. Recebendo doações
 99. Outro. _____

32. Quais as dificuldades que enfrenta na coleta?
(Numere em grau de importância em uma escala crescente de 1 à 6.)
 1. Preconceito da população
 2. Material reciclado misturado com lixo orgânico, contaminado ou perfuro-cortante
 3. Ausência de equipamentos de proteção e carrinho próprio e adequado
 4. Ausência de local apropriado para fazer a triagem
 5. Concorrência desleal dos outros catadores
 99. Outro. _____

33. Quais as dificuldades que enfrenta na comercialização do que coleta? (múltipla escolha)
 1. Falta de preço justo
 2. Falta de procura pelo material
 3. Distância do local que vende
 4. Preconceito com quem coleta e vende material reciclado

5. Não dona/desconhece os números e cálculos do peso de cada material e tem a sensação de estar sendo enganado
 6. Não possui local conveniente /adequado para a comercialização
 99. Outra. _____

34. Para quem você vende o seu material reciclado?
(marque até 02 opções)
 1. Para outros catadores
 2. Para um atravessador que revende para uma empresa
 3. Na própria empresa/usina de reciclagem
 4. Para a Associação/Cooperativa
 5. Em ponto comercial de particular em Juazeiro do Norte
 6. Para a Prefeitura
 7. Troco tudo ou a maior parte do que coleteo
 99. Outro. _____

35. Com qual frequência você sai para coletar?
 1. Todos os dias (de domingo a domingo)
 2. De segunda a sábado
 3. De segunda a sexta
 4. Até no máximo três dias por semana
 5. Apenas nos finais de semanas, festas e eventos
 99. Outro. Qual? _____

36. Com quem você costuma coletar geralmente?
 1. Sozinho
 2. Com um grupo
 3. Com família (cônjuge, filhos)
 99. Outro. Qual? _____

37. Quantas horas costuma coletar por dia?
 1. Menos de 8 horas
 2. Mais de 8 horas
 3. Mais de 12 horas

38. Quais meses do ano de maior demanda para seu trabalho de coleta? (múltipla escolha)
 1. Janeiro 2. Fevereiro
 3. Março 4. Abril
 5. Maio 6. Junho
 7. Julho 8. Agosto
 9. Setembro 10. Outubro
 11. Novembro 12. Dezembro
 13. O ano inteiro

39. Qual o melhor horário do dia para coletar?
 1. De manhã bem cedo, antes de começar o maior movimento nas ruas
 2. Durante a manhã
 3. Durante a tarde
 4. No final da tarde e início da noite
 5. A noite, depois que diminui o movimento
 6. De madrugada